

# REVISTA DO ENSINO

APPARECE A 15 DE CADA MEZ

## SUMMÁRIO de 15 de Janeiro de 1912

Malazarte (DRAMA SMBOLICO DE GRACA ARANHA).....	<i>Fléxa Ribeiro.</i>
Biologia (POSICÃO DA BIOLOGIA NA JERARCHIA DAS SCIÊNCIAS; SEUS LIMITES).....	<i>Acyllino de Leão.</i>
Páginas escolhidas (PADRE MANUEL BERNÁRDEZ.—LENDA DA MULHER MARINHA).....	<i>F. R.</i>
A Escóla (POESIA).....	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
História da Terra (QUARTA LIÇÃO.—ÉPOCAS CARBONIFERAS).....	<i>S. de Padilha.</i>
História da Arte (ESCÓLAS AMERICANAS.—MEXICO, PERÚ, BOLIVIA, COLOMBIA, VENEZUELA, EQUADOR, CHILE, ARGENTINA, URUGUAY, PARAGUAY).....	<i>Paes Barreto.</i>
Questões de grammática e philologia (ANOMALIAS CONVENCIONAES DA ORTHOGRAPHIA PORTUGUESA.—VOZES E DITONGOS NASAES).....	<i>Ferreira dos Santos.</i>
Curiosidades Scientificas (A PHOSPHORESCENCIA NO MAR).....	<i>Octávio Graça.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATÓRIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO)	<i>Augusto Olympio.</i>
Noticias litteraryes (Discursos e conferencias, POR JOAQUIM NABUCCO. TRADUCCÃO DO INGLÊS DE ARTHUR BOMILCJE.—Conferencias, POR MARTINS BÉSSA).....	<i>Fernão d'Azurara—O. N.</i>
Pelo Magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>L. L.</i>
A instrucção pública nos Estados (RIO DE JANEIRO).....	<i>N.</i>
Notas e noticias.....	
Legislação do Ensino.....	<i>F. de S.</i>
Bibliographia.....	

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A CAIXA POSTAL N. 502

BELEM

PARÁ—BRASIL

Nov. 19 - B - 1912

**Director:** Desembargador **AUGUSTO OLYMPIO** — **Redactor-chefe:** **FLÉXA RIBEIRO**  
(SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR)

**Secretario geral:** **OLAVO NUNES**

**Redactores:** Drs. LEOPOLDINO LISBOA E JURUEMA FRANCO

---

## Principaes collaboradores

---

DR. R. MOREIRA DE SOUZA, PROFESSOR JOÃO DE FIGUEIREDO,  
ALVES DE SOUZA, DR. ACYLINO DE LEÃO, PROFESSOR EUSTACHIO DA COSTA  
RODRIGUES, DR. PAULINO DE BRITO, DR. THEODORO BRAGA, A. DUCKE,  
ALFREDO LAMARTINE, DR. VIRGILIO CARDOSO, DR. JOÃO CHAVES,  
DR. OSCAR DE CARVALHO, DR. PAES BARRETO

---

A REVISTA DO ENSINO tem suas columnas francas á collaboração dos membros do magistério  
público e pessoas dedicadas  
ao estudo das questões de ensino, sob censura da redacção

---

Para tudo o que fôr concernente á REVISTA DO ENSINO, dirigir-se ao  
sr. Olavo Nunes, na Secretaria do Interior (das 9 ás 11 horas do dia)

---

## ASSIGNATURAS

Pará.....	Doze mil réis, por anno
Outros Estados .....	Quinze mil réis
Número avulso .....	Mil e quinhentos réis

Para o professorado primário official será de 10\$000 a assignatura annual.

---

Todo assignante da REVISTA DO ENSINO terá direito a uma bella capa, trabalho original de reputado professor de desenho, impressa em percalina, e que será distribuida quando completo o 1.º tomo, para sua especial encadernação.

---

**Publicação official de sciencias, letras e especialmente de**  
pedagogia.

# Consultório Médico Cirúrgico

Largo da Misericórdia, 14 (esquina da Rua 13 de Maio)

Das 9 ás 11 horas da manhã, e das 2 ás 6 da tarde

Dr. Carlos Ornstein



Dr. Acylino de Leão

Dr. E. d'Utra-Vaz

Dr. Oswaldo Barbosa

## Instalação completa de Agentes Physicos

Raios X, Luz de Finsen e Uviol, Electricidade: galvânica, farádica, alta-frequência, banhos hydro-elétricos, cautério, endoscopia, electrólise, ionização; Método de Bier, Ar quente, Massagens. Operações (instrumental aperfeiçoado, aparelhos de esterilização) Injecções endovenosas de Salvarsan (606)

Diagnóstico pelos Raios X (Radioscopia e Radiographia) nas moléstias internas, tumores, fracturas, corpos extranhos. Cura pelos Raios X: das Tinhas, Sycoses da barba, Verrugas, Cancroides, Cancros do seio, Escróphulas. Cura pela Luz: do Lupus, Acnes ou Espinhas, Manchas. Tratamento pela Electricidade: da Hysteria, Neurasthenia, Parálisias, Fraqueza geral, Gota, Diabetes, Obesidade, Arteriosclerose, Rheumatismo, Dyspepsias, Vômitos incoerciveis, Prisão de ventre, Varizes, Aneurismas, Metrites. Cura pelo Bier: de Ulceras, Feridas atónicas, Furúnculos, Anthrases, Inflammções.

# LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAPELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primaria e secundaria, romances, postaes e papeis  
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos.  
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de  
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

*Fabrica de livros em branco.*

*Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos*

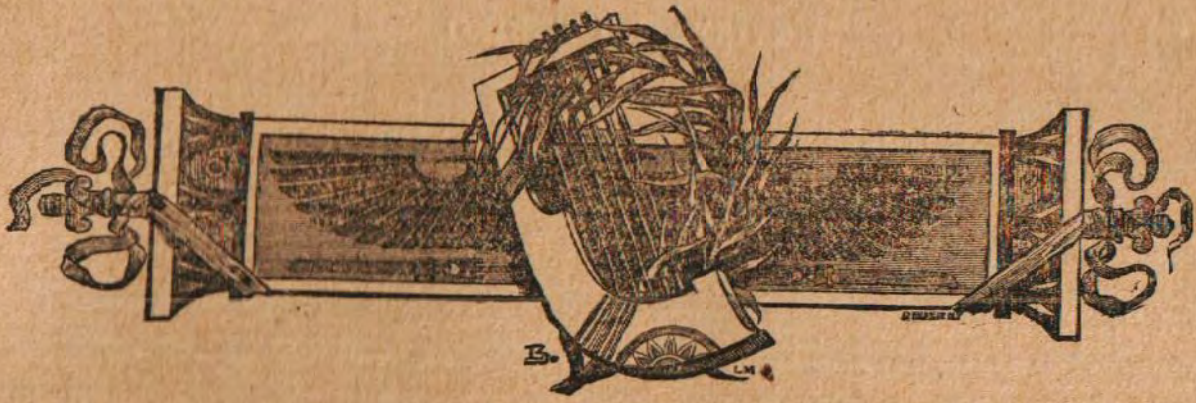
CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

**Preços reduzidissimos**

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15—Rua 15 de Novembro—15

PARA'—BELEM



# Malazarte

*Drama simbólico de GRAÇA ARANIA,  
com ilustrações de F. MONTAGNY, ed. BRIGUIET—Rio.*

**A** obra de arte nem sempre é o producto de um labôr demorado e silencioso. Os processos em que se dynamisa a imaginação criadora podem ser seriados em dois métodos de inspiração.

A intelligência duma actividade sonhadôra, mas ágil em presentir as harmonias dos contrários na Natureza, em estabelecer a unidade esthética na multiplicidade chaótica do Universo, sae do devanêio poético, do êxtase meditativo, a bruscas impulsões revelatrizes, dominada por uma espécie de subconsciência no *devenir*, fascinada pela apparencia de uma abstracta perfeição.—E' o que, vulgarmente, se denomina inspiração.

Outro método, que me parece o dominante em obras de longa operosidade técnica, é o da reflexão.—Convem notar, porem, nesse meandro da psychologia inventiva, que um exame mais perspicaz, minudente e destendido aos recônditos da vida interiôr,—nos leva a concluir que esses processos de criação só na apparencia se patenteiam antagônicos. A' gênese da obra

d'arte, em realidade, elles se completam, differenciando-se apenas no gráu de intensidade, sendo que, em certas naturezas e segundo o gênero literário preferido, ha predominância de um, ou de outro.

O início mysterioso da concepção, a aurora genesiaca da idéa continuam a ser phenómenos ainda pouco expostos á curiosidade scientifica, jazendo, como as próprias forças da matéria, no recato inviolável da Natureza.

Talvez uma successão de energias vibratórias, ao choque multifórme das imagens, das suggestões parciais do Universo, possa determinar um prolongamento de sensações emotivas até á incidência num ponto único. E na névoa cerebral em que tudo auxilia a apparição criadora, sem que nada a determine, mas na qual a vida prestes a nascer se agita na bruma—reside, de certo, a origem dessa *attitude mental*.

Nos *inspirados*, ha verdadeiramente a allucinação coordenadora das imagens: e é por uma espécie de milagre da producção que a obra se architecta e desinvolve, se ornamenta e homogeniza, arroubada e vibrante, cheia de estremecimentos profundos, nascidos de um ser desconhecido de nossa consciência, que nos commove como uma revelação de nós-mesmos. E' o acto inconsciente do pensamento; producto de uma série de estados similares da nossa sensibilidade, que nos surprehende pela sua explosão liberta do acto volitivo.

Para outros, então, é um esforço angustioso, uma tortura inquisitorial de todos os momentos, ora se abysmando na noite álgida dos desalentos, ora resurgindo á nova luz que desponta, —victimas que se opprimem e exhaurem em plena consciência, á lucidez racional da criação.

E' a inspição scenográfica de Victor Hugo ou o supplicio sobrehumano e lapidar de Gustavo Flaubert.

Estes conceitos me chamaram a attenção, á leitura de *Malazarte*.

Sem conhecer, de intimidade, o Sr. Graça Aranha, vejo, no entanto, através da tecitura singela de sua frase, na ordenação regular dos períodos, no lavôr methodico das idéas, que o seu processo artistico se filia á segunda categoria das duas analysadas.

E' uma intelligência clarividente, de lucidez na profundez, apenas velada á superficie, e que procede por actos de reflexão demorada, jungida á timidez de banalizar-se, e implacavel na crítica de suas próprias obras. Se por um lado, o engendrar lento e consciente traça o zodiaco em que póde esvoaçar a imaginação, por outra parte, impede o transbordamento da producção á simples impulsividade esthética,—e faz que os livros de Graça Aranha se annunciem no céu pratricio, como os cometas, raros e attrahentes.

A predilecção de belleza do escritor, nos variados gêneros plásticos da arte literária, é o poema.—Parecerá singular esta affirmativa em se tratando de Graça Aranha, mas tanto *Chanaan* como *Malazarte*, na differenciação das formas literárias, pertencem áquella série.

Uma qualidade do espirito do autôr, que é mester assignalar, de começo, é o seu dilecto pendôr pela meditação, pelo collóquio com as idéas geraes, philosophicas, que dominam toda a esphera do conhecimento. D'aí o destino de sua obra revestir-se d'um carácter universal. Pode-se ainda affirmar que de seu exíguo fabulário d'arte resalta um constante diálogo das idéas.

*Malazarte* é typo popular, que vive na memória das nossas tradições éthnicas como uma das figuras moraes de inequívoco entono, e das mais representativas do nosso génio. Dessa effabulação mythica da imaginaria vulgar, que a alma do povo arrasta num enfeitiçado enlêvo, e que, agitando-se sómente nos domínios da lenda popular, parecia haver perdido a sua physionomia esthética—o artista fez uma criação humana, e viva, e representativa, como o symbolo do destino, da própria vida, levada no rustilhão da fatalidade, que o homem não pode dominar, e explica o seu império inventando a illusão das causas e dos effeitos.

Como as energias vivas da matéria, *Malazarte* circula em todo poema: elle é a sombra que entristece á projecção da imagem das coisas; a claridade sorridente que nos desperta para as alegrias; o sonho aberto em rosas de scismas num olhar que nada fita, a percuciência duma expressão que trás o sello fatídico do aniquilamento. — E' a tyrannia impassivel da natureza ante as inquietações moraes de nossa consciência.

Com áspero relevo, duma significação allucinadora, destaca-se do drama a imagem fascinante de Dyonisia, que por sua extranha e perturbantê psychologia de sirena incantada, valeria, por si só, um poema aparte.

Da obra dramática é a figura mais bem dotada de qualidades inexgottaveis de emoção, vibrando entôrno ao seu vulto a ronda mágica e lunar dos elfos fascinadores. É a que derrama no decorrer dos episódios, em mais alto grau, crescente intensidade na irradiação espiritual, polarizando noss'alma para os grandes estados da visão plástica. Seu corpo se projecta em sombras successivas.

Aquella indentificação com o mar na perpetuidade successiva de suas ondas, lhe empresta uma acção trágica, um murmúrio vasto, sem horizontes, uma vida profunda e indeterminada, múltipla e indivisa como se ella fôra uma encarnação super-orgânica, o elo biológico e ao mesmo tempo a synthese psychica da evolução das fórmulas mais simples da vida sensível, que germinaram nas entranhas parthenogénicas das águas. Seria de attrações allucinantes, Aphrodite geratriz da vida, chamma eterna do movimento genesiaco, origem oceânica dos germens, *Fons Vitae*— Dyonisia! symbolo trágico e immortal da criação pairando já no intangível céu de espiritualidade . . . Tudo se fecunda e multiplica á tua delirante fome de germinação: os sentimentos se aniquilam á tua vontade soberana de omnigeração, pois que és a cinesthesia suprema da vida, a própria vida, instincto tyránnico e sideral do prazer!

E uma idêntica corrente de sympathia moral se estabelece entre a criação e a sensibilidade do criadôr, que o desenho psychographico da personagem desperta as mais bellas imagens verbaes de sua obra.

A linguagem, até então serena e límpida, duma casta pulchritude, se neblina em crepúsculos de volúpia á apparição anadioménica da mulher-symbolo, e o estylo se lhe mostra perseguido por um rythmo accelerado que se desarticula na instantaneidade de brilhos fugidios, brunindo-se de tons largos, abertos em primaveras, duma monochromia impressionante pela nitidez com que representa, no atormentado das palavras, a tuga indomavel das idéas.



## DYONISIA

*E que alegria em tudo! Quando o mar geme, é um canto tão bello que esquecemos ser uma lamentação... E eu me rio das desgraças do mar. Se um pássaro canta lúgubre á noite, nós gosamos do som puro e da clara melodia que nos enchem os ouvidos. Eu só vejo a belleza e não a dôr! Só ha alegria na vida.*

.....

Perseverante no invite á Cytheréa:

*Vem... Vamos... Eu te cantarei os cantos do mar. Tudo é um só e inextinguivel canto: mar, vento, aves, plantas, e nos bússios da praia, tu ouvirás ainda a minha voz. Não é o canto das águas, é o meu canto: guardado para os que amo, o canto que te espera, canto de saudade e de amor... São as vozes dos meus profundos desejos.*

.....

E de novo murmúra; e de novo súplice no desejo:

*Eu quisera desapparecer na tua natureza como a luz desapparece nas trevas poderosas. Tu carregas o fardo do passado e o espanto do futuro... Só Malazarte é extranho ao tempo... é o espelho do universo, sempre eterno, sempre vário...*

Nesta revoada das grandes idéas, das fundas energias, o poema se dilata e expande em suas afinidades de poder evocadôr,—com a elevação moral de Malazarte e desdobramento psychico de Dyonisia—como obra profundamente dramática, embora sem longo êxito scênico.

Desenhado porem o arcaboço do drama, na architectura das peças-mestras, e vendo-a com intenção coordenante de symbolos e allegorias—assignalo a certeza duma concepção bilateral.

E assim, o jogo de estados theatraes oppostos lhe quebra a uniformidade trágica, bifurcando em latitudes de vida sensivel a sua acção dramática por fórma a nos inquietar, impacientando-nos, e rasgando, nessa deslocação de forças emotivas, o senso de nossa comprehensão moral e o translúcido véu que nos velava o êxtase pathético, que é o ambiente fecundo para o florescimento das commoções artisticas.

O meio em que se expandem Malazarte e Dyonisia é

por demais diverso do em que vegetam o Advogado e o Credôr. Ha uma sutura na zona cósmica em que o poema germinou, e que os typos de transição morphológica—Eduardo e Almira—mal podem cerzir, pospontando-a apenas para o effeito scenográfico da visão. E' uma frequente adaptação, nessa variabilidade de luz e de calôr, em que se polariza o espirito magnético do drama.—Como a acção foi escrita para fim dramático, quero ver-nessa mutação de personagens e ambiente, em que os grupos se não harmonizam fugindo num impulso centrífugo de eixo geral da peça—antes um método occasional do que um processo definitivo de arte. O autôr quis decerto emprestar á sua obra maiores qualidades na carpintaria do theatro, de feitio a seduzir a generalidade dos auditores.

Salvante essa dilatação para extremidades dispaes que se não conglobam num effeito intenso e único, *Malazarte* se me affigura, na sua synthese esthética e philosophica, como sendo obra altamente assignaladôra de nossa mentalidade, podendo-se-lhe gravar na cartella do frontão symbolista,—que ella é sem antecedente, neste gênero, nas letras portuguesas.

Drama de excellentes qualidades metaphysicas, *Malazarte* se reflecte á corrente dos escritores que praticam o que se poderia chamar—*mysticismo dyonisiaco*. E um analysta mais sagaz indicaria o mago Villiers de L'Isle-Adam, como fonte hereditária dessa tendência espiritual de Graça Aranha.

Para o autor de *Chanaan* as idéas, que são as substancias das coisas, suggerem as emoções; e estas são estados transitórios, mais ou menos intensos, d'aquellas fases definitivas.

Como fábulas d'arte em que os pensamentos se revestem de fórmulas drámaticas, os livros do artista nacional são trabalhos de excepção na actividade mental brasileira. Guardo a certeza de que Graça Aranha, no meio da nossa producção sem força individualizante, ha de se contemplar com serena indifferença, repetindo-se estas palavras cabalisticas de Axël: *Je suis un roi pauvre. Si la plendeur du paternel trésor m'était dévoilée, je pourrais choisir en liberté:—mais quoi! je n'ai même pas le mérite du sacrifice: le Destin me force à vivre de rêves.*

# BIOLOGIA

## Posição da Biología na jerarchia das sciências; seus limites

Por ACYLINO de LEÃO

Augusto Comte, no plano de classificação das sciências positivas, collocou a Biologia antes da Sociologia, e empós á Chímica, á Physica, á Astronomia e á Mathemática.

Segundo o pensar do grande philósopho, a propriedade mais interessante d'esta fórmula encyclopédica é o seu effeito sôbre a educação, geral ou scientifica. Nenhuma sciência pode ser estudada com êxito sem que se esteja preparado por um conhecimento sufficiente das sciências anteriores, de que depende. D'ahi decorre a subordinação da Biologia ás sciências que a precedem, e as suas relações com ellas e com a sciência que se lhe segue, a Sociologia.

Sua verdadeira posição na jerarchia das sciências é determinada pelo conjuncto das relações essenciaes, quer de méthodo, quer de doutrina, que guarda com todas ellas: d'onde resulta naturalmente a exacta determinação do gênero e do grau de perfeição especulativa que comporta, bem assim a do plano geral da educação primórdia melhor adaptada á sua cultura systemática.

A relação da Biologia com a sciência social é evidente. E' pela parte mais transcendente da Biologia, os phenómenos intellectuaes e moraes, que a Sociologia lhe está mais intimamente ligada.

A Biologia deverá fornecer o ponto de partida de toda especulação social, de accôrdo com a anályse das faculdades sociaes do homem e das condições orgánicas que determinam seu carácter.

O conjuncto da evolução social da humanidade deve de estar em perfeita harmonia com as leis biológicas: os phenómenos sociaes fundam-se na invariabilidade necessária do organismo humano, cujos caracteres physicos, intellectuaes e moraes se encontram essencialmente os mesmos e sempre indenticamente coordenados entre si em cada grau da escala social (Comte).

A' Chímica, a Biologia deve, por sua natureza, subordinar-se da maneira mais directa e mais completa.

De accôrdo com a anályse elementar do phenómeno geral da vida, é irrecusavel que os actos fundamentaes cuja successão perpétua caracteriza um tal estado, são necessariamente chímicos, consistindo em uma série contínua de composições e de decomposições mais ou menos profundas.

Para Le Dantec a vida é nada mais nada menos que um phenómeno chímico, isto é, os caracteres essenciaes por que uma acção vital differe duma manifestação da actividade da matéria bruta são relativos ás destruições e construcções de edificios moleculares.

Ademais, é á Chímica que cabe fornecer o verdadeiro ponto de partida de toda theoria racional da nutrição, das secreções, e em uma palavra de todas as funções da vida, pois cada uma é sempre dominada, em seu conjuncto, pela influencia das leis chímicas. A respiração é um phenómeno puramente chímico: a hemoglobina dos glóbulos vermelhos do sangue combina-se, nos alvéolos do pulmão, ao oxigênio do ar, para conduzi-lo á intimidade dos tecidos, a servir á queima orgânica, oxydando o carbono residual; depois, o mesmo sangue vecta para o exterior o gaz carbónico, que é a fumaça d'essa combustão. O estómago é uma verdadeira retorta de laboratório, onde os fermentos digestivos atacam os alimentos para trasformal-os em productos assimilaveis. O figado fabrica um assucar, o glycogênio, á custa dos hydratos de carbono e até das substâncias albuminoides ingeridas. O organismo produz uréa, carbamida de excreção, a expensas dos corpos azotados alimentares; ora, essa mesma uréa pode-se obter syntheticamente por todos os processos de preparação das amidas (Maurice Arthus).

Independentemente d'esta subordinação directa, fundamental da Biologia á Chímica, esta pode fornecer áquella, sob o ponto de vista do método, recursos mui preciosos. A natureza menos complexa dos phenómenos chímicos tornam a observação e sobretudo a experimentação mais perfectas. D'ahi, o estudo philosophico dos phenómenos chímicos, pela sua menor dissemelhança com os phenómenos biológicos do que os de outra qualquer sciência, é susceptivel de contribuir mui utilmente á sã educação preliminar dos biologistas no que concerne á arte geral de observar, e experimentar (Comte).

As relações da Biologia com a Physica não são menos evidentes. A vida só se produz debaixo de certas condições physicas do meio ambiente: calor, luz, pressão...

Todo phenómeno vital é influenciado pela temperatura. D'uma maneira geral, as baixas temperaturas não são favoraveis á vida, d'onde a pobreza da fáuna e da flora das regiões polares. A actividade vital augmenta com o calor até um certo grau óptimo, variavel

segundo os organismos, mas geralmente collocado entre 30° e 40° centígrados. A influênciã do calor sôbre a intensidade das trocas orgânicas transparece claramente nos animaes de sangue frio e nos animaes hibernantes, que durante o inverno se entorpecem, e não saem do lethargo senão na primavera.

A luz é um modo de energia indispensavel á nutrição das plantas verdes, de chlorophylla; e sem os vegetaes a vida animal não poderia existir. Alem d'isso, a luz influe, menos que o calor, sôbre os phenómenos vitaes de cada ser em particular.

A matéria viva, no meio em que se ache, água ou ar, está submettida a uma certa pressão, que conserva dissolvidos ou em combinação os gazes que ella contém. Essa pressão só pode variar em limites restrictos. Se augmenta, uma maior proporção de gaz se dissolve e exerce uma acção nociva sôbre o protoplasma; o oxygênio, por exemplo, á pressão de 5 ou 6 atmospheras, torna-se, como mostrou Paul Bert, um violento tóxico. Se, ao contrário, a pressão diminue, a tensão parcial do oxygênio no ar cae abaixo do valor necessário ás oxydações orgânicas.

A manifestação da vida acompanha-se sempre de phenómenos accessórios de ordem egualmente physica: o calor animal, os movimentos musculares, a producção de luz e de electricidade. Todo o mundo conhece os peixes eléctricos, entre os quaes o puraquê. Há seres phosphorescentes, taes o pyrilampo, os noctilucos, os micróbios photogênicos. O organismo é uma fonte productora de calor; vivendo em um meio cuja temperatura apresenta variações consideraveis, soffre, como todos os corpos, a influênciã d'esse meio no ponto de vista da perda de calórico; se chega a manter em seus tecidos um grau de calor constante, é que é capaz de modificar a producção ou a perda de calórico por um mecanismo regulador: quando o systema de regulação thérmica não funciona normalmente, a temperatura do corpo pode-se elevar, ou abaixar notavelmente, observando-se então a hyperthermia ou febre, ou a hypothermia ou algidez.

No estudo das sensações mais especiaes, a vista e a audição, o conhecimento aprofundado da óptica e da acústica deve necessariamente estabelecer o ponto de partida racional; do mesmo passo, no estudo da phonação, é preciso saber os caracteres physicos do som glóttico, sua intensidade, altura e timbre, a natureza das vogaes como sons musicos (Helmholtz e Donders) e das consoantes como ruidos, que se associam ás vogaes para a constituição da palavra.

No ponto de vista do método, a Physica é eminentemente própria a ministrar á Biologia os modêlos mais perfeitos de observação e principalmente de experimentação.

Com a Astronomia a relação é menos íntima e menos precisa, mas nem por isso inexistente. Basta a impossibilidade manifesta de comprehender claramente a theoria da gravidade, e estabelecer uma exacta anályse racional de seus effeitos geraes sôbre o organismo, se se isolasse esse phenómeno fundamental do da gravitação celeste.

Em outra ordem de idéas, seria radicalmente impossivel conceber, d'uma maneira verdadeiramente científica, o systema geral das condições de existência própria dos corpos vivos se se não toma em consideração o conjuncto dos elementos astronómicos que caracterizam o planeta á superficie do qual estudamos a vida, pois que a vida suppõe, por sua natureza, entre o organismo que a exerceita e o meio em que se realiza, uma harmonia fundamental.

O estudo philosophico da sciência astronómica é porventura ainda mais indispensavel á perfeita educação prévia dos biologistas racionaes sob o ponto de vista puramente lógico, isto é, do método. A nenhuma fonte, com effeito, podem os biólogos buscar os verdadeiros elementos básicos do método positivo, do que na sciência que o apresenta em seu desenvolvimento mais completo, mais puro e mais espontáneo, tal a Astronomia. E' o cotejo com ella que pode mostrar altamente a inanidade radical das concepções mais ou menos metaphysicas, predominantes principalmente em Psychologia, e das quaes a Astronomia, entre todas as sciências fundamentaes, está por completo expurgada, pesar do longo dominio da astrologia nas edades antiga e média.

Emfim, é unicamente pela meditação familiar da philosophia astronómica que os biologistas podem aprender em que consiste a sã instituição das hypótheses scientificas (Comte).

Foi da applicação d'esse método que surdiu a *theoria da evolução*, a que a Biologia deveu o seu espantoso desenvolvimento para uma positividade maior. — A relação da Biologia para com a sciência mathematica existe sob vário aspecto.

Todos os phenómenos d'uma ordem qualquer são essencialmente sujeitos a leis invariaveis, cuja descoberta constitue sempre o fim das diversas especulações philosophicas (Comte). Se se podesse conceber, em certo caso, que sob a influéncia de condições exactamente similares os phenómenos não ficassem perfeitamente idénticos, toda theoria scientifica tornar-se-hia logo radicalmente impossivel. E', pois, indispensavel de reconhecer, em princípio, que mesmo nos phenómenos eminentemente complexos que se referem á sciência dos seres vivos, cada uma das diversas acções verdadeiramente elementares que concorrem á sua producção, variaria necessariamente segundo leis precisas, isto é, mathematicas, se podessemos estudal-a

em si mesma, isoladamente de qualquer outra (Comte). Foi o que se deu no estudo das funcções physiológicas do homem, eminentemente complicadas (digestão, circulação, respiração, secreção, locomoção, innervação, reprodução), que se foram encontrar, em ponto exíguo, apenas esboçadas, nas propriedades fundamentaes da matéria viva, existentes na célula ou elemento anatómico.

Não se pode escurecer que uma judiciosa applicação das noções fundamentaes da Geometria e da Mecânica se torne directamente necessária para bem comprehender quer a estrutura quer o jôgo d'um apparelho tão complicado como o organismo vivo. Isso é particularmente evidente em relação a todos os phenómenos de mecânica animal, estáticos ou dynâmicos que se não podem snbtrahir ao império das theorias fundamentaes do equilibrio e do movimento. Tal o estudo das alavancas ósseas articuladas, que constituem o esqueleto; a equilibração, por effeito muscular, nas diversas posturas; a marcha; a mecânica da circulação do sangue, submettida ás leis da hydráulica...

Só os hábitos da especulação mathematica podem prestar ao biologista a aptitude de formar e seguir as abstracções positivas, sem a qual não se conseguirá, em Biologia, fazer nenhum uso racional do método comparativo. Para seguir convenientemente, na biologia comparada, o estudo geral d'um órgão ou d'uma funcção, é indispensavel de ter, de princípio, construido sua noção abstracta, só a qual pode sér objecto directo de comparação, insuladamente de todas as modificações particulares ligadas a cada uma de suas realizações effectivas (Comte).

Nestes últimos tempos tem-se combatido o chamado *monismo biológico*, isto é, de que tudo, na actividade humana, teria de ser encarado do ponto de vista positivo ou experimental da Biologia.

Em verdade, a Biologia deixa e deixará sempre fóra de si muitas questões, que ella não pode conhecer, mas que nem por isso deixam de existir. Sua hegemonia não se estende a toda a intellectualidade e a todos os nossos conhecimentos. E' principalmente estranha e indifferente ás soluções metaphysicas e religiosas de certas questões que lhe são inacessiveis.

A Biologia não é a sciência única; não inclue todas as outras sciências em si mesma. Seus processos e seus métodos não são os nossos exclusivos meios de conhecimento.

Sua separação das outras sciências positivas é mui clara, e apenas tem com ellas relações, que referi, de doutrina e de método.

Quanto, porém, a outros ramos de conhecimentos, a delimitação não é tão facil, e tem sido muito debatida. Assim a Psychologia,

Sábios de valor, quaes Le Dantec, Sergi, Giard, pretendem demonstrar que toda a Psychologia não é mais que um simples capítulo da Biologia. Seria para desejar que a primeira viesse a, como pensa Giard, fundir-se por inteiro na segunda. Mas, no estado actual, tal facto se não dá, pois a Psychologia emprega um método todo seu, extranho ás cogitações biológicas,—a observação interior ou intuspecção, isto é, o estabelecimento de leis pelo conhecimento íntimo de si próprio.

E' certo que, sendo as diversas funções vitales estreitamente unidas e solidárias, há capítulos fronteiros que a Psychologia não pode estudar sem o conhecimento da Physiologia, principalmente dos centros nervosos. Existe até uma sciência das zonas neutras ás duas,—a Psychophysiologia, que estuda as relações entre a alma e o corpo no ponto de vista phenomenal, quer physiológico, quer puramente physico.

A Psychologia occupa-se das sensações, percepções, idéas, emoções, volições... Toma por objecto as diversas espécies de estados de consciência em sua gênese e suas relações de coexistência e de successão (Spencer).

A consciência, em seus differentes modos e sob suas diversas formas, é, por natureza, um objecto radicalmente distincto do objecto da Biologia: e o método da *análise subjectiva*, pela qual, e só por ella, podem ser encontradas as leis de dependência que regulam as mudanças da consciência, sendo um método sem análogo em toda a Biologia, faz da Psychologia, pelo menos por emquanto, uma sciência autónoma.

E' impossivel negar a auto-observação, a observação interior, a consciência: esse método especial de conhecimento basta para caracterizar uma sciência á parte.

Emquanto a Biologia estuda as leis dos phenómenos communs a todos os seres vivos, a Psychologia cuida dos phenómenos próprios ao homem, sem analogia nos outros seres.

Os animaes apresentam tambem phenómenos psychicos; não podemos, porém, estudal-os em si mesmos, na consciência dos individuos; conhecemol-os nas suas manifestações physiológicas: d'onde a psychologia animal poder ser inclusa na Biologia, ficando a psychologia humana, ou Psychologia propriamente dita, estranha a ella, como sciência independente.

---

**Bibliographia:** A acrescentar: M. Arthus, *Chímica physiológica*; A. Bain, *Lógica deductiva e inductiva*, 2º vol.; J. Grasset, *Os Limites da Biologia*.



# Páginas escolhidas

Por F. R.

Por sedição o conceito, quasi seria inutil rememoral-o: que a língua literária não se aprende nas grammáticas.

E de experiência se verifica que em geral os grammáticos são escritores de nenhuma excellencia; e doutra banda, que os prosadores, artistas, muitas das vezes laboram na desmemória ou desconhecimento dos preceitos e regras.

A língua só pode ser estudada nas páginas dos seus grandes escritores. Foram elles que a aformosentaram e lhe emprestaram esse ar senhoril de louçanias, recamando-a dos mais ricos adornos, dos mais delicados relevos e florescentes alindamentos para a estranha vida da expressão.

O estylo, essa physionomia dinâmica da escrita, sendo um traço de individuação do artista entra por sua vez para o conjuncto expressional das bellezas da língua. A leitura dos mestres é como que o *laboratório esthético* da arte de escrever.

Não quer isto significar que os modelos magistraes sejam irreflectidamente copiados: assim não se produziria obra original, mas apenas uma resonância remota de timbres mortos: elles são, porem, o domínio do aprendizado que todo literato deve perlustrar com dedicado amôr de quem se empenha pelo maior esplendôr duma língua que traduziu a alma universal de Luis de Camões, e que guardou as confissões lapidares do padre Manuel Bernárdez, o verbo arroubado de claridades de António Vieira.

O zelo disciplinado pela correcção da língua ha de cultivar-se desde a puerícia para que de futuro a juventude o aperfeiçoe no esmero duma lapidação mais original, segundo as aptidões ingênicas.

Cabe, portanto aos mestres, desde logo, tentar com esforçado empenho o exercitamento do alumno no mester de falar e escrever uma língua sem vícios nativos que a maculam, sem barbarismos que a deslustrem, sem estrangeirismos que a aviltem e desnacionalizem.

A vida dos povos é attestada pela maior vitalidade da linguagem, e sua immortalidade reside nas formas que a Arte escolheu para fixal-a.

Revelam uma ausência elemental de conhecimento da psychologia da criança e exhibem falta de discernimento esthético, os que julgam que se devem jogar á curiosidade do infante os livros clássicos.—Elles são o tédio cerebral da juventude.

Na sua maioria, escritos sem intuito de serem obras d'arte, são em geral obscuros, de leitura fastidiosa, só de longe em longe abrindo-se em áurea graça dum grau de tocante emoção. O que se demonstra é que entre os clás-

sicos ha, porem, escritores raros, artistas primazes, que fizeram da xpressão verbal um poderoso instrumento de emotividade e de idéas.

Acontece, no entanto, que pela raridade das edições e falta duma bibliothéca clássica escolhida (o que annos ha iniciou em Coimbra o sr. Mendes dos Remédios), tanto o professor como o leitor commum e até mesmo o rapazelho aliteratado,—desconhecem a hierarchia esthética dos escritores Portugueses. Tirante Camões, sobre o qual já não ha controvérsia possivel (e de quem todos falam e raríssimos lhe deletream as obras) todos os demais clássicos vivem, na bolorência da erudição social, nominalmente.

Julgou-se, de conseguinte, que traria avantajado proveito iniciar-se, nesta *Revista*, uma série de *exemplos* das grandes páginas do português, Uma minúscula introdução critica e bibliographica procederá cada trecho transcrito, succedendo a reprodução da página escolhida um glossário, quando se faça mistér.



### Padre Manuel Bernárdez

*Dentre os escritores portugueses denominados clássicos, nenhum, de certo, se avanta a Bernárdez na garridice da fôrma, na graça da intensão, na casta expressão de volúpia com que narra as anedoctas, e no recorte incisivo das imagens. Sua prosa é duma flexibilidade surprehendente para a época. Escreveu puríssimamente. Só se lhe pode comparar Frei Luis de Sousa e Vieira, e moderadamente Castilho. Sobre o estylo do oratoriano seiscentista, tem este curioso conceito o terrivel José Agostinho de Macêdo: “Não sei que haja melhor livro (Nova Floresta) nem escritor mais eminentemente português. Allí está a lingua portuguesa na sua pureza, na sua harmonia, na sua magestade, na sua opulência; e a ninguem devemos mais, quando se trata da lingua portuguesa. A cada página se acham frases e palavras não vistas nem sabidas pelos nossos mais laboriosos dictionaristas.” Nasceu o padre Manuel Bernárdez, em Lisboa por 1644, vindo morrer no decurso do anno de 1710. Deixou uma rica collecção de obras religiosas. Embora seja opinião divulgada que o padre escrevia sem esmero algum, na simplicidade ascética dum filho de Deus, não é accitavel tal versão: através do fluente da narrativa, sente-se no labor da prosa, o esmeril do artista cepilhando, ordenando o rythmo gradativo dos acordes, as cambiâncias matizadas do colorido. O que, porém, se me afigura como qualidade dominante de seu estylo é A PROPRIEDADE DE EXPRI-*

MIR.—*Castilho António, mestre sem igual no século passado de pureza vernacula, delle escreveu: “Quem, lendo-o e relendo-o, se acostumar com elle, poderá lucrar, insensivelmente, clareza, concisão, elegância, cópia de vocabulos e frases muito para andarem no giro literário, uso e facilidade de um falar figurado, sem affectação, muito vivido e e muito enérgico”. (1) De suas obras são as mais notaveis, tanto pela opulência dos assuntos como pela variedade e riqueza de syntaxe, A NOVA FLORESTA, (5 tomos, ed. 1706—1728) e a LUZ E CALOR (ed. de 1696). Alem desta deixou mais OS EXERCICIOS ESPIRITUAES, VÁRIOS TRATADOS, PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS, PARAISO DOS CONTEMPLATIVOS, ARMAS DA CASTIDADE.*

## LENDA DA MULHER MARINHA

Em Sicília, certo mancebo robusto e animoso, e grande nadador, saíra á prima noite a banhar-se no mar, por despícar-se, com este refrigério, das calmas do dia. Começou pois a brincar lascivamente com as ondas, e a lavar-se por ventura com menos temperança do que pedia a presença de Deus, que um christão em toda a parte deve trazer diante dos olhos. Eis-aqui á luz da lua, cujos serenos raios parecia estarem tambem brincando com o trêmulo espelho das águas, vio que atrás de si vinha nadando outra pessoa, e que pegando d'elle o procurava mergulhar como por zombaria, do modo que o costúmão fazer os muchachos quando andão travesseando uns com outros nas líquidas campanhas de Thetis. Lançando-lhe pois a mão aos cabellos, a foi levando á tóa para a terra; onde sahindo reconheceu que era mulher, e por extremo formosa. Com que os perigos chegavão a meia duzia; ócio, noite, solidão, sexo, fórmula, desnudez; atirando todos a converter o nadar em damnar. Assentados ambos na praia, mas elle sem soltar os cabellos, perguntou-lhe:

—Quem és?

Não respondeu.

—Como te chamas?

(1) *Livraria Classica*, T. II.—São dois excellentes volumes de excerptos, do que de melhor escreveu Bernárdez.

Não respondeu.

—D'onde vieste, e quem veio aqui contigo?

Perseverava muda.

Instou com várias perguntas, mollificadas com carinhos; mas não teve nem aquella diminuta satisfação que póde dar uma parede, ou um monte com os échos que d'elle resúltão. E ainda que este mesmo silêncio era sufficiente resposta para se entender que o empenho n'este caso não era seguro, todavia cegou-se a razão; e a mesma razão dicta que tomemos aqui a empréstimo, o silêncio, de quem occasionou a ruina. Levou-a depois para casa, coberta com a sua capa (deixemol-o, que depois saberá o que leva); e não se contentando com menos que com recebêl-a por sua mulher; achando que sobre a sua rara formosura, bem raro era tambem o dote de saber calar, e não lhe conhecerem parentes. E a seu tempo teve d'ella um filho mui lindo, com que vivia contente da eleição que fizera, e já não reparava no perpétuo silêncio de sua consorte, attribuindo a defeito natural com que havia nascido.

Sucedeu pois que um dia, vindo a visital-o um amigo seu, homem douto e prudente, lhe perguntou, a propósito do que se conversava, de que pátria e geração era sua mulher.

—Atégora, respondeu elle, não o sei, porque a pesquei do mar como enguia.

Sorrio-se o amigo, parecendo-lhe que gracejava.

—Ha tantos annos, prosequio o marido, que vivemos bem casados, e ainda está por ouvir-se a primeira palavra da sua boca.

—Que dizeis! tornou o amigo, é encarecimento, ou a verdade lisa?

—Dir-vos-hei o que passou, respondeu elle; e contou-lhe o caso todo. De que admirado o amigo, rompeu dizendo:

—Pelo que eu vejo, essa não é mulher, mas demónio em figura d'ella. Não estranho porém tanto a sua malícia, como a vossa demência. Eu havia de estar assim com esse peixe mulher, sem obrigar-a a romper tão obstinado silêncio? Temos aqui as deosas Tácita e Muda, que a gentildade dizia ser mãi dos Lares; ou outra Angerona, que pintavão com o dedo sobre a boca? Ah! bons açoutes nella, e logo o tirará fóra, e veremos claro o embuste.

O pobre marido, ouvindo estas palavras, ficou como quem começa á acordar de um pesado sonho. E logo entrando em cólera, pegou de uma adaga nua, e ameaçou a mulher,

mandando-a que falasse. E murmurando ella entre dentes umas semi-palavras bárbaras, que se não deixávão entender, elle lhe intimou que, se não respondesse claramente, lhe havia de apunhalar o filho diante de seus olhos. Então se abriu mais dizendo:

—Ai de ti, miseravel! que por obrigar-me a fallar, perdes uma mulher que te estava bem. Comtigo ficava, se permitisses que observasse o silêncio que me encarregarão; mas já agora não me verás mais!...

Acabar estas palavras, e desaparecer, desfeita em vento foi o mesmo. Deixa-se á nossa ponderação o assombro com que este homem ficou e viveu d'alli por diante.

Mas do filhinho, que faria? Não quis negal-o por seu, uma vez que em suas acções mostrava não ser fantasma, mas de sua mesma espécie. E' de crer que n'este ponto se aconselharia com o mesmo amigo, que foi quem o tirou a elle de outro mar de enganos, pegando-lhe por outros cabellos de seus pensamentos communicados; o qual lhe poderia dizer que este caso era estupendo sim, porém não singular; e que os taes, procedidos de demónio incubo, ou súcubo, não éráo verdadeiramente filhos seus, senão d'aquelles que concorrem com os princípios da geração humana, supposto que o demónio administrasse o mais que se requeria para fomento e nutrição da creatura. Deixou comtudo alguma dúvida, se era ou não era este filho outro demónio em corpo apparente, o caso que depois lhe succedeu. E foi, que crescendo em annos, e seguindo os costumes do pai, quando um dia andava nadando com outros, veio de repente aquella mesma Serêa, e á vista de todos o levou comsigo, onde nunca mais foi visto.

Nova Floresta, T. I.

---

---

Concluiremos no próximo fasciculo a série dos *estudos biologicos* do dr. ACYLINO DE LEÃO,—ensaios excellentes tanto pela sciência em que se amparam, como pela forma com que se abrilhantam.

---

---

# A ESCOLA

(Para as crianças)

Prometteram-me um dia:

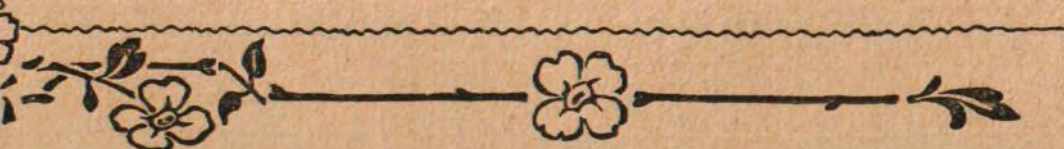
—Vou-te metter na escola. Agora é que tu vais pagar o que tens feito aos teus bondosos pais. Lá não encontrarás quem possa rir contigo.— E eu, tremula, a pensar no terrível castigo, contra a minha vontade estremecia.

E lá fui. Caminhei sem vontade, chorando, e muitas vezes, quando á memoria me vinha o castigo feroz, ninguem ouvia mais a minha debil voz!

Que terror—uma escola!  
Imaginava ser uma prizão escura,  
sem ar, cruel, onde nossa alma se estiola  
e se morre de mágoa e de tortura.

Só pensava que fosse a mestra alguma fera,  
alguem aspero e mau, sem um sorriso ao menos  
para estes corações no peito tão pequenos  
e tão grande no amor que tudo prolifera.

E vim toda assustada assentar-me num banco.  
As lágrimas estanco  
e começo a estudar.  
Pouco a pouco senti que alguma coisa havia  
em torno, despertando uma viva alegria,  
e volvi toda anciosa o meu ávido olhar.



Penetrava aos meus ouvidos,  
como um trinado, a voz das crianças gentis.  
E por cima da meza estavam confundidos  
livros, lapis, tinteiro, a regua, a penna, o giz.

E trabalhei toda esquecida  
do que me tinham dito. O meu terror  
cedeu á luz de uma outra vida  
de um vario encanto seductor.

Meu espirito então foi percebendo tudo,  
e agora vejo quanto é bello o estudo,  
quanto immenso prazer  
sente-se abrindo um livro e o que elle diz saber.

E que vejo afinal dessa escola maldita?  
Ah! como eu fui então tristemente illudida!  
Aqui da illustração toda a causa palpita,  
inundando de sol os caminhos da vida.

Aqui vim encontrar em cada livro aberto  
constellações de luz; na mestra, uma alma ideal,  
florejando á aridez deste immenso deserto  
da ignorancia cruel, causadora do mal.

Oh! salve para sempre a escola sacrosanta!  
o templo augusto do saber!  
Dentro do coração um culto se levanta  
a quem me mostra o céu, a que me ensina a ler!

Teodoro Rodrigues





# História da Terra

(DE L. BROTHIER, trad. especial para a Revista)

## QUARTA LIÇÃO

### Épocas carboníferas

A cada um dos levantamentos que se deram, nas épocas precedentes, sabemo-l-o já, as águas, precipitando-se em cataractas do cimo das camadas levantadas, arrancavam os destroços que se encontravam em seu caminho, e os depositavam no fundo dos mares.

A quando foi da catástrophe que formou o terreno devoniano, as camadas superiores desse terreno, eram calcáreas razão porque tambem o foram os destroços arrastados e que formaram bancos submarinos de um carbonato de cal, ennegrecido pelas particulas de anthracite que com elle se misturaram, e quepor esse mesmo motivo recebeu o nome de calcáreo carbonífero.

Como todos os corpos leves, este calcáreo permaneceu por muito tempo suspenso nas águas, nas profundezas das quaes novas raças animaes e vegetaes se desenvolviam. Já não viviam então sómente molluscos e polipeiros: era chegado o momento em que, no próprio sêio dos mares, a naturêza devia de esboçar os typos sobre os quaes se iam modelar os animaes destinados a habitar a parte sólida da terra, que, até então, havia estado deserta. Pela primeira vez, nessa época, vemos apparecer os *sauriôpsides*, animaes que se apresentam com propriedades de répteis e de peixes—répteis imperfeitos, peixes imperfeitissimos; preenchião elles, no entanto, todas as condições para se tornarem o ponto de partida da bifurcação das raças animaes em raças aquáticas e raças terrestres.

O calcáreo que succedeu immediatamente ás últimas formações devonianas, não sómente contem as ossaturas desses animaes, typos de transição, e cuja espécie não tardou a desaparecer, mas tambem apresenta em grande abundância em estado ósseo os seus excrementos, que tomaram o nome de coprólitos. Esse calcáreo, chêio de conchas, de destroços de polipeiros e de fragmentos de encrinites, pela acção do metamorphismo transformou-se em mármores conhecidos no commércio pelos nomes de *mármore negro de Dinam* e de *mármore Sant'Anna*, variedades muito vulgares, e que se encontram em abundância na Bélgica.



As mesmas correntes que arrancaram aos terrenos devonianos os elementos destes calcáreo, arrastaram também as florestas de fetos e de cavalinas que os cobriam.

Taes destroços vegetaes se depositaram necessariamente em camadas, por sobre o lôdo calcáreo.

Foram elles que, carbonizados pelas mesmas causas da formação precedente haviam produzido as anthracites, e agora se transformaram em hulha. As explosões causadas pela sua combustão, arrebutaram, pulverizaram as rochas circunvisinantes e formaram depósitos de pedras muito irregulares que tinham geralmente as propriedades da mica: eram cinzentas ou pardas, e conhecidas pelo nome de hulha. Nessa mesma época se formaram depósitos de schistos e de argila.

A hulha não apparece neste terreno senão accidentalmente; e isto porque, devido sobretudo á carbonização de plantas e árvores que não haviam sido arrastadas a grande distância, ella deve de se ter formado junto ás ilhas de onde essas árvores haviam sido arrancadas. Encontrámo-la em leitos mais ou menos espessos, entremeiados de camadas de schistos, das quaes ella sómente é separada por finos sulcos de argila.

As ilhas da formação devoniana eram muito mais extensas que as das formações anteriores. Algumas dentre ellas poderiam até merecer o nome de *continentes*. Já havia montanhas, e por conseguinte, devia de se encontrar regatos e ribeiros, e isso nol-o prova e demonstra a rica vegetação que as ornava. Essas águas dôces, as primeiras talvez a correrem pelo globo, não tardaram a se povoarem de molluscos muitíssimo diferentes dos molluscos marinhos, e dos quaes se conta diversas espécies fósseis, todas sem análogas ás que vivem em nossos rios actuaes.

Os vapores formados pela erupção das matérias que se inflammaram no fundo do mar, caíram naturalmente em fórma de chuvas torrencias sobre os cimos culminantes dessas ilhas, arrazaram as florestas e accumularam-lhes os destroços no fundo dos lagos. Esses destroços formaram depósitos semelhantes aos das nossas turfeiras, e teriam permanecido provavelmente em estado de turfa, se grandes fendas se não houvessem aberto, dando caminho a matérias porphyricas, que os transformaram em hulha.

Podemos dividir as minas de hulha em duas séries: minas marítimas e minas continentaes. A origem marítima das hulheiras da Inglaterra é evidente—emquanto que os depósitos de hulha, na França, pertencem quási todos á formação lacustre e são caracterizados pela ausência do calcáreo inferior.

Não devemos esquecer de acrescentar que nas hulheiras inglêsas, e em algumas das que possui a França, se encontra, muitas vezes de mistura com a hulha, uma espécie de mineral, designado pelo nome de *ferro carbonatado das hulheiras*, que, achando-se assim, no mesmo lugar que o combustível offerece á indústria as maiores vantagens.

A duração do período de calma que se seguiu ao alevantamento do terreno devoniano deve de ter comprehendido um grande número de séculos, porque pelo cálculo do Sr. Elie de Beaumont, todo o carvão que as nossas florestas actuaes podessem fornecer, formaria no máximo, na extensão das hulheiras

exploradas, uma camada de 16 millímetros em cem annos. Suppondo mesmo que a vegetação dos tempos antigos fosse dez vezes mais activa que a dos nossos dias, precisaria mais de cento e oitento séculos para formar os bancos de hulha de trinta metros de espessura que se encontram no Meio-Dia da França. Esse cálculo, como se verifica, dá á Terra uma idade infinitamente mais respeitável que a que os chronologistas lhe querem attribuir.

E' verdade que se não discute ser a exploração das camadas de hulha uma fonte de riqueza pública bem mais importante do que poderia ser a exploração das mais abundantes minas de ouro ou de prata: mas é tambem necessário convir que não ha no mundo trabalho que offereça mais difficuldades e maiores perigos.

A cada passo as camadas do terreno hulheiro sendo interrompidas por uma fenda ou racha, parecem não mais proseguirem. Para de novo as encontrar, não basta atravessar essa espécie de muralha, muitas vezes de tal grossura que impede o mineiro de avançar.

Independentemente das *falhas*, que por não serem sempre bem estudadas arruinaram frequentemente explorações muito bem combinadas, o mineiro tem ainda dois tremendos inimigos a combater: o fogo, e a água. Muitas vezes as águas que se encontravam em reservatórios subterrâneos arrebentam as paredes, e inundam as galerias arruinando os trabalhos. Acontece tambem que o gaz hydrogéneo carbonatado, o *grisú*, insinuando-se através das fendas da hulha, asphyxia os mineiros, ou inflammando-se produz, explosões que, abalando as abóbadas desses subterrâneos, esmagam sob uma tempestade de rochedos os desgraçados que haviam sido poupados pela chamma.

Acontece até, algumas vezes, que apesar de todas as precauções possíveis, o fogo se communica á massa total de carvão: a única solução que se apresenta então, é tapar todas as saídas e abandonar o fogo a si mesmo, na esperança que faltando o ar, elle acabará por se apagar. Este supremo expediente, nem sempre infelizmente attinge o fim a que se propõe. Existe, principalmente no departamento do Aveyrão, montanhas que ardem ha séculos, o que é fácil de conhecer, pela fumaça que espalham, pelas chammas que se escapam: um observador ainda pouco exercitado tomal-as-ia por vulcões.

A Inglaterra e a Bélgica são os países mais ricos em hulha. Depois desses dois países é a França a região que mais contem hulheiras. As principaes são as de São Estevam e da Rive-de-Gier, do Aveyrão, do Creuzot, d' Allais e de Valenciannas.

O estudo dos terrenos hulheiros é de um alto interesse, não sómente para o geólogo, como para qualquer espirito estudioso que a elle se queira dedicar.

S. de PADILHA

---

**NOVIDADE LITERARIA — FIALHO D'ALMEIDA**  
 (ensáio de esthética da lingua portuguesa) por — **Fléxa Ribeiro**  
 Livrarias Bittencourt, Clássica e no Pará-Chic

---

# História da Arte

XVIII

## ESCOLAS AMERICANAS

II

México, Perú, Bolivia, Colombia, Venezuela, Equador, Chili, Argentina, Uruguay, Paraguay.

Por PAES BARRETTO

Hispanha fundara no Perú a Universidade de San Marcos de Lima em 12 de Maio de 1551, a de San Cristoval de Huamanga em 1677, a de Cuzco em 1692, no Mexico a da capital, na Argentina a de San Ignacio de Cordoba em 1622 e a de San Carlos de Buenos Ayres em 1771, em Venezuela a de Caracas em 1726, no Chili a de San Felippe em Santiago em 1738, a de San Carlos de Guatemala em 1776, no Equador a de Quito, na Bolivia a de Chuquisaca.

Após a independencia das colonias, de 1810 á 1821, em Colombia foi creada a de Bogotá em 1821, no Uruguay a de Montevideo em 1849, na Argentina a de La Plata em 1882.

Introduzira outrosim a imprensa na cidade de Mexico em 1539, na de Lima em 1585, na de Montevideo em 1750, na de Cordoba em 1765. Na de Santa Maria Mayor das Missões do Uruguay ella penetrara em 1724 clandestinamente.

Mas o ensino ministrado sem cessar durante tres seculos por essas universidades coloniaes era absolutamente o mesmo da Universidade de Salamanca, theologico e metaphysico, isto é, nominal. Omnipotente auctoridade ecclesiastica as regia com superintendencia da imprensa e da importação de livros sob o mesmo regimen de censura e intolerancia vigorantes em Hespanha.

O clero secular e regular, encabeçado pela Companhia de Jesus, dictava unico a licção publica de moral e sciencia e arte do Mexico aos confins do Chili e formou em todo o feudo uma civilização convencional, cuja tradição continua a perturbar a vida da America latina.

No Paraguay o delirio religioso, excedendo o termo previsto na metropole, fecundou então uma entidade excentrica á sociedade occidental e só á da Asia semelhante.

Dos Collegios centraes de Assumpção e Cordoba os mestres jesuitas dominaram mentalmente de 1609 a 1767 o vasto senhorio do Rio da Prata por inexistencia de mestre outro e trancaram aos europeus o convivio paraguayo afim de formarem entre os indios Guaranys das 15 missões de Entre-Rios e 8 do Paraguay e 7 do Uruguay uma theocracia politica.

Circumvalaram as cidades das missões de fossos e denegaram a entrada aos colonos hespanhoes e até aos seus bispos e governadores. Interdisseram o uso da lingua hespanhola á segregada nação dos seus indigenas apesar de

Felippe V fulminar em contrario uma ordem sem successo e por isso edictaram secretamente em 1724 a *Grammatica* e em 1732 o *Vocabulario* guaranis de Antonio Roiz de Montoya na typographia de Santa Maria Mayor. Para o escambo da sobra dos productos do seu servil trabalho agricola e industrial, organizado em communhão, armaram fóra dos fossos da cidade feiras periodicas onde o mercado se fazia sem a presença dos indios.

Dentro desse presidio impenetravel de seculo e meio é que foram maiormente cultivadas sob o criterio implicito ao erro de tão vão instituto, com excepção do Mexico e Perú, todas as artes industriaes e bellas artes.

Expulsos da colonia em 1767, sua typographia de Cordoba foi em 1780 deslocada para Buenos Ayres, onde se fundou em 1771 a Universidade com o producto do confisco dos seus bens. Só, porém, em 1860 seria esta—tal o effeito da tradição sobre o espirito nacional apesar da independencia—reorganizada na base com tendencia a substituir nos programmas de ensino a parte morta das inutilidades immemoriaes pelas necessarias a vida militante.

A acção educativa da metropole, lateral a esse unico seminario vivo dos jesuitas e monjes e sacerdotes, fóra ou nenhuma ou impediente.

Confiada na virtude da semente e na dos semeadores, só por excepção creou institutos de ensino os entregando a sua guarda.

E, interessada na exploração das minas de ouro e prata, impediu ao Mexico o cultivo da seda e ao Perú os da seda e da vinha e da canna de assucar e ao Chile o da vinha e a Argentina o do trigo, que a esse tempo os ingleses tentavam com menos vantagens naturaes cultivar nos Estados Unidos. Em 1801 ainda subsistiria na Argentina a prohibição de exportar farinha de trigo.

A arte padeceu a mesma omnimoda estreitesa do systema colonizador.

Artistas e obras d'arte de Hespanha penetraram na colonia. Consta a existencia antiquissima de obras magistraes de Juan de Joanes, Zurbaran, Alonso Cano, Ribera. De Murillo subsistem na cidade de Mexico a *Virgem de Belem* da Cathedral e o *São João de Deus* e o *São João Baptista* da Academia de Bellas Artes, na de Guadalajara a *Conceição* da Cathedral e a serie de onze scenas da *Visão de São Francisco* do Lyceu, na de Caracas a *Adoração dos Pastores* da Cathedral, na de Havana a *Missa do Papa e dos Cardeaes no Acto da Partida de Colombo para a America* da Cathedral.

Mas estas foram introduzidas por necessidade da propagação immediata da fé metropolitana em signos captadores da attenção e imaginação das grandes multidões da America e nenhum passo daria impunemente o artista, ao pé do tribunal da Inquisição transplantado ás colonias, fóra do seu idéal sacro.

A nação da colonia vegetava, pois, na mesma inactividade e inania moral da de Hespanha, condemnada a egual abstinencia de trabalho e alimentação regular durante 190 dias do anno.



No Mexico, onde a architectura e pintura preexistentes á conquista européa estavam tão adeantadas e diffundidas que por toda parte onde Cortez passou desde o momento de seu desembarque no continente em 1519 encontrou innumerous templos architectonicos com estatuaria sacra e livros para derrubar e arrastar e queimar em nome da fé hespanhola e palacios para aquartelar dentro das cidades conquistadas o exercito conquistador, ao qual segundo todas as chronicas antigas os habeis artistas mexicanos delegados pelo imperador

Montesuma pintaram minuciosamente em telas especiaes de algodão com todos os detalhes elucidadores dos exercicios de infantaria e artilharia e cavallaria em violenta scena de batalha simulada pelo chefe hespanhol na audiencia concedida aos embaixadores imperiaes antes do assalto e destruição da cidade monumental de Mexico, a arte colonial teve nascimento em seguida a conquista do imperio e constituição do vice-reinado por mão de artistas hespanhoes attrahidos a capital dos vice-reis e procreou no começo do seculo XVII a sub-escola de Puebla.

No seculo XVI o precursor da escola central foi o padre Gante, mestre de pintura dos indigenas.

São ainda memorados como pintores nessa éra ingenua Rodrigo de Cifuentes, companheiro de Cortez, auctor do retrato de *Cortez* e do significativo *Baptismo de Magiscatzin* do paço municipal de Mexico, documento authenticico da primeira condição geral da violenta e facticia abjuração da fé imposta aos gentios americanos pela metropole e exercida com apparatus publico em meio da cidade de Tlascala na pessoa do chefe desses aliados invictos das Cordilheiras sobre cujos hombros em caravana de quinse mil homens foram transportados em fragmento para o longinquo lago de Mexico os trese navios sobre os quaes o exercito hespanhol bloqueou e rendeu a capital do imperio desbaratando-lhe a flotilha immensa de pirogas e aprisionando e condemnando á fogueira seu ultimo imperador Guatimozim, tal como outr'ora haviam sido condusidas por terra de Tyro a Babylonia as quarenta e sete galeras de Alexandre sobre que Nearco fez o periplo primeiro da India, Alonso Vasquez, auctor do *Martyrio de Santa Catharina* do paço dos vice-reis, Andrés de Concha (1541), todos hespanhoes, Francisco Zumaya, Francisco Morales, Juan de Rúa, discipulo de Vasquez, fallecido em 1628, por fim o flamengo Simon Pereyng, cuja presença é explicada pela incorporação temporaria dos Paizes-Baixos aos dominios de Carlos V e para escapar ao garrote do tribunal mexicano da Inquisição foi forçado a executar a *Virgem e o Menino* do museu da Academia de Bellas Artes.

A esculptura não se manifestou neste seculo e no seguinte.

Entre os architectos são nomeados os hespanhoes Claudio de Arciniéga (1550), Alonso Perez de Castanheda, que iniciou em 1573 no estylo gothico a fundação da enorme *Cathedral* da cidade de Mexico, os mexicanos Francisco Becerra (1573), Melchor Davila (1579), Rodrigo Davila (1586).

No seculo XVII o pintor Baltasar de Echave funda a escola de Mexico e Diego de Borgraf a sub-escola de Puebla sobre a base do criterio italico dominante em Hespanha.

A pintura local attingiu como a hespanhola ao apogeu declinando em seguida e o estylo barrominico invadiu a architectura.

A' escola de Mexico pertencem o fundador Echave (1640), de quem o museu da Academia possui o *Christo no Horto* e o *São Francisco das Chagas*, suas obras primas, em que a vivacidade iberica do colorido rompe a sabedoria de rythmo do desenho italico, *Adoração dos Magos* e *Santa Cecilia* e *Martyrio de São Lorenzo* do mesmo museu, seu filho Baltasar de Echave (1632-1682), auctor do *Enterro de Christo* e do *Martyrio de São Pedro* do museu, Manuel de Echave, os paisagistas Daza e Nicolas Angulo, Luiz Juarez, que floresceu de 1619 a 1630, auctor do *São Ildefonso* e do *Casamento de Santa Catharina* do museu, sobretudo José Juarez (1642-1698), famoso mestre naturalista do *São Aleixo* e da *Communhão de São Francisco* e do *São Paulo e São Pastor* do museu, Sebastian de Arteaga (1643), introductor do claro-escuro de Ribera no *São Thomaz* e no *Casamento da Virgem* do museu.

A' sub-escola de Puebla fecundaram o fundador Borgraf (1635), frei Diego Becerra, Mosen Pedro Garcia Ferrer (1640), tambem architecto, todos

hespanhoes, Miguel de Mendoza, indigena, José Rodrigo Carnero, Bernardino de Polo, Jose del Castillo (1692), Joaquin Magon, auctor da *Ceia* da cathedral de Puebla.

A esculptura consistiu apenas na profusão d'obras de oiro e prata ou de entalhe em madeira para a compacta decoração barrominica dos templos.

Como architectos sobresahiram Juan Losano de Balbuena (1643), Juan Serrano (1649), Pedro Ramirez (1665), Juan Montero (1668), o hespanhol Juan Gomez de Mora, que adaptou a *Cathedral* de Mexico á ordem greco-romana e na mesma ordem iniciou a *Cathedral* de Puebla, em 1649 terminada por Mosen Ferrer.

No seculo XVIII a arte da pintura foi exercida na escola de Mexico por Cristobal Villalpando (1649-1714), com quem começou o declinio escolastico, auctor do *São Francisco no Deserto* do museu, Carlos Villalpando, Nicolas Rodriguez Juarez, Juan Patricio Morlete Ruiz (1756), Ventura Arnaez, Juan Corrêa, auctor da *Entrada de Jesus em Jerusalem* da cathedral de Mexico, José Ibarra (1688-1756), discipulo de Corrêa e imitador de Murillo, de quem o museu possui a *Samaritana* e a *Adultera*, mas cujas obras primas são o *São José* e o *Casamento de São José* de uma galeria de propriedade privada, o famoso Juan Rodriguez Juarez (1677-1728), que por um momento voltou a arte local ao brilho do cyclo culminante de José Juarez e Sebastian de Arteaga, auctor da *Adoração dos Magos* da cathedral de Mexico, sua obra prima, das series das vidas de *São Francisco* e de *Santo Antonio* do mosteiro antonino de Queretaro, Miguel Cabrera, fecundo discipulo de Corrêa, primeiro director da Academia de Bellas Artes fundada na cidade de Mexico em 1753 pelos artistas locais e adoptada e inaugurada sob o nome official de Academia de San Carlos por Carlos IV (1788 a 1808) em 1791, o qual pintou em 1756 no breve praso de quatorze mezes duas series das vidas de *Santo Ignacio* em 34 grandes quadros e de *São Domingos* em outros tantos e cujas melhores obras são o *São Anselmo* do museu e a serie da *Via Crucis* da cathedral de Puebla, Francisco Antonio Vallejo, mestre da Academia de San Carlos e auctor da *Conceição* do museu e do *Ex-Voto* da Universidade, Jose Alcibar, tambem mestre academico e auctor do *Jesus Carregando a Cruz* da cathedral de Mexico.

Na sub-escola de Puebla se destacaram Cristobal Talavera, Pablo Talavera, Miguel Jeronymo Zendejas (1724-1816), auctor do *Christo em Oração* do templo do Sacrario de Puebla, Jose Luis Rodriguez Alconedo, de quem o museu da Academia de Puebla possui o *auto-retrato* e que por se haver envolvido na revolução da independencia mexicana em 1810 foi conduzido aos carceres de Hespanha.

A esculptura teve cultores nos hespanhoes José Arias e Santiago Sandoval, mestre na antiga academia mexicana de 1753, Sebastian Gallegos, Bartolico, Francisco Rodriguez, José Antonio Villegas de Cora (1713-1785), introductor da especie na sub-escola de Puebla, Jose Zacharias de Cora (1752-1819), auctor das estatuas das *torres* da cathedral de Mexico.

Na architectura continuou a dominar o estylo barrominico sob o modo do hespanhol Jose Churrighera, de que é typo o templo churrigheresco do *Sacrario* de Mexico, terminado por Lorenzo Rodriguez em 1768.

Como architectos nessa éra de fausto local merecem menção os hespanhoes Jeronymo Balbas e frei Diego de Valverde, os famosos Pedro de Arrieta e Jose Eduardo Herrera (1733), José Rivera, Miguel Custodio Duran, Manuel Alvarez Alans, Francisco Valderrama, Juan de Zepeda, José Damiano Ortiz, Francisco Guerrero y Torres.

Além desses artistas de vulto, creadores vãos nas cidades de Mexico e Puebla da maior e mais brilhante escola de arte da America no seculo XVII,

porém inferior no effeito educativo em relação aos germens então semeados pelos hollandeses de Mauricio de Nassau na capitania brasileira de Pernambuco ou pelos ingleses e hollandeses na colonia dos Estados Unidos por causa da sua exclusiva sujeição ao conceito sacro da cathechese metropolitana, figuraram á mais, nos dois seculos XVII e XVIII da éra colonial, os pintores Antonio Arellano, Alvarado, Altamirano, Alcalá Arriaga, Augustin Arrieta, Arriola, Alonso Barba, Antonio Delgado, Antonio Gomez, Alonso Herrera, Andrés Isla, Andrés Lopez, Alejo Maldonado, Antonio Padilla, Antonio Rodriguez, Antonio Sanchez, Antonio Santander, Antonio Torres Torijano, Alonso Vasquez, Alonso Villazana, Alonso Zarate, Bernardino Arenas, Ballejo, Bedola, Casanova, Carlos Clemente Lopez, Cristobal Lopez, Diego Calderon, Diego Polo, Diego Perez, Francisco Gomez Valencia, Francisco Leon, Francisco Martinez, Francisco Plata, Francisco Ramirez, Gregorio Lara, Gaspar Conrado, Ignacio Sanchez, José Arellano, José Bustos, Juan Aguilera, Juan Carnero, Juan Herrera, José Tarfan de los Godos, J. Maria Hernandez, Juan Manuel Ibanez, Juan Illescas, José Lara, José Mirabat, José Motta, Juan Ordonez, José Paez, José Pardo, Javier Peralta, Juan Rodriguez, Juan Salguero, Justo Sanchez Salmeron, José Valderrama, José Joaquim Vega, Juan Manuel Yanez, Luis Berrueco, Laurentino Barba Figuerôa, Loballo, Lobato, Luna, Luis Varella, Lorenzo Zendejas, Manuel Caro, Mariano Caro, Manue! Carcanio, Miguel Corrêa, Miguel Carranza, Manuel Delgado, Manuel Garcia, Miguel Espinosa, Mateo Gomez, Miguel Herrera, Mariano Huerto, Manuel Miranda, Manuel Lopez Guerrero, Manuel Orellana, Manuel Osorio, Mariano Vasquez, Nicolas Berra, Nicolas Berrueco, Nicolas Bravo, Nicolas Enriquez, Nicolas Fuen Labrada, Pedro Chacon, Pascual Perez, Pedro Calderon Lopez, Pedro Piedra, Perez de La Cerna, Perulero, Pedro Rioja, Pedro Quintana, Pedro Ramirez, Pedro Sol, Pedro Sandoval, Reducindo Contreras, Rafael Pina, Rafael Gutierrez, Roberto José Gutierrez, Sebastian Gante, Santiesteva, Serna, Salvador Cardenas Salazar, Sebastian Lopez Davalos, Tomas Conrado, Villavisencio, Villafane, Villalobos, Ventura José Guiol, Xicotencatl, Zalazar.

No seculo XIX a Academia de San Carlos definiu á evolução da arte local regra e extensão e ella com certeza basearia e fecundaria a industria se á revolução de 1810 para a independencia nacional, excitada em toda a America hespanhola pela invasão de França em Hespanha, se não succedessem outras revoluções civis periodicas, oriundas da desorientação virtual da triplice educação clerical e militar e metaphysica, impediendo de visão das verdades mais geraes da politica universal, que trancaram o instituto academico de 1821 a 1824 e desorganisaram institutos e perderam até trechos immensos do territorio, entregando por fim a nação á monarchia estrangeira de Maximiliano d'Austria, imposto em 1864 pela França e des-thronado e fusilado em 1867 por Juarez, o qual restaurou o regimen da republica e com elle os orgãos do progresso.

No primeiro quartel do seculo, antes de estalar a anarchia e cessar a vida mexicana, floresceram superiormente artistas vindos de Hespanha, como os pintores Andrés Ginez Aguirre e Cosme de Acuna desde 1785 e desde 1792 Rafael Ximeno, auctor da *Assumpção da Virgem* do zymborio da cathedral de Mexico, os architectos Juan Peinado e Antonio Gonzalez Velasquez, sobretudo desde 1791 o grande estatuario Manuel Tolsa (1757-1816), tambem architecto e pintor.

A cathedral de Mexico, começada em 1573 e em 1667 inaugurada, resume da evolução da arte colonial com o gothico de Castanheda, o greco-romano de Mora, o barrominico churrigheresco de Balbas, o classico da Re-

nascença italiana de Damiano Ortiz de Castro, auctor da sua fachada em 1786, encontrou então e ao mesmo tempo em Tolsa o architecto grandioso do seu colossal *zymborio* em 1804 e o esculptor das suas melhores estatuas como a da *Conceição* dum altar e as das tres *Virtudes* da fachada.

Mas as mais famosas obras de Tolsa são o *Tumulo de Cortez* e a colossal estatua equestre de *Carlos IV*, uma das maiores e mais admiraveis obras da estatuaria universal, fundida por elle na capital mexicana.

A esse tempo brilharam sob os ultimos raios do esplendor do grande estado prospero e integro os pintores Juan Saenz, collaborador de Ximeno, José Vasquez, auctor do *Santo Antonio* do templo do Sacratio de Mexico, José Antonio Castro, auctor da *Alliança de Hespanha e Inglaterra Contra a França*, todos discipulos da Academia, Echeverria, especialista na pintura de animaes e da flora, contemporaneo de Humboldt, Lavandeyra, Juan Cordeiro, alumno da Academia e discipulo de Carta em Roma, auctor da *Mulher Adultera*, sua obra prima, *Jesus Entre os Doutores*, *Moysés*, *Colombo na Côrte de Izabel*, do retrato de *Carta* da Academia de São Lucas de Roma, Salvador Huerto, Julian Ordonez, Lepaspi, José Manzo, tambem esculptor, discipulo de Huerto e mestre da Academia de Desenho fundada em 1814 em Puebla, os architectos Caballero, Ethandia, Paz, Francisco Eduardo Tres Guerras (1745-1833), tambem esculptor e pintor, restaurador das obras de decoração interna da cathedral de Mexico, os esculptores Pedro Patino Ixtolinque, indigena, discipulo de Tolsa, auctor de varias estatuas sacras da mesma cathedral, das estatuas da *America* e da *Liberdade* do museu do baixo-relevo de *Wamba Recusando a Corôa*, Mariano Perusquia, Mariano Arce, auctor do *São Thiago* da cathedral de Queretaro, ambos notaveis discipulos de Tolsa, Mariano Montenegro, discipulo de Arce e Perusquia.

Da segunda metade do seculo em deante, mórmente após a restauração republicana, renasceu a arte e se estendeu a todas as especies conceituas acompanhando o criterio escolastico hespanhol e francez com os pintores Andrés Belmont, Antonio Bribiesca, Alberto Fuster, Manuel Izaguirre, José Jara, José Maria, Murillo, Carriou Martinez, Edonardo de La Torre, Eduardo Grenet, José Salomé Pina, mestre da Academia, Felipe Gutierrez, que foi director da Academia de Bogotá em 1873 e esteve no Chili em 1879, auctor do *São Francisco de Paula*, os esculptores Guilermo Cardenas, Fidencio Nava, Augustin Ocampo, Arnulfo Dominguez, Cecilia Schmidt-Risse, Enrique Guerra, Diego Almeraz y Guillon, os dois Isla, auctores em 1875 da estatua de *Hidalgo*, os architectos Luis Molina, Ramon Arangioti, Lorenzo Hidalgo, Joaquim Heredia, Antonio Torres Torija, Anza Contreras, Enrique Barradas, Anzoreña y Ayreda.



No Perú, onde Salzedo (descobridor da mina de Puno) calçara de prata no seculo XVI cinco kilometros da estrada de Puno a Cuzco afim de receber em visita ao vice-rei colonial conde de Lemos e as necessidades republicanas do estado após a guerra da independencia arrecadaram dos templos de Lima em 1821 tonelada e meia de obras d'arte desse metal sem empobrecimento da sua ornamentação, mas os colonisadores hespanhoes haviam abandonado á ruina dos seculos em prestigio do monopolio da mineração bruta os canaes agricolas dos Incas e demolido seus monumentos afim de edificarem em Cuzco sobre o templo do Sol o mosteiro de São Domingos e



sobre o paço inca de Viracocha o templo da Cathedral para o dicterio religioso da unica fórma da nova educação nacional sem tolerancia da pre-existente na America, a deslumbradora vida artificial, de civilisação apparente e famosissima durante os primeiros seculos da colonisação, em que o ouro e prata e diamantes do Perú e Brasil e Mexico amoedaram o cabedal vivo da Europa para a formação da sua industria e riqueza, cessou inteiramente por não coexistirem outros elementos organicos vitaes quando deixou de produsir lucros phantasticos a tarefa material dos escravos no esgotamento das montanhas de minerio.

Como prova de alta cultura encontrada pelos primeiros colonos hespanhoes no imperio incasico de Atahualpa, capaz da perfeição occidental e só obstada pela violentação inexoravel das crenças e preconceitos tradicionaes da perseguida raça americana pelo clero e tropa invasores em nome da fé hespanhola, guarda a bibliotheca do mosteiro dominicano de Puno o *Codice* illuminado pela princeza indigena Capillana, companheira de Pizarro como Marina havia sido de Cortez, fallecida em 1549, no qual desenhou e pintou os monumentos maximos da civilisação prehistorica do Perú para esclarecimento do conquistador e do seu poderoso rei, simultaneo documento de innegavel antiguidade de civilisação superior e da sua constancia cultural no momento da conquista, que a destruiu totalmente para sempre na derrocada delles e na hecatombe criminosa das classes dymnasticas e cultas.

A arte colonial substituta, anterior á independencia em 1820, foi exclusivamente pia e tão nominal e van para a vida economica e liberal da nação peruana como a instrucção puramente metaphysica dimanada da sua famosa Universidade de San Marcos de Lima e da Universidade de Cuzco.

Em vão a metropole delegou para oriental-a no governo a elite dos seus barões e capitães e bispos e lhe proporcionou para instruil-a os seus sabios e artistas. Crearam-se e a envolveram durante tres seculos por vicio organico as tão memoradas e brilhantes quão illusorias athmospheras da pompa esteril duma classe minima rica de latifundios á tolher a actividade livre da população total condemnada á servidão e miseria e a da mais idéalista e imaginaria litteratura infecunda sem assento em verdade, que se desvaneceriam ambas como por encanto no desapparecimento da escravidão e desvalorisação das fontes de minerio, deixando a nação assistir inerte a paralisação subita do curso do seu destino por ignorar outros meios de o promover. Churrighera e Gongora predominaram na arte e nas letras.

Da éra morta da colonia a tradição conservou os nomes do famoso esculptor Baltazar Gavilan, do seculo XVIII, auctor da estatua de *Cevallos* e da estatua equestre de *Felippe V*, e dos pintores Cristobal Lozano, tambem celebre, Cristobal Daza, Matias Maestro, José Diaz, José Bermejo, José del Pozo, que em Lima, além de quadros *sacros* para os templos, executaram retratos para a galeria dos *vice-reis* do Paço, dos *arcebispos* da Cathedral, dos *reitores* da Universidade.

No seculo XIX, acompanhando o geral crescimento americano com atrazo notorio causado pela peia da tradição sobre os movimentos de liberdade a ponto de se deixar anteceder pela do Chili, a escola de arte local aponta os nomes dos pintores N. Carrilo, José Gil (1818), historiador e retratista, que no Chili pintou a serie das batalhas da *Independencia Chilena*, Ignacio Merino (1819-1860), o maior dos seus artistas, auctor do *Colombo no Conselho das Indias* do museu de Lima, sua obra prima, do *Pintor Peruano e Vingança de Corrazo* e *Leitura da Biblia* e *Hamleto*, Luis Montero, discipulo de Merino, auctor dos *Funeraes de Atahualpa* do mesmo museu, Francisco Lazo (1823-1869), discipulo de Merino e de Delaroché, auctor do *Habitante dos Andes*, Rebeca Oquendo, Domingo Quispe, Fernando Zeval-

los, Daniel Hernandez, Inés Sanz, Lepiani, Bacaflor, Alberto Lynch, pintor emerito, dos esculptores J. Carrilo, auctor da *Santa Theresa*, Santiago Mac-Gil, auctor das estatuas de *Guilherme I* e de *Napoleão III*, Luis Medina, indigena, auctor de estatuas anonymas dos *Indigenas do Perú*, Toribio Sanz. Falta á escola a base de regra academica local.



Em Bolivia, séde antiga dos Aymarás, independente de Hespanha em 1824 e separada do Perú em 1825, o pintor Villavicencio, auctor da *Morte de Sucre*, creou em La Paz no meiado do seculo XIX uma Academia de Desenho.



Colombia, Venezuela, Equador, cantonados com o Perú na mesma opulencia equatorial da zona da flora e da mina inexgotaveis, mal começam como este e pela mesma rasão a se desprender lentamente do estado de inania e inactividade legado pela educação metropolitana.

Em Colombia, independente de 1811 a 1821 á voz de Bolivar e de que se desagregaram em 1830 Venezuela e Equador, com Universidade iniciada em 1821 e Academia e museu de 30 quadros fundados em 1884 sobre os elementos de uma academia livre pelo presidente Alberto Urdaneta, general e pintor, mas ainda hoje enfeudada ao mesmo espirito do clero e do militarismo anterior a independencia, floresceram na éra colonial os pintores Antonio Acero, José Gregorio Vazquez Arce y Zaballos, fecundo auctor sacro do fim do seculo XVII, cujos quadros ornam em profusão os templos de Bogotá sobresahindo a *Fuga para o Egypto* do templo de Santo Agostinho e a *Ceia* do templo do Sacratio, Francisco Javier Mattis (1744-1851).

No seculo XIX seus mais notaveis pintores são Andrés Santa Maria, actual director da Academia, auctor das *Ceifadoras* do museu, Epifanio Garay, auctor do *São João Baptista* do zymborio da cathedral de Bogotá e do *Amôr Materno*, Alberto Urdaneta, auctor do *Caldas no Petibulo*.

Têm ainda nomeada os pintores Andrés Maria Marroquin (1833), especialista em caricatura, W. Guardia, auctor da *Lua de Mel*, Torres Medina, auctor da *Virgem do Carmo*, Acevedo Bernal, auctor do *São Lucas* do zymborio da mesma cathedral de Bogotá e do *Baptismo de Christo*, Ricardo Moros, auctor do *São Matheus* do mesmo zymborio, Zamora, paisagista, auctor da *Tarde nos Campos de Cazanares*, Ricardo Borrero, Zerda, Pedro Quijano, Pedro Luis Martin, os esculptores Pedro Lamus, auctor da estatua de *Colombo* de Miraflores, Paez, auctor do *Prometheu*, Eugenio Martinez, Bernabé Martinez, Mogollon, José Maria Trujillo Herrera.



Em Venezuela, onde teve logar a consolidação da independencia geral do grupo columbiano pela batalha decisiva de Bolivar em Carabobo em 24 de Junho de 1821, se fundou a Academia com museu de 200 quadros no ultimo quartel do seculo XIX.

O mais notavel dos seus artistas precusores é o pintor Martin Tobar y Tobar, que floresceu em seguida a era da libertação nacional e executou a *Batalha de Carabobo* do zymborio do Capitolio federal e a *Acta da Independencia* do paço municipal de Caracas.

Mas os seus maiores pintores são Arturo Michelena (1864-1898), discipulo de Jean Paul Laurens, auctor magistral da *Penthesilée* do museu, sua obra prima, *Miranda no Carcere* do mesmo museu, *Ceia* da Cathedral de Caracas, *Multiplicação dos Pães* da Capella Santa da mesma cidade, *Noite*, *Diana* do paço Miraflores, *Vuelvan-Carás* do paço municipal de Washington, *Pantheon Nacional*, *Carlota Corday*, *Criança Enferma*, *Os Leões*, *Infancia de Bacco*, *Crucificado*, *Oração no Horto*, Cristobal Rojas, auctor da *Communhão* do museu.

Seguem-nos em merito os pintores Emilio Juan Mauri, fundador da Academia, auctor do *Iris* e dos *Ultimos Momentos de Miranda* do museu, Antonio Herrera Toro, actual director academico, auctor da *Conceição* da Cathedral de Caracas e do *Heroismo de Antonio Ricaurte* do museu, Tito Salas, auctor do *Baile Hespanhol*, Diego Garcya, auctor dos retratos de *Bolívar* e de *Sucre* do paço municipal de San Cristobal, Salvador Moreno, Navarro, Alexandre Kreutzer, Emilio Boggio, impressionista, Carlos Otero, Monsanto, Izquierdo, Felix Acevedo, os esculptores Palacio, auctor do monumento da *Independencia* em Carabobo, Andrés Perez Mujica, auctor da estatua de *Guaicaipuro* do museu, Lorenzo Gonzalez, auctor da estatua da *Dôr* do museu, Cruz Alvarez Garcya, mestre academico, Rafael Aguin.



No Equador, outr'ora imperio dos Muyscas, a Academia de Quito fundada em 1860 por Luis Cadenas não teve duração.

Seu artista antigo mais notavel é o pintor Miguel de Santiago, fallecido em 1673, imitador de Ribera, auctor de 16 quadros *sacros* do mosteiro de de Santo Agostinho de Quito, em um dos quaes com oito metros de comprimento e dois metros de altura estão detalhados quinhentos personagens.

No fim do seculo XVII ainda floresceu o pintor Goribar, discipulo e emulo de Santiago, auctor dos *Prophetas* do Collegio dos jesuitas de Quito, bem como no começo do seculo XVIII o pintor N. Rodriguez, tambem discipulo de Santiago, auctor de varios quadros *sacros* da cathedral de Quito.

No seculo XIX os seus pintores notaveis são N. Cortez, famoso auctor do retrato de *Humboldt* e do *Baptismo de Christo* e da *Sacra Familia*, Samaniego, auctor da *Natividade* e *Adoração dos Magos* e *Assumpção da Virgem* da cathedral de Quito, Bernardo Rodriguez, emulo de Samaniego, Antonio Salas, fallecido em 1860, discipulo de Samaniego e Rodriguez, auctor do grupo dos *Generaes da Guerra da Independencia de Colombia*, Rafael Salas, filho e discipulo de Antonio Salas, paisagista, auctor do *Panorama dos Andes*, Luis Cadena, nascido em 1830, discipulo de Antonio Salas em Quito e de Monvoisin no Chili e de Alessandro Marini em Roma, auctor da serie da *Vida de Santo Agostinho* e da allegoria da *Alliança do Equador á Belgica*, Rafael Salas Perez, Enrique Seminario.

Entre seus esculptores mereceram nomeada no seculo XVII Avilla e Bernardo Legarda, no seculo XVIII N. Padilla, no seculo XIX Carpicara, indigena, auctor do *Christo da Columna* da cathedral de Quito, Olmos Pampite, tambem indigena, discipulo de Carpicara, auctor da *Virgem da Agonia* do templo de São Roque de Quito, Miguel Veléz, auctor do *Christo Agonizante*, Zangurima, Magdalena Dávales, Valentino, Daniel Alvarado.



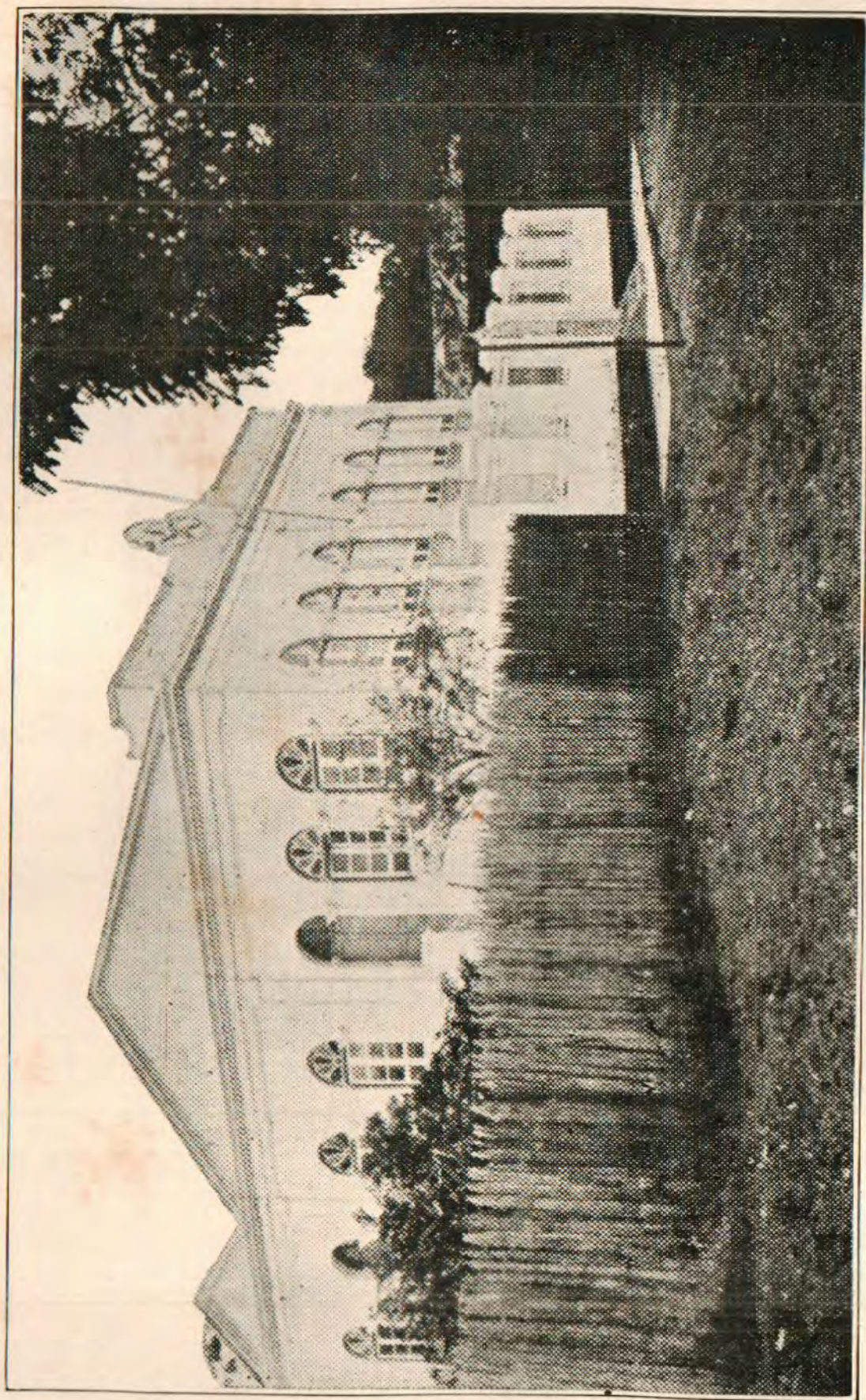
Chili e Argentina e Uruguay constituem grupo mais coheso, de civilização igual a do Mexico, muito superior a dos grupos peruviano e colombiano, apesar de mais tardia iniciação no cultivo da arte e da sciencia e da menor tutela administrativa da metropole, que a nominalidade daquella e contraproducencia desta bastantemente explicam. O Paraguay, onde o ideal jesuita completou em gerações successivas sua obra de estiolamento do espirito de liberdade e o despotismo militar o succedeu na regencia da nação estiolada para a sacrificar na guerra feroz de 1865 a 1870 por elle provocada, viveu e continúa apartado da regra geral de cultura do occidente sem consciencia desse affastamento e sem iniciação nos meios de obviar-o, pois em 1908 possuía apenas 345 aulas publicas.

A arte dos tres estados foi sómente instituida com regularidade como elemento de educação nacional no seculo XIX após a independencia politica. E o Chili logrou entre todos precedencia, apregoada pela historia e pela critica.

No Chili, colonizado em 1541, independente de 1810 a 1818 na batalha de Maypu, a Universidade de San Felipe de Santiago é de 1738, a imprensa penetrou em 1811, a bibliotheca de Santiago em 1840 possuía 12 mil livros, a Academia de Bellas Artes com museu e escola de artes e officios foi em 9 de Março de 1849 annexa á Universidade á principio sob a direcção do pintor napolitano Alessandro Ciccarelli até 1871 e do pintor francez Raymond Monvoisin, os quaes haviam estado na cidade brasileira do Rio de Janeiro, cujo museu possui os retratos do *Conde de Aljezur* e da *Condessa de Aljezur* de Ciccarelli e excellent retrato de *Pedro II* por Monvoisin, e por fim dos pintores Ernest Kerbach, allemão, Juan Mochi, italiano, Fernando Alvarez de Sotomayor, hespanhol.

Lograram fama na era colonial os esculptores Ambrosio Santelices (1740-1823), aprendiz do Collegio dos jesuitas, tambem architecto e letrado, creador da arte chilena, auctor da *Virgem do Carmo* do mosteiro de São Francisco e do *São Pedro* da cathedral de Santiago, Ignacio Andia y Varela (1757-1822), esculptor da *Pyramide* de Chacabuco e tambem pintor da scena allegorica da *Morte*, Pedro Santelices, filho e discipulo de Ambrosio, fallecido em 1842.

No seculo XIX são notaveis os pintores Antonio Gana, Manoel Mena, Jorge Castanheda, Luciano Lainez, Pedro Churi, discipulo de Ciccarelli, fallecido em 1846, Francisco Javier Mandiola y Campos, discipulo de Monvoisin, auctor dos *Mendigos*, Lorenzo Adaro, Francisco David Silva, Antonio Smith y Irisarri (1832-1877), discipulo de Ciccarelli e de Markó, introductor da paisagem natural em 1866, auctor do *Pôr do Sol nos Andes* e do *Valle de Santiago*, Pascual Ortega, auctor da *Santa Rosa* da cathedral de Santiago, Thomas David Sanchez, fallecido em 1886, Vicente de La Barrera, Benito Basterrica, dedicado a caricatura, auctor da copia do *Ultimo Dia de Carrera* do uruguayo Blane, Manoel Antonio Caro, especialista em costumes locais, auctor da *Zamacueca*, *Angelito*, *Cucurucho*, *Falte*, *M ochito*, da *Abdicação de O Higgíns*, Miguel Campos, auctor dos *Pescadores* e do *San Martin Atravesando os Andes*, Pedro Leon Carmona, director em 1888 da Academia de pintura da universidade catholica, auctor da *Cratéra* e do *Vulcão Renegado*, Agustina Gutierrez (1851-1886), auctora da *Armida e Reynaldo*, Nicolás Guzman, nascido em 1850, auctor dos *Ultimos Momentos de Pedro de Valdivia* do museu da Academia, Pedro Churi, Alberto Orrego y Luco, Clemencia Orrego y Luco, Salvador Alfredo Jorge Smith y Canales de La Cerda, Maria



Grupo Escolar de Maracaná

Prieto, discipula do paisagista Irisarri, Enrique Swinburn, paisagista, Manuel Tapia y Fortus, retratista, auctor da *Caridade*, Pantaleon Veliz y Silva, decorador, Albina Elguin, Luis Fernando Rojas, desenhista, Ernesto Molina, Aurora Mera y Mena, Magdalena Mira de Cousino, tambem esculptora, auctora do *Agrippina Metello no Carcere*, Geneveva Merino, auctora do *Don Quichote*, Samuel Mena, retratista, Regina Matte, auctora do *Duetto*, Sofia Guzman, Onofre Jarpa, Calixto Guerrero, desenhista, sobretudo Pedro Francisco Lira, nascido em 1845, o maior dos seus artistas, professor da Academia, auctor da *Morte de Colombo*, *Fundação de Santiago*, *Dansa Antiga*, escriptor das obras *Las Bellas Artes en Chile* e *Diccionario Biographico de Pintores*, Cosme San-Martin, auctor da *Execução de Don Juan Padilla* e do *Repouso do Modelo*, José Ortega, professor academico, auctor do *Tegualda*, Perez Mascayano, especialista em vitraes, Jose Tomas Errazuris, auctor das *Lavadeiras*, Celia Castro, especialista em natureza morta, Juan Eduardo Harris, Alfredo Valenzuela Puelma, Marcial Plaza-Ferrand, Raphael Correa, Manuel Tomson, Alberto Valenzuela Llanos, Cosme San-Martin, Juan Francisco Gonzalez, Fabres, Rebolledo Correa, Burchard, Alegria, Gordon, Backaus, Valdez, Undurraga, Saint-Marie, Alfredo Helsbey, auctor do *Panorama de Valparaiso* do museu de Rio de Janeiro, os esculptores Francisco Sanchez, Jose Miguel Blanco, nascido em 1840, auctor do monumento de *Arturo Pratt*, do *Las Casas Alimentado por uma India*, *Repouso do Tambôr* do museu, Nicanor Plaza, nascido em 1844, discipulo de Jouffroy em Pariz, auctor da estatua de *Caupolican* em 1867 e dos monumentos de *Andrés Bello* e de *Domingo Eyzaguirre* em Santiago, Virginius Arias, nascido em 1852, discipulo de Sanchez e de Plaza, actual director da Academia, auctor celebre do *Descimento da Cruz*, do *Soldado Chileno*, da *Dejeza Nacional*, Carlos Lagarrigue, nascido em 1858, auctor do *Giotto*, Simon Gonzalez, professor academico, Alberto Heninngsen, Rebecca Matte, Ernesto Concha; os gravadores Alvaro Garin e Carlos Naguel; os architectos Manuel Adunate y Vigil, nascido em 1815, auctor do paço do *Congresso* de Santiago, Fermin Vivaceta, nascido em 1829, auctor da *Univerdade* de Santiago, Ricardo Brown, fallecido em 1885, Cruz Montt, Doyére, Jequier, Johannon, Larran Bravo.

Desde 1879, reorganizada a Universidade, a arte chilena começou a se consolidar e a influir no nascimento da industria sob a direcção de Lira e Arias.

Em 1907 a Academia de Bellas Artes tinha 82 alumnos e a Escola de artes e officios 250 e existia á mais a Escola industrial de Chillan.



Na Argentina, descoberta em 1508 por Solis mas só colonizada desde a fundação de Buenos Ayres na foz do Rio da Prata por Juan de Garay em 11 de Junho de 1580, separada do vice-reino do Perú em 1776, foi creada em 1622 a universidade de San Ignacio em Cordoba e ali introduzida a imprensa em 1765.

Mas essa universidade era regida pelos missionarios jesuitas, aos quaes a metropole permittira a imprensa por excepção. Só ensinava grammatica, latim, philosophia methaphysica, theologia, direito.

Quando os jesuitas foram suppresos em 1766 e expulsos em 1767 seu collegio de Buenos Ayres foi transformado em 1771 na universidade de San Carlos, á que se annexou um seminario em 1793, sendo transferido para esta cidade o unico prélo typographico de Cordoba, cuja primeira obra conhe-

cida é de 1780, e confiadas ambas as universidades á direcção da ordem religiosa dos franciscanos até 1807 sem alteração do seu nullo methodo de ensino por virtude de opposição violenta da universidade metropolitana de Salamanca.

Independente, porém, da metropole desde 1810 sob o estandarte revolucionario dos generaes Belgrano e San Martin, nesse mesmo anno incluiu nellas o ensino da mathematica e fundou a Bibliotheca publica de Buenos Ayres.

Seu primeiro jornal e sua primeira aula de desenho são de 1801.

Cessaram em 25 de Maio de 1811 o trafico africano de escravos, em 1813 e tribunal da Inquisição, em 1817 a escravidão.

Em 1825 sabios mestres europeus foram aggregados ás universidades, onde já leccionava Bompland.

Em 1823 foi fundada em Buenos Ayres a Academia de Bellas Artes.

Em 1854 começa a corrente ininterrupta da immigração europea. Neste mesmo anno, desaparecida a dictadura (1835 á 1852) de Rosas durante a qual os jesuitas volveram a republica, Sarmiento organisa aulas de ensino primario com minusculas bibliothecas annexas e crea a primeira escola normal de Buenas Ayres.

Desfeitas a anarchia interna de Urquiza em 1862 por Mitre e a formidavel ameaça de absorpção do Paraguay por intervenção das armas alliadas do Brasil e Uruguay de 1865 a 1870, a nação reorganizou sobre mais solida base sua nascente civilisação.

As duas universidades foram refundidas desde 1860 pelo sabio francez Amedée Jacques, sendo supprimidos dos seus programmas de ensino os estudos inuteis a vida militante. E em 1882 se fundou a universidade de La Plata com órgãos superiores de instrucção scientifica.

Em 16 de Abril de 1873 foi reformada a Academia de Bellas Artes de Buenos Ayres, em 1882 foi creada a de La Plata e posteriormente a de Tucuman, em 1875 foi installado o Conservatorio de musica.

Em 1876 havia 1.982 aulas primarias com 120.812 alumnos, 24 collegios com 2.701, 8 escolas normaes com 471, 5 seminarios com 292, duas academias de agronomia com 89, duas de commercio com 471, uma de mineralogia com 24, uma militar com 80, uma naval com 39, a Universidade de Buenos Ayres com 1.256 e a de Cordoba com 296, o Conservatorio de Musica com 330, a Academia de Bellas Artes de Buenos Ayres com 65, isto é, 2.031 escolas para 127.036 alumnos. A Bibliotheca de Buenos Ayres possuia 50 mil livros e existiam 182 pequenas bibliothecas annexas as escolas com 49.884 volumes.

Em 1878 foram impressos 148 jornaes e revistas, sendo 123 em Buenos Ayres e 25 nas provincias.

Em 1896 foi fundado o Museu de Buenos Ayres, que hoje possui 350 quadros, bem como o de La Plata, que possui 100. E tem fama relativa a galeria Guerrico de propriedade particular.

Na Academia de Bellas Artes de Buenos Ayres em 1908 ensinavam 22 professores a 650 alumnos.

A arte argentina, porém, ainda não tem crescimento regular e fixidez de caracter.

Os melhores monumentos de Buenos Ayres são de factura estrangeira.

O paço do *Congresso* em 1906 e o *theatro Colon* em 1908 são de Dormel e o *Forum* em 1904 é de Meillart, ambos artistas franceses. A estatua de *Sarmiento* em 1900 é de Rodin, a *Diana* do *Jockey Club* é de Falguieri, assim como de egual origem europea a equestre de *San Martin* e as da *Repubblica*, *Belgrano*, *Alsina*, *Falucho*, *Lavalle*, *Burmeister*, *Eduardo Costa*, que ornam Buenos Ayres. São pequena excepção o *theatro Municipal* do archi-

tecto Victor Meno e a *Fonte do Passeio Publico de Julho* da esculptora Lola Mora.

Florescem simultaneos em obras de toda especie os estylos das diversas escolas europeas sem indício de proxima reacção local para triumpho de um conceito homogeneo.

Sua actividade continúa embryonaria no estadio theorico de exploração da agricultura e da pecuaria com lucro incerto e inconstante, apesar de sua liberal organização da mobilisação da propriedade rural e do credito e da selecção pastoril, por falta de maioridade de educação technica de nacionaes e immigrants afim de elaborarem a industria propriamente dita, pois ainda é nimia a quota de arte iniciada por institutos academicos e museus em que esta se baseie regularmente e cresça.

A arte anterior a independencia, só ministrada por jesuitas e monjes, fôra, como em toda a colonia luso hispanica, ou rudimentar ou sacra, do que são typos maiores em Buenos Ayres a *Ceia* de um pintor indio do mosteiro de São Francisco, onde em 1815 o franciscano Castanheda abriu uma aula de desenho, a *Cathedral* jonica do fim do seculo XVIII, a esculptura e estatuaria dos templos.

No seculo XIX ha noticia dos pintores Gregorio Torres, nascido em 1819, discipulo de Monvoisin na Academia do Chile, auctor da scena historica da *Despedida de Rivadavia e Sarmiento*, sua obra prima, *Sarmiento em San Juan*, *O Regimento de Sandez no Pampa*, *Tigre dos Llanos*, Bernabé Demaria, nascido em 1827, discipulo de Esquivel em Hespanha, Procesa Sarmiento, retratista, que floresceu no Chile em 1848 e foi tambem discipulo de Monvoisin, Corina Videla, Ignacio Bas, miniaturista, Martin Bonéo, reorganizador e director da Academia de Buenos Ayres em 1873.

No seculo XX florescem os architectos Victor Meno, Dunant, Segríst, Zucker, Schindler, os estrangeiros Christophersen, Le Monnier, Dumont, Agote, Broggi, Dubois, Dormel, os esculptores Lola Mora, Cafferata, auctor da estatua do *Indio em Repouso*, Ballerini, os pintores Lucio Correa de Morales, discipulo da Academia de Buenos Ayres e de Ciseri em Florença, auctor dos *Gauchos* do museu, Angel Della Valle, tambem discipulo da Academia e de Ciseri, auctor dos *Cavallos Fugindo do Incendio dos Campos* do museu, Juliá Wernicke, auctor do *Panorama do Porto do Rio de Janeiro*, Eduardo Schiaffino, director da Academia de Buenos Ayres, Sivori, paisagista, Emilio Artiga, Guidice, Alonso de la Cárcova, Rodriguez Etchart, Mendilakarzu, Irurtia, Lastra, Pueyrredon, Agrelo, Franklin Ranson, Collivadino, Vela, Malharro, Dresco, Ripamonte, Ricardo Garcia, Maggiolo, Quirós, dos quaes o museu de Buenos Ayres possui obras.



O Uruguay, onde se fundou Montevideu em 1726, a imprensa foi introduzida para os missionarios jesuitas em 1750 e a primeira aula primaria em 1796.

Independente de Hespanha em 1814 e do Brasil em 1826 e da Argentina em 1852, creou em Montevideu a Bibliotheca em 1816, aboliu a escravidão em 1847, organisou a Universidade em 1849 e posteriormente o Instituto de Artes e Officios com secção de ensino de esculptura e pintura e Museu.

A Bibliotheca possui 42.500 livros.

Em 1879 havia 298 escolas para 23.281 alumnos, em 1889 420 para 32.726.

Em 1899 possuia 562 parr 52.606 e em 1909 possui 800 para 72.854.



Seu maior artista é o pintor Juan Manuel Blanes, nascido em 1830, discipulo de Ciseri, auctor da *Febre Amarella* e dos *Trinta e Tres* do museu, retrato equestre do *General Osorio* do museu de Rio de Janeiro, *Carrera no Calabruço*, *Revista de Rancagua*. Seu architecto é Hector Juan Morelli.

São ainda notaveis os pintores Domingo Laporte, discipulo de Chiaranfi em Florença, auctor do *Avaro* do museu, Francisco Aguilar, tambem discipulo de Chiaranfi, auctor da *Oração*, Pallejá, de quem ha obras no museu de Buenos Ayres, Renon, tambem discipulo de Chiaranfi, Sonera, pintor de scenas de costume local, Samaran, Blanes, paisagista, filho de Juan Manuel Blanes.



O Paraguay, independente em 1810 e separado em 1811, victima de seu heroismo clerical na guerra de 1865 a 1870, tem em 1908 apenas 345 escolas com 735 mestres e 40.000 alumnos.



## Questões de grammática e philologia

Anomalias convencionaes da orthographia portuguesa.

Vozes e ditongos nasaes.

### I

Desejoso de levar o meu insignificante concurso á *Revista do Ensino* e desoladoramente acantado pela escassez da minha cultura, numas pecas reminiscencias grammaticaes, atrevo-me a arrostar o desdem do leitor, ao se lhe depararem estes enfadonhos commentarios.

As discussões a respeito de orthographia vão desde alguns annos tomando entre nós uma feição irritantemente esteril.

Não que os problemas que procuram resolver, as difficuldades que visam albanar sejam despiciendas, mas principalmente porque no estuoso tumulto de taes controversias não se empenham somente os que, apoiados numa solida cultura philologica, o poderiam fazer com proveito.

Ao lado de valiosas opiniões, criteriosamente aventadas por abalisados sabedores da lingua, o que se vê, mais frequentemente é a garrulice facil de chronistas elegantes, que discutem sciencia com a mesma leveza com que pontificam acerca de modas.

Que me perdõem a mim como aos taes esta soporifica incursão nos convellidos e aridos campos da graphia.

Examinando o lexico portuguez, apprehende-se de prompto que no final dos vocabulos a inflexão nasal é representada por *m*, como em *bem*, *fim*, *tom*, *algum*. (1)

Isto é a regra geral, aprendida naturalmente do latim, onde as terminações nasaes—accusativo do singular e genitivo do plural de todas as declinações, nominativo e vocativo do singular dos nomes neutros da segunda declinação e a primeira pessoa da maioria dos tempos dos verbos—se grapham com *m*. (2)

Ha, porém, no meio da quasi totalidade das palavras assim escriptas, algumas que apresentam a esquisitice de um *n* final: *colon*, *canon*, *Orion*, *joven*, *regimen*, *especimen*, *tentamen*, *certamen*, *albumen*, *germen*, e outras em *men*, cuja graphia, embora esteja em flagrante antinomia com o uso geral, é registada pelos dictionaristas, ensinada pelos grammaticos e supersticiosamente respeitada pelos escriptores.

No emtanto se perguntarmos qual o motivo desta excepção, ninguem nol-o poderá responder, apresentando um argumento serio, capaz de a explicar satisfatoriamente.

Contra o *n* de *joven* já protestaram Candido de Figueiredo e Alfredo Gomes; mas quanto a *canon*, *colon* e *Orion* nem mesmo o primeiro dos philologos citados, que escreve *edredão*, *mação* em vez de *edredon* e *maçon*, suggeriu uma alteração qualquer.

Reconhecendo a irregularidade da graphia dos vocabulos em *men* como *regimen*, o Dr. Candido de Figueiredo propôz para remedial-a um alvitre que, se me é permittida a ousadia desta oppugnação, não me parece razoavel, por não se apoiar na logica evolução do nosso lexico e vir trazer como simplificação graphica uma sensivel alteração phonetica—insolito capricho, intolleravel mesmo no programma dos mais extremados partidarios da orthographia sonica.

O douto philologo auctoriza a suppressão do signal de nasalidade no fim daquellas palavras, que assim mutiladas passariam a ser *regime*, *certame* etc. E defendendo o seu asserto, adduz argumentos de tal modo insustentaveis e falhos que não parecem de quem os articula, e bem merecem a pecha de faceis com que nesta mesma revista o nosso distincto philologo, Dr. Paulino de Brito, estigmatizou asseverações do sabio vernaculista luso.

A' pagina 62 do volume segundo da terceira edição das *Lições Práticas da Língua Portuguesa*, resume o auctor a sua opinião sobre o assumpto.

Cital-o-ei para maior clareza.

« Quanto ás minhas razões, são ellas de duas ordens: *coerencia* e *simplificação*, harmonizadas com a índole da lingua.

A coerência está em que, escrevendo eu *crime lume* e *cume*, que em latim são *crimen*, *lumen* e *culmen*, devo escrever *regime*, *certame*, *germe*, e *tentame* que em latim são *regimen*, *certamen*, *germen* e *tentamen*.

A simplificação está em evitarmos neste caso a forma erudita e pretenciosa, para seguirmos a tendência e as leis da fonetica geral e popular.»

1] Sobre as palavras terminadas em *a* nasal fallarei no proximo artigo a proposito dos ditongos nasaes.

2] A's vezes na terceira declinação latina o nominativo perde a sua flexão caracteristica e é representado pelo thema do vocabulo, intacto ou modificado. Ex. *consul* genitivo *consulis sermo* g. *sermonis* *imago* g. *imaginis*, *regimen* g. *regiminis*, *opus* g. *operis*, etc.

E' por isto que os neutros como *regimen*, *tentamen*, *nomen*, apresentam no nominativo, accusativo e vocativo do singular um *n* final, que é parte integrante do thema e não signal de flexão como se poderia suppor.

Bonita argumentação, e certamente votada a um exito incontrastavel perante os espiritos pouco afeitos á historia da nossa lingua, mas de uma fragilidade ninhega, para os que lhe não são completamente estranhos.

Vejamol-o.

A controversia é longa e destituida de interesse para os que se não dedicam a especulações philologicas. E, se a emprehendo, é menos pela vaidade de estadear conhecimentos, de que careço, do que pelo desejo de deixar consignado em uma publicação duradoura um fragmento das despreteciusas lições de lingua vernacula, que ministro aos meus alumnos.

Os vocabulos da lingua portugueza formaram-se por dois processos: ou se perpetuaram pela tradição oral dos habitantes da Lusitania, que os receberam de seus ascendentes, autochtones ou immigrados, e neste caso soffreram a influencia das multiplas e nem sempre determinadas causas, a cujo favor se modificaram; ou foram adoptados do latim, do grego e de outros idiomas, pelos nossos escriptores, que lhes respeitaram a integridade morphologica, afeiçoando-os á indole do português.

A' primeira destas correntes lexiogenicas chamam os grammaticos *derivação popular* e á segunda *derivação erudita*.

Nas palavras de formação popular observa-se a conservação do accento tonico o desapparecimento das vozes atonas e das consonancias medias, o abrandamento das consonancias fortes e finalmente o ensurdecimento da nasalidade caracteristica do accusativo de que provieram.

Ex. *legalitatem* = *lealdade*. (3)

Cumpre ainda notar que, quando a terminação do accusativo é precedida por *c*, *l*, *n* e *r*, em vez de apenas perder a nasalidade, desapparece totalmente.

Ex. *lucem*, *consulem*, *virginem* e *amorem* = *luz*, *consul*, *virgem* e *amor*.

Disto resultou que em alguns casos o povo confundindo a nasalidade do thema vocabular com a nasalidade desinencial, supprimiu tambem aquella.

*Crimen*, *lumen* e *nomen*, que deviam transformar-se em *crinem*, *lumen* e *nomem*, como *virgin* e *ordin* (themas sem a flexão de accusativo que se perdeu) que deram *virgem* e *ordem*, reduziram-se a *crime lume* e *nome*.

Na formação erudita, são mantidos na sua integridade os elementos morphicos do vocabulo, cuja adaptação ás normas geraes do nosso idioma consiste sómente em alguns abrandamentos de consonancias, modificação da terminação e ás vezes deslocação do accento tonico. (4)

Ex. *legalitatem* = *legalidade*, *plateam* = *platea*,

Isto posto, a suppressão ou persistencia da nasalidade final de *regimen*, *tentamen*, etc. é determinada pelo processo de formação destas palavras

Se ellas nos tivessem vindo pela corrente popular, poderiam dar naturalmente *regime*, *tentamz*, etc., como *lume*, *nome*.

3) João Ribeiro—*Grammatica Portugueza*—setima edição pags. 16 a 20. Alfredo Gomes—*Grammatica Portugueza*—sexta edição pags. 99. Maximino de Araujo Maciel—*Grammatica Descriptiva*—terceira edição—pgs. 181 a 183.

A despeito da opinião de alguns grammaticos, entre os quaes está Julio Ribeiro, que consideram o ablativo latino o caso originario dos substantivos portuguezes, o accusativo é indiscutivelmente o caso lexiogenico do nosso idioma. Assim o entendem João Ribeiro e Alfredo Gomes, que, além dos factos, cuja apreciação não pôde deixar duvida a ninguem, têm a seu favor a opinião de Frederico Diez, cujo parecer em philologia romanica não é para desdenhar

4) Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade—*Grammatica da Língua Portuguêsa*—segunda edição pags. 382 e 395. João Ribeiro, obra cit. pag. 20. Maximino Maciel obr. cit. pag. 189.

Tiradas, porem, directamente do latim como é a opinião geralmente acceita (5) nenhum motivo ha para o seu truncamento, pois, como todas as palavras de formação erudita, se devem conservar intactas no seu thema, soffrendo sómente adaptação na ultima syllaba, que, sendo nasal, deve, de accordo com a convenção geralmente adoptada, graphar-se com *m*.

E assim temos *regimem, tentamem, etc.*

Em face desta insophismavel lição dos factos, como suster de pé a preconizada suppressão da nasalidade final de *regimen, tentamen, etc.* ?

Dizer-se, como aliás o tem feito o douto auctor do *Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa*, que assim como se pronuncia e escreve *crime, nome*, se deve dizer e graphar, *regime, tentame*, é uma semrazão.

Como todo mundo sabe inconcussamente, *crime* e *nome* são vocabulos de formação popular, e por isto sujeitos ás deformações que lhes imprimiram as vicissitudes experimentadas na sua peregrinação quasi duas vezes millenaria, do *plebeius sermo* dos invasores romanos á fixação da lingua portugueza, nos seculos XV e XVI.

Nesta aventureosa odysséa, atacada pela mesma tendencia destruidora que supprimiu a nasalidade flexional, caracteristica do accusativo, desapareceu do vocabulo a nasalidade terminal do thema. Tal confusão, natural no povo ignorante, não seria absolutamente possivel nos nossos classicos, adaptadores das questionadas formas em *men*, e tão sabedores do latim que, desde Camões a Castilho, versejavam na pomposa lingua dos quirites com a mesma facilidade com que o faziam na sua propria.

Até aqui os argumentos induzidos dentro dos limites da formação do portuguez.

Se quizermos ampliar a discussão, elucidando-a com uma vista comparativa ao hespanhol e ao francez, lá como aqui, se nos depara precisamente a mesma duplicidade. Numas formas a nasalidade final do thema desapareceu e noutras foi conservada.

No hespanhol, ora a terminação alterou-se completamente, como em *lumbre e nombre*, ora manteve a nasalidade, como em *régimen examen*.

No francez, a par das formas atrophiadas, como *crime, nom, régime*, coexistem as formas integras, como *examen* e *abdomen*. (6)

E não me consta que alguem, por amor á simplificação e á coherencia, tenha proposto substituil-as por *exame abdome*, o que dada a disparidade de pronuncia do *e* e *en finaes* naquelle idioma, teria por certo bem poucas probabilidades de exito.

Para feixar esta contestação basta lembrar que, se em respeito á «phonetica geral e popular» fossemos levados a pronunciar e escrever *regime* e *abdome*, sel-o-íamos logicamente a dizer e a graphar *nuve, orige*, que é como pronuncia a povo.

Disto, porém, ninguem se lembrou ainda, e praza aos manes de Vieira e Herculano que tal desgarro não occorra a um novidadeiro qualquer.

Correr-se-ia o risco de vêr a extravagancia acceita e perpetrada.

O nosso povo é tão amigo de innovações que lhe contemporizem com o desleixo...

5) Candido de Figueiredo—*Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa*—Conversação preliminar pagina XXIV.

6) O escreverem os hispanhoes e franceses com *n* as palavras em *men*, não é argumento contra a graphia que proponho. Naquellas linguas, ao contrario do portuguez, a nasalidade final é sempre representado por *n*. Graphando *n* em *abdomen*, elles são congruentes, como nós o seguimos, se o fizessemos com *m*.

Em vista pois da rigorosa indução dos factos estudados, a orthographia accôrde com o genio do nossa idioma é *regimem, tentamem, etc.*, tudo com a nasalidade final representada por *m*.

Ou isto ou não se tocar no illogismo, que um uso algumas vezes secular abroquela no prestigio hieratico das velhas cousas respeitadas pelo tempo.

Numa lingua já definitivamente constituida e cuja fixação de formas vocabulares e syntacticas se operou ha quatro seculos nessa fulgurante éra quinhentista, em que, ao sopro magico da Renascença, o achamboado romance, algaraviado na gloriosa terra de Viriato, se metamorphoseou no magestoso e grandiloquo idioma em que foi moldada a sublimidade épica dos Lusíadas, corrigir-se uma anomalia graphica, substituindo-a por uma corrupção prosodica, é que não é logico nem plausivel.

Ferreira dos Santos



## CURIOSIDADES SCIENTÍFICAS

*Iniciamos, no presente opúsculo, uma série intressantíssima de curiosidades científicas, destinadas especialmente á leitura dos professores. Não é obra original, pois que esta secção da Revista se destina apenas a divulgar dados e observações da sciência, traduzindo e adoptando o que se haja escrito de mais vantajoso, sob o critério pedagógico.*

### A phophorescência no Mar

Os animaes terrestres apresentam mui raramente o phenómeno da luminosidade; o mesmo não acontece com os animaes marinhos nos quaes a produção da luz é assaz frequente.

Todos os que permaneceram por algum tempo a beira-mar, tiveram o ensejo de admirar á noite, o que se chama a phosphorescência do mar. Cada vaga que se eleva é luminosa e recae formando um jorro de gotticulas brilhantes como diamantes.

«Assim que o sol desaparece no horisonte, conta Alfredo Fredol no seu bello livro o *Mundo do Mar*, innumeraveis enxames de animálculos luminosos são attraídos á superficie do líquido por certas circumstâncias metereológicas. Uma nova claridade surge do seio das ondas. Dir-se-ia que o Oceano tenta de restituir durante a noite as torrentes de luz que elle recebeu durante o dia. Mas essa luz estranha não aclara uniformemente o meio em que ella se produz, nasce aqui e alli, numa multidão de pontos que subitamente se accendem e scintillam. Quando o mar fica inteiramente calmo, parece que se vê em sua superficie faiscas brilhantes que fluctuam e se baloiçam, e entre ellas caprichosos fogos-fátuos que se perseguem e se cruzam entre si. Estas súbitas aparições, reúnem-se, separam-se, tornam a jun-

tar-se e acabam formando um vasto lençol de phosphorescência azulada, pállida e vacillante, no seio do qual se pôde ainda distinguir de quando em quando, pequenos sóes deslumbrantes que conservam todo o seu brilho. Quando o mar está muito agitado parece que as ondas se abraçam. Elevam-se, rolam, fervilham e quebram-se em flocos de espuma que brilham e desaparecem como fagulhas de uma immensa fogueira. E quando arrebetam nos rochedos marginaes, as ondas cingem-nos de uma orla luminosa: o menor dos recifes tem o seu círculo de fogo (*Quatrefages*). Nada é mais gracioso então, que um bando de golfinhos brincando nessas noites e battendo, dividindo, espalhando, pulverizando essa onda maravilhosa (*Humboldt*). A cada momento surgem do Oceano jactos de luz: ora fracos, pouco móveis e quasi contíguos; ora resplendentes, vagabundos e dispersos como uma sementeira de pérolas cambiantes. Quando um vapor fende as ondas, empurra á sua frente duas vagas de phósphoro líquido; e ao mesmo tempo traceja, atraz de sua pôpa um longo sulco de fogo que se apaga lentamente como a cauda de um comêta. Que bello assunto para os estudos dos sábios e que admirável fonte de inspirações para os poetas!»

Contrariamente ao que parece indicar o seu nome, não se deve o phenomeno da phosphorescência á presença do phósphoro; mas sim a dum pequenissimo animal que pullula nas águas do mar, o *Noctiluco miliar*. E este facto é conhecido de longos annos. Assim é que Houton de Labillardière já contava os seguintes factos, em 1791: Havia eu guardado, diz elle, garrafas d'água do mar, cheias na véspera, durante o seu período de phosphorescência, afim de examinar esses pequenos corpos luminosos que são a causa do phenomeno. Essa água, derramada num copo, foi saculejada na obscuridade. Vi subitamente, surgirem glóbulos luminosos que em nada se diferenciavam dos que de ordinario são observados quando o mar está agitado. Filtrei-a cuidadosamente: pequenos molluscos, muito gelatinosos, transparentes, de fórma globulosa, e cuja dimensão era no máximo de um terço de millímetro, ficaram no papel-filtro, e para logo essa água do mar perdeu toda a sua phosphorescência: novamente lh'á restituí mergulhando outra vez os pequenos molluscos. E sob pena delles perderem todas as suas propriedades phosphóricas, não se os devia deixar por muito tempo fóra d'água. Repeti por muitas vezes a mesma experiéncia em paragens afastadissimas umas das outras, e encontrei constantemente os mesmos animalzitos, que eu considero como causa da phosphorescência das águas do mar.»

O Noctiluco, não é um mollusco. E' um organismo muito mais simples, formado essencialmente de uma pequena bola transparente, gelatinosa, munida de um prolongamento cumprido e movel, chamado *flagellum*. Os Noctilucos não são visiveis a olho nú, mas somente ao microscópio, sendo o seu diámetro pequenissimo. E' no meio dessa massa gelatinosa que se produz a luz, que não apparece senão quando o liquido onde os Noctilucos nadam, está agitado. Esses organismos, collocados num vaso e num lugar mui calmo, não mostram vestígios de claridade; mas se acontecer agitar-se o vaso, ver-se-á immediatamente o liquido illuminar-se, para apagar-se em seguida pouco a pouco.

Os Noctilucos não são os únicos organismos que produzem a phosphorescência do mar, muitas vezes é ella produzida ao mesmo tempo por um micróbio, o *Bacillo phosphorescente*.

Raramente, mas tambem acontece ser a phosphorescência devida a medusas, e até a vermes.

(*Trad.*)



# Ensino Público

(Excerptos do relatório de 1911, apresentado ao Governador do Estado pelo Desembargador Augusto Olympio, Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica).

## Instituto "Gentil Bittencourt"

Permanece em magnificas condições o Instituto de orphãs que o Estado mantém sob esta denominação.

A quantos visitam-n'ò deixa elle optima impressão.

A caprichosa installação que de começo recebeu, o asseio irreprehensivel com que é mantido em todas as suas dependencias, a branda, mas inquebrantavel disciplina implantada no seu regimem interno, a esmerada educação que nelle se ministra, tudo, emfim, concorre para ser apontado como modêlo.

Não conheço, no genero, instituição superior, e quando outros titulos não possuíssemos para provar o gráu de adiantamento que as cousas da instrucção vão tendo entre nós, este bastar-nos-ia.

Confirmo em absoluto quanto disse o anno passado quando louvei o acerto de se confiar sua direcção ás Religiosas de Sant'Anna.

Ao estabelecimento votam ellas todos os seus esforços e servem-n'ò com zêlo e dedicação difficilmente igualaveis, quer se trate do ensino, quer da vida administrativa e economica do Instituto.

A affluencia sempre crescente de pedidos de admissão nas vagas que cada anno se verificam, attesta o conceito honroso com que elle se affirmou na opinião publica.

Sua vida durante o anno findo decorreu em completa normalidade.

Tendo sido desligadas 32 alumnas, nestas vagas foram mandadas matricular 28. Ao terminar o anno, existiam no collegio 236 educandas.



O serviço de direcção interna foi feito por 18 Religiosas, que teem a seu cargo o ensino de prendas e bellas-artes, consistindo o primeiro em costuras, rendas, bordados a branco e a matiz e flôres, e o segundo em desenho, pintura, musica coral, piano, harpa, bandolim e violino.

Tambem fazem as educandas aprendisagem da arte typographica na pequena officina montada no estabelecimento, onde são preparados todos os impressos de que o collegio carece, alem de outros serviços extraordinarios.

O ensino de desenho e pintura tem recebido largo incremento depois que foram instituidas as exposições escolares dessa arte; e o Instituto ha occupado nellas lugar de destaque entre os premiados.

Na exposição do anno passado, entre déz premios conferidos, lhe couberam quatro, sendo um primeiro—por um quadro a paste., e tres segundos—por quadros a oléo, aguarella e pastel, alem de cinco *menções honrosas*.

O ensino primario continúa ministrado por cinco professoras normalistas, auxiliadas por cinco adjunctas igualmente tituladas pela Escola Normal.

Entrando em vigor a reforma do ensino primario publicada em 28 de Abril de 1910, por decreto de 6 de Maio do mesmo anno, foram mantidas na regencia effectiva das escolas e nos lugares de adjunctas as seguintes professoras, que eu distribui pelos annos dos dois cursos pela forma que segue:

#### CURSO ELEMENTAR:

- 1.<sup>o</sup> anno—Professora—D. Catharina Pereira Dourado.  
Adjuncta —D. Esther Rodrigues dos Santos Lopes
- 2.<sup>o</sup> anno—Professora—D. Aurelia de Seixas Franco  
Adjuncta —D. Christina Rosa do Nascimento
- 3.<sup>o</sup> anno—Professora—D. Leonor Ruggieri Ledo  
Adjuncta —D. Maria de Castro Fernandes
- 4.<sup>o</sup> anno—Professora—D. Virgilia Ledo Rodrigues do Valle  
Adjuncta —D. Adolphina Pinto de Castro

#### CURSO COMPLEMENTAR:

- 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> anno—Professora—D. Anna Sarah de Mattos  
Adjuncta —D. Seraphina de Brito

Por vantajoso ao novo methodo de ensinamento imposto pelo programma primario, mandei que as educandas fossem reunidas nas escolas tendo-se em attenção unicamente o anno do curso em que estivessem matriculadas, sendo cada anno dividido em duas classes, cabendo a mais adiantada á professora e a outra é adjuncta.



Esta distribuição, como é intuitivo, tem produzido optimos resultados, pois antes, na mesma escola e sob a regencia de uma mesma professora, se encontravam muitas vezes alumnas dos quatro annos do curso elementar, o que difficultava de muito o ensino.



No dia 4 de Dezembro do anno passado, com a festa annual para a entrega de diplomas e premios, e abertura da exposição dos trabalhos preparados pelas alumnas, foi encerrado o anno escolar.

Os artigos de prendas executados durante o anno, mediante encomendas, e os que foram vendidos na exposição, apuraram Rs.4:289\$083.

Outros dados mais minuciosos referentes á vida do Instituto, durante o anno de 1910, são expostos no relatorio que me apresentou a sua Directora.

### Instituto "Lauro Sodré"

Não seria verdadeiro se dissesse que é satisfactorio o estado em que se encontra o nosso internato destinado a ministrar aos orphãos e desamparados, a par da instrucção primaria, o ensino profissional.

Desde o primeiro momento em que a respeito delle tive de manifestar-me, expuz com franqueza o meu modo de pensar.

Em meu relatorio do anno passado advoguei a necessidade de reforma que lhe infiltae novos elementos de vida, de que elle se vae sentindo exaustão.

E', especialmente, o ensino profissional que está reclamando a attenção do poder publico; o primario, a cargo de professores normalistas, desenvolver-se-á, sob os moldes geraes talhados pela reforma de 28 de Abril de 1910. Aquelle, porem, precisa ser reformado.

Nenhum ensino mais que o profiissional é proficuo e compensador dos sacrificios que o Estado fizer para mantel-o em condições vantajosas, e nenhum deixa mais avultados proveitos.

Se o primario é de resultados elevados para a ordem moral e social, elle só se completa com o profissional, pois neste se affirma todo progresso material e o bem estar da collectividade.

Seja elle de artes ou de officios, seja agricola, uma vez intelligentemente diffundido, constitue para todos os povos, maxime para os povos novos como nós, a base solida sobre a qual se levantará o seu engrandecimento.

Assim, é dever primordial não deixar que a nossa escola profissional, que chegou a occupar lugar distincto entre as congeneres da America do Sul, perca aquelles foros e retrograde.

As finanças do Estado, sempre vacilantes, teem se constituido om obice a qualquer emprehendimento.

Para operar reforma productiva e efficáz, é necessario realizar no Instituto construcções que assegurem a reorganisação do ensino profissional sobre bases mais amplas e mais solidas.

E' indispensavel, se o queremos vêr progressivo e dando resultados praticos reaes, que a sua chefia, guardada embora certa dependencia administrativa com a direcção do estabelecimento, gose de autonomia em tudo quanto disser respeito aos interesses do ensino.

A causa do estado estacionario, senão regressivo, em que a aprendisagem dos officios se encontra, provém, sem duvida, de viver sem uma direcção especial votada a elle exclusivamente.

Basta conhecer superficialmente a organização do Instituto, saber a somma de serviços que estão a seu cargo, para comprehender que a direcção destes não pode, sem inevitaveis prejuisos, residir centralisada nas mãos de um só funcionario. E' esta entretanto, a situação que elle vem atravessando de annos a esta parte, desde que, no impedimento do funcionario effectivo todos os serviços ficaram a cargo do chefe do ensino profissional, que no character de substituto do director, que o regulamento em vigor lhe deu, teve de accumulal-os.



Não teve até hoje execução a lei de 14 de Outubro de 1909, que auctorisou a extincção da *Imprensa Official*, mandando que os serviços a cargo della sejam executados nas officinas do *Instituto Lauro Sodré*.

Para poder effectuar esta idéa, é indispensavel alargar o espaço occupado no Instituto pelas officinas de impressão.

Como, porem, as actuaes, pelo numero de annos que já servem, não permitem obras aproveitaveis, pareceu ao governo mais acertado planear novas officinas em amplo galpão de ferro e cimento armado, que deve ser erguido em frente ás actuaes, no lado direito da avenida do Instituto, ficando assim traçado o plano para, de futuro, serem estas substituidas por construcção identica á projectada.

Approveitando minha estadia na Europa, fiz organizar as plantas e orçamentos para essa construcção, destinada inteiramente á installação das officinas de artes graphicas e encadernação. Estes projectos, que passei ás mãos do illustre collega da Secretaria de Obras Publicas, não puderam até hoje ser executados.

Assim o permittam as condições financeiras de thesouro, esta idéa deve ser levada a effeito, porque são patentes as vantagens que ao Estado e ao ensino resultarão do augmento das officinas actuaes com a reunião a ellas da *Imprensa Official*.

Apesar de muito deficiente a organização sob que trabalham, ellas apresentam todos os dias provas surprehendente do quanto se pode obter das aptidões artisticas dos seus operarios. Das officinas de impressão e encadernação do Instituto sahem obras que não envergonham nossa escola professional.



Já obdecendo á inspiração da reforma projectada, cujo plano geral está assente, o governo, por decreto n. 1666 de 1º de Fevereiro de 1910, extinguiu o lugar de chefe do ensino theorico, mandado que suas attribuições ficassem a cargo do director do Instituto.

Os factos vinham apontando a inutilidade de tal função, reconhecida mesmo pelo funcionario que a exercia, e a pratica, apóz a suppressão do cargo, fez prova provada do acerto da medida.

Realmente, ao passo que o Instituto não pode prescindir de um chefe do ensino professional, só e exclusivamente votado a elle, dispensa o lugar de chefe do ensino theorico, que não pode ser outro que não o director do internato.



O Instituto diplomou no anno passado, como operarios de segunda classe, os seguintes educandos:

*Typographo*—Aliathar de Alencar Fialho  
*Encadernador*—Arsenio da Cruz Fléxa  
 » —Waldemar Bentes Rodrigues  
*Alfaiate*—Djalma Ferreira



Foi de 233 o numero de educandos internados no Instituto durante o anno de 1910; mas poderiamos duplicar este numero, se attendessemos a todos os pedidos de admissão. As vagas, dado o limite que o Governo tem mantido desde a crise de 1907-1908, não ultrapassam de 30, mais ou menos, por anno.

Em Fevereiro de 1910, foram transferidos do Instituto Orphanologico do Outeiro para o *Lauro Sodré* vinte educandos, que n'aquelle haviam attingido a idade maxima em que lá podiam permanecer.

Os educandos estão distribuídos pelas officinas nos seguintes numeros:

Officina de Marceneiro . . . . .	68
» » Typographo . . . . .	24
» » Encadercador. . . . .	43
» » Sapateiro . . . . .	10
» » Ferreiro . . . . .	57
» » Alfaiate . . . . .	31
	<hr/>
	233

Durante o anno de 1910 dêspendeu o Instituto com o seu custêio, não incluindo o das officinas, a verba de Rs.... 197:676\$385 papel, sob as seguintes rubricas:

Alimentação de alumnos e pessoal interno. . . . .	139:418\$126
Pessoal inferior interno e permanente . . . . .	43:074\$184
Barbeiro, a razão de 150\$000 mensaes . . . . .	1:800\$000
Alumnos inspectores e operarios de 2. <sup>a</sup> classe. . . . .	6:034\$500
Lavandaria . . . . .	2:591\$531
Carretos e expediente . . . . .	4:158\$044
Festejos de anniversario do estabelecimento . . . . .	600\$000
	<hr/>
	197:676\$385

O movimento da Caixa auxiliar, por onde corre o custêio das officinas, foi este em 1910:

#### Receita:

Saldo de 1909 . . . . .	253\$266
Importancia de obras vendidas a partiaulares. pela thesouraria do Instituto. . . . .	3:161\$360
Importancia recebida da Secretaria de Estado da Fazenda. . . . .	130:233\$033
	<hr/>
	133:647\$659
A despeza com esta caixa foi de Rs. . . . .	133:353\$130
havendo um saldo de Rs. . . . .	294\$529

Se deduzirmos desta verba a somma de Rs. 18.701\$745 despendida com pagamento dos serviços de dentista, enfermeiro, gratificações de alumnos, empregados e premios, compras de artigos para expediente e outras, ficará como despeza propria das officinas Rs. 114:651\$385.

A receita geral das officinas, realisada em trabalhos nellas executados durante o anno de 1910, se elevou a Rs. 148:628\$957, o que quér dizer, se deduzirmos della a despeza, que deixou um saldo de 33:977\$872.

Se desta verba retirarmos a de 20:027\$309, debito das officinas nesta praça, teremos o saldo limpo de Rs. 13:950\$172.

Nestes dados não está computada a importancia da importação de mercadorias feita para o Instituto, mas ella foi muito reduzida no anno de 1910.

Como se vê do relatorio a mim apresentado pelo Agente do Estado na Europa, ella attingio o F.<sup>o</sup> 4.023.50, apenas ou sejam Rs. 2:414\$100, á taxa cambial de 600 réis por franco.



O director do *Instituto Lauro Sodré* me apresentou o relatorio que está annexo, e nelle se encontram dados mais minuciosos sobre a vida do estabelecimento durante o anno de 1910.

Esse cargo continúa sendo exercido, inteiramente, attenta a commissão que na Europa está desempenhando o funcionario effectivo, pelo coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes, chefe do ensino profissional, velho serventuario cheio de annos de bons serviços áquella casa.

### Instituto Orphanologico

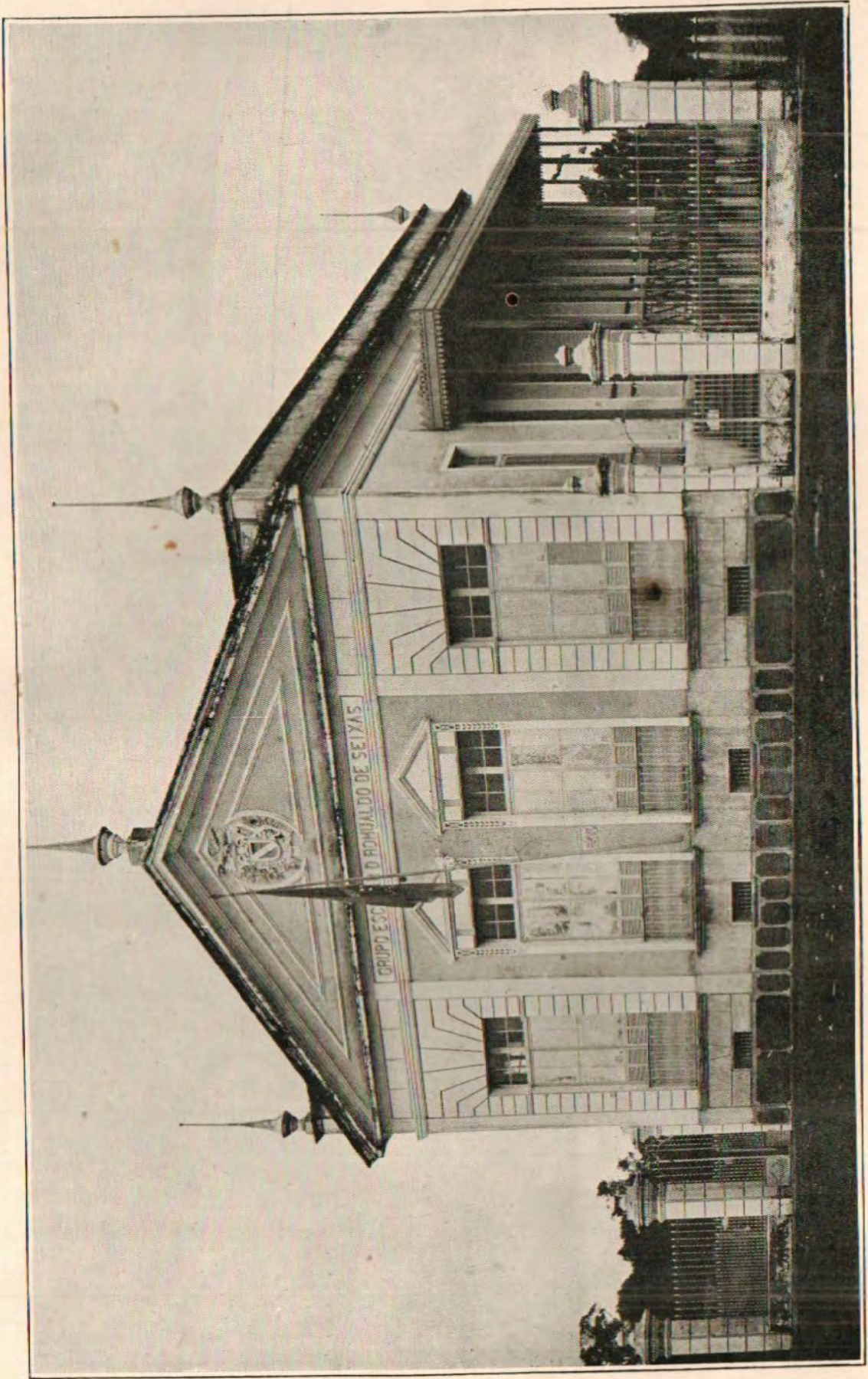
Este instituto, fundado na antiga hospedaria de emigrantes do Outeiro, que foi profundamente modificada, permittindo que o collegio ficasse ahi installado em condições satisfactorias, atravessou todo o anno passado e a primeira metade deste sem que factu algum anormal nelle occorresse.

Recebendo menores de 6 a 9 annos, elle se destina a apparellhar as crianças nessa primeira idade, com a instrucção necessaria para proseguirem vantajosamente na aprendizagem profissional que é feita no instituto *Lauro Sodré*.

O Outeiro é, assim, um internato do 1.<sup>o</sup> grau, creado em bem do filhos orphãos dos desfavorecidos da fortuna.

O pensamento determinante da sua fundação foi constituir um estádio de passagem para a educação operaria que o *Lauro Sodré*, apóz ministrará, porque este estabelecimento não está apparellhado para acolher menores ainda em idade na qual de outros cuidados mais se necessita que de instrucção.

Internados no Outeiro dos 6 aos 11 annos, attingida esta idade, passam os educandos para a nossa escola profissional, onde completam os estudos primarios, ao tempo que iniciam a aprendizagem do officio para o qual manifestarem aptidões.



Grupo Escolar de Cameta



Apenas o ensino primario elementar é ministrado aos educandos, em tres escolas redigidas por professores normalistas.

Tendo entrado em execução a reforma do ensino primario, publicada em 28 de Abril do anno passado, por decreto de 7 de Maio seguinte, foram declaradas effectivas nas escolas, que serviam em commissão, as seguintes professoras normalistas:

- |                 |                  |                                     |
|-----------------|------------------|-------------------------------------|
| 1. <sup>a</sup> | escola elementar | —D. Rufina da Cunha Frazão Villaça. |
| 2. <sup>a</sup> | »                | » —D. Antonia Coimbra Cordeiro      |
| 3. <sup>a</sup> | »                | » —D. Clementina Coimbra Cordeiro   |

Tendo fallecido, neste anno, a professora da 1.<sup>a</sup> escola, foi nomeado, em virtude de promoção, para reger effectivamente a referida cadeira o professor effectivo de 1.<sup>a</sup> entrancia do grupo escolar da cidade de Abaeté, Basilio Chrispim de Carvalho.

No fim do anno lectivo de 1910, tiveram lugar os exames do alumnos do Instituto, com resultado satisfactorio.



Por officio de 14 de Fevereiro de 1910, attendendo reiteiradas solicitações do director do Outeiro, designei o dr. Pedro Momeira para servir as funcções de medico-residente no estabelecimento, percebendo a gratificação mensal de Rs. 540\$, equivalentes aos vencimentos marcados aos inspectores sanitario.

Este facultativo exerceu o lugar até 19 de Maio, quando, a pedido, foi dispensado. Desde esta data o serviço medico do Instituto voltou a ser feito, como dantes, por um inspector sanitario designado pelo director, e que ali vae em visitas semanaes ou quinzenaes.

Este systema deixa tudo a desejar, mas vae sendo tolerado, porque não tem podido o governo encontrar medico que no Outeiro queira residia.

Para não deixar de tudo o instituto desarmado contra qualquer caso de molestia subita, em Agosto de 1910 foi mandado incluir no corpo administrativo um pratico de pharmacia, mediante a gratificação de 200\$000, papel.



Foi mantido até hoje em 100 o numero dos internos do Instituto, porque, apesar de augmentado por lei para 150, as finanças do Estado ainda não aconselharam completal-o.

Verificadas vinte vagas, com a passagem de alguns educandos para o Instituto *Lauro Sodré*, foram as mesmas preenchidas por outros mandados nellas admittir, conservando-se em 97, durante o anno, o numero de internos.



A lancha que o governo adquiriu em 1909 para fazer o serviço de communição entre o Pinheiro e o Instituto, foi a pique no porto do collegio.

Estava ella segura em uma das Companhias com séde nesta capital.

Como esta operação tenha sido feita pelo dr. Secretario das Obras Publicas, aguardo que ella seja liquidada, com o recebimento da importancia do seguro.

Em officio de 20 de Janeiro do anno passado, auctorisei o director a adquirir, pelo preço de Rs. 1:000\$000, arbitrado pelos peritos que a avaliaram, uma boia de ferro e seus pertences, a qual devia ser utilizada pela referida lancha.



Dispendeu o instituto do Outeiro, durante o anno de 1910, pela verba destinada ao seu custeio, cuja consignação orçamentaria foi de Rs. 70:000\$000, ouro, a importancia total de 111:334\$995, papel, desdobrada no nas seguintes parcelas.

Alimentação dos educandos e pessoal interno	71:728\$700
Pessoal inferior . . . . .	30:084\$195
Transportes, kerosene e pequenas despesas . . . . .	3:700\$100
Gratificação paga ao dentista á razão de . . . . .	
200\$000, mensaes . . . . .	2:400\$000
Idem ao barbeiro á razão de 100\$, mensaes . . . . .	1:200\$000
Idem ao medico residente, durante dois mezes e dias . . . . .	1:422\$000
Idem ao pharmaceutico mandado admittir em Setembro, á razão de 200\$000, mensaes . . . . .	800\$000
	111:333\$995

Na conta do custeio não estão incluídas a importancia do custo do carbureto de calcio consumido na illuminação do estabelecimento e a de 111\$870, a quanto montou a insignificante importação para elle feita no anno passado.

Com o pessoal administrativo constante da tabella orçamentaria, foi dispendida a quantia de 30:625\$200.

A somma das verbas expostas dá para a despesa total do Instituto do Outeiro, em 1910, a importancia de Rs. 142:071\$065, ou seja, a média mensal de Rs. 11:839\$255, não computada como deixei dito a despesa com a illuminação.



Do exposto se conclue que cada um dos 100 alumnos internos educados no Outeiro custa por anno ao Estado, o dispendio minimo de 1:420\$000. Digo minimo porque não computo na despeza tambem as obras de reparos no estabelecimento, que annualmente, em maior ou menor importancia, são realisadas, por ordem da Secretaria das Obras Publicas, a cargo da qual está a conservação dos proprios estaduaes.

### Instituto do Prata

O instituto creado na administração do sr. Dr. Paes de Carvalho, para a educação da infancia desvalida, na colonia de S. Antonio do Prata, no municipio de Igarapé-assú, e desde então administrativa e profissionalmente dirigido pela ordem dos Capuchinhos Lombardos, com quem novo contracto foi lavrado em 19 de Dezembro de 1903, na administração do sr. Dr. Augusto Montenegro, continúa prosperando e produzindo optimos fructos.

Quer o internato do sexo masculino, quer o feminino, tendo ambos fixado em 60 o numero dos educandos, veem-n'o sempre excedido.

Durante o anno passado estiveram internadas no primeiro 66 crianças e no segundo 76, dando o total de 142, ao envez de 120 fixado pelo governo e cuja manutenção está a cargo do Estado, correndo a dos 22 excedentes por conta da Ordem religiosa.

Alem dos 142 internos, o Instituto ministrou no mesmo anno instrucção a 102 alumnos externos, sendo 52 do sexo feminino e 50 do masculino.

Assim, em 1910 receberam educação no Prata 244 crianças sendo:

Internos do sexo masculino . . . . .	66	
Idem do feminino . . . . .	<u>76</u>	142
Externos do sexo masculino . . . . .	50	
Idem do feminino . . . . .	<u>52</u>	102
Total . . . . .		<u>244</u>

No fim do anno lectivo realisaram-se os exames de passagem de classe, no curso elementar, com satisfactorio resultado.

O ensino primario segue o programma das escolas officiaes, embora os professores sejam de livre nomeação e escolha dos Religiosos que dirigem o Instituto.

No dia 28 de Dezembro do anno findo teve lugar no Prata a festa do encerramento das aulas e distribuição dos premios aos educandos.

Por essa occasião foi installado o novo edificio mandado construir para o instituto masculino e residencia do corpo dirigente.

Fora iniciada essa obra na administração passada, que apenas um dos corpos, ainda não de todo concluido, poude deixar erguido.

O edificio compõe-se de tres grandes pavilhões ligados por passadiços. Num dos corpos lateraes são installados os refeitórios, dispensa, copa e cosinha; no outro os dormitorios, enfermaria e rouparia, sendo o central occupado, no pavimento terreo, pelas aulas, para o que dispõe de amplas salas, e no superior, com os commodos necessarios á perfeita residencia do pessoal dirigente do Instituto.

As installações mais necessarias no Prata ficaram assim completas, pois que o instituto feminino funciona em predio proprio, construido ainda na administração Paes de Carvalho, e reunindo condições satisfactoria ao fim destinado.

O Prata é um dos estabelecimentos de instrucção que mais honram ao Estado, e surprehende vêr o desenvolvimento que elle tem trazido a zona onde está situado, maxime depois que ficou ligado á Estrada de Ferro de Bragança pela linha ferrea construida na administração Montenegro.

Plantado no meio da floresta virgem, hoje offerece o aspecto de uma florescente povoação.

Vae se desenvolvendo o plano do governo de transformar o Prata em uma colonia agricola modelo.

As vastas plantações já ali realisadas, em futuro proximo concorrerão para tornal-o centro de grande riqueza agricola do Estado, sendo de presumir que seus proprios recursos venham a emancipal-o das despesas que o Estado faz presentemente com sua manutenção.

Foram concluidos os trabalhos de demarcação dos lotes da colonia, os quaes na sua maior parte já estão povoados por familias dos proprios educandos, ficando reservada uma parte delles para serem dados aos educandos que terminarem sua educação e passarem a viver do trabalho proprio, embora ajudados pelo Instituto.



Foi de Rs. 132:000\$000 a somma total que o Thesouro entregou, em doze prestações mensaes de Rs. 11:000\$000, para a manutenção do Prata durante todo o anno de 1910.

Nenhuma importação de conta do Governo foi para elle feito durante o mesmo anno.



O director do instituto do Prata, o zeloso e incansavel frei Daniel de Samarate, que o serve com muito amôr e muita intelligencia, ajudado por seus esforçados irmãos em ordem, apresentou-me relatorio, no qual dá conta, em minimos detalhes, da vida do estabelecimento durante o anno de 1910.

### Instituto de Ourém

Sem ostentar o mesmo aspecto do Instituto do Prata, o de Ourém, tambem a cargo dos zelosos Capuchinhos Lombardos, com cujo Superior Regular foi contractada a sua direcção em 13 de Setembro de 1906, quando foi fundado, é instituição promettedôra de largo futuro e attesta já hoje mais uma obra de valia, unida ás muitas legadas ao Estado pela fecunda administração do sr. Dr. Augusto Montenegro.

Funcionando dentro da villa de Ourém, na zona do rio Guamá, diversa da do Prata é a feição que o estabelecimento offerece, não sendo, comtudo, inferior a sua importancia do ponto de vista da instrucção que derrama.

O numero de educandos internos no Instituto, que se divide em duas secções, está fixado em 60, sendo 30 do sexo masculino e 30 do feminino, estes entregues aos zelos de Religiosas Franciscanos.

Como succede no Prata, aqui tambem foram estes numeros ultrapassados em ambos os collegios, durante o anno findo, correndo igualmente por conta da Ordem o excesso de despeza d'ahi provindo.

Apresentava o Instituto de Ourém, na época do encerramento das aulas os seguintes dados de matricula:

Internos do sexo masculino . . . . .	36	
Idem no feminino . . . . .	<u>34</u>	70
Externos do sexo masculino . . . . .	199	
Idem do feminino . . . . .	<u>68</u>	267
Total . . . . .		337

O Instituto de Ourém continúa installado provisoriamente em predios particulares, tomados por aluguel, e nos quaes teem sido realisados augmentos de construcções, reclamadas pelas necessidades dos dois collegios em que elle se divide.

Apesar de estar em condições de receber edificação o terreno adquirido com esse fim pelo Estado, não tem sido possível, até hoje, dar-lhe inicio, devido ás condições financeiras do Thesouro.

Aguardava-se a conclusão do edificio levantado no Prata para serem começadas as construcções que Ourém reclama insistentemente; mas quando isto devia succeder, sobreveio a crise financeira que atravessamos, obrigando a adiar para dias mais prospeos a satisfação dessa necessidade do instituto a que me refiro.

Ella é, comtudo, de natureza urgente, pois as edificações que elle occupa, tudo deixam a desejar, não sendo possível encontrar na localidade outros predios onde elle possa funcionar em melhores condições que as actuaes.



Foi de Rs. 88:500\$000 a somma total com que o Estado concorreu em 1910 para a manutenção do instituto de Ourém. Essa importancia foi entregue em prestações mensaes de Rs. 7:875\$000.

Como para o Prata, nenhuma importação foi feita para Ourém no anno passado.



Está presentemente na direcção do instituto de Ourém frei Alfredo de Martinengo, substituto de frei Lourenço de Alcantara, que desde a sua fundação o dirigia.

A'quelle, como a este, pelo muito que se esforçou e se esforça por seu progredimento, deve o Instituto de Ourém valiosos serviços.

Apresentou-me o director actual o relatorio dos factos todos da vida do Instituto durante o anno de 1910.



Depois do que fica dito sobre os cinco internatos que mantemos para educação de menores desamparados, é curioso conhecer a importancia que custou ao Estado cada alumno no anno de 1910.

A divisão das verbas dispendidas pelo numero de internos dá este resultado :

"Gentil Bittencourt", por alumno, Rs.. . . .	737\$420
"Lauro Sodré"                   »       »       » . . . . .	859\$460
Outeiro                           »       »       » . . . . .	1:479\$950
Prata                               »       »       » . . . . .	1:100\$000
Ourém                              »       »       » . . . . .	1:475\$000

Se attendermos que os Institutos do Prata e Ourém, além dos alumnos internos, ministram instrucção a elevado numero de externos, poupando assim as despezas com escolas primarias, que seria preciso manter em taes lugares, concluir-emos que de todos os estabelecimentos é o Outeiro o que mais caro fica ao Estado.

### Gymnasio "Paes de Carvalho"

Por decreto n. 1664, de 20 de Janeiro de 1910, foi dado novo regulamento ao Gymnasio *Paes de Carvalho*, sob a auctorisação conferida ao Poder Executivo na lei n. 1082, de 14 de Outubro de 1909.

A necessidade de regulamentar novamente o nosso instituto de ensino secundario, vinha imposta pelo dever de fazel-o entrar nos moldes talhados para os estabelecimentos equiparados ao Gymnasio *D. Pedro II*, que a estes servia de modelo, porque entre elles o nosso fôra inscripto pelo decreto n. 1.121 de 1º de Novembro de 1892, do governo federal.

O Gymnasio *Paes de Carvalho*, até á reforma de 20 de Janeiro, se regia pelo decreto n. 798, de 8 de Janeiro de 1900; e muitas tinham sido, no ultimo decennio, as modificações impostas ao ensino secundario official no Paiz. Dahi a necessidade daquella reforma, que devia consolidal-as, como o fez.—Apenas durante um anno e trez mezes poude ser ella executada calmamente, porque em 5 de Abril deste anno foi publicado o decreto do governo Federal n. 8.659, que deu nova lei organica ao ensino superior e fundamental da Republica, reformando-o radicalmente, despedaçando todos os seus moldes, para erguel-o sobre orientação diversa.

O principio basico dessa reforma foi a declaração de autonomia, tanto do ponto de vista didactico como do administrativo, para todos os institutos de ensino subordinados ao governo da União, os quaes deixaram de gosar privilegio de qualquer especie, por disposição expressa inscripta no artigo 1º do citado decreto.

Como consequencia logica disto, desapareceu o regimen anterior das equiparações concedidas aos institutos mantidos pelos governos estaduaes e por particulares, nenhum privilegio conservando os estabelecimentos que desfructavam as vantagens dellas oriundas.

Quebrados, portanto, os laços de dependencia que prendiam o Gymnasio *Paes de Carvalho*, ao instituto federal que lhe servia de modelo, recobrou o Estado sua liberdade de acção, podendo hoje organizar o curso gymnasial sob a fórmula

que lhe parecer melhor e mais proveitosa ao preparo intellectual da mocidade.

O pouco tempo de execução que conta a reforma de 5 de Abril, ainda entregue ao embate das paixões e ás aggressões da critica que em torno della se desencadearam, não permittiu que fossem apreciadas suas vantagens ou inconvenientes na calma tão necessaria ao estudo de materia de tanta magnitude.

O tempo encaminhará, por bem do proprio ensino, uma corrente homogénea no entendimento da reforma.

Não podendo o Governo alterar a actual organização do *Gymnasio Paes de Carvalho*, sem estar auctorisado por lei especial, é necessario que o Poder Legislativo tome o assumpto em consideração na sua proxima reunião.

Embora julgue vantajoso deixar-se que decorra algum tempo sobre a execução da reforma de 5 de Abril, porque podem ter solução mais de uma duvida que ella suscitou, sou, contudo, inclinado a pensar que a remodelação do nosso curso gymnasial deve ter por base o mesmo gymnasio *D. Pedro II*, não sómente porque o curso detalhado para elle no regulamento de 5 de Abril satisfaz ás modernas exigencias do ensino secundario, mas tambem porque é de esperar que sobre elle venha a se basear o exame de admissão, exigido para a matricula nos estabelecimentos de ensino superior.

Não é profunda a differença entre o novo curso secundario estabelecido para aquelle collegio e o que antes vigorava, e, até certo ponto, as modificações foram para melhor.

Supprimidas duas das disciplinas que faziam parte do anterior bacharelado em sciencias e lettras—logica e elementos em mecanica e astronomia—foram introduzidas no novo curso quatro outras:—noções de hygiene, instrucção civica, noções geraes de direito e gymnastica.

De posse da autorisação legislativa, cuja necessidade aponto, poderá ser feita a reforma do nosso gymnasio, seguindo a corrente mais forte que se encaminhar pelo Paiz, pois, não seria prudente collocarmo-nos em divergencia com os demais estabelecimentos de ensino, com os quaes necessitamos manter boa permuta de relações.

Não podemos pretender impor á maioria da nação organização que não conte com a sua prévia acquiescencia; pouco intelligente seria esta fórmula de comprehender a autonomia que a todos foi reconhecida pela refórma de 5 de Abril.

### Concursos

Obediente ao principio estatuido pela reforma de 20 de Janeiro do anno passado, creando o concurso como fórmula de provimento effectivo das cadeiras do *Gymnasio Paes de Car-*

*valho*, que estivessem vagas ou viessem a vagar, providencieei para que elles se verificassem segundo os prazos estabelecidos pela reforma.

Durante o anno de 1910, realisaram-se quatro sobre as cadeires de Latim, Inglez, Francez e Historia.

A expectativa em que se mantinha a opinião publica a espera da reforma do ensino secundario, attenta a auctorisação que o Congresso Nacional dera em 1910 ao Poder Executivo federal, aconselhou suspender o proseguimento de tees provas, para prevenir que provessemos effectivamente cadeiras que não conviesse manter. Os factos vieram demonstrar que bem avisados andamos.

So depois de decretada nova reforma para o nosso Gymnasio, poderemos proseguir nesta tarefa, que tão effizamente está contribuindo para a moralisação do ensino.

Passo a dar conta do resultado dos quatro concuaso realizados:

#### Latim

Teve lugar no mez de Março, inscrevendo-se um unico candidato—o professôr João Pedro de Figueiredo, que regia interinamente a referida disciplina no Gymnasio.

A commissão examinadora, nomeada por decreto de 4 daquelle mez, foi constituída pelos professores do referido estabelecimento Drs. Paulino de Almeida Brito, Themistocles Augusto de Figueiredo e Conego João M. Albert Crolet.

No seguinte efficio dei conta do resultado proferido pela commissão examinadora:

—Estado do Pará—Secretaria de Estado do Interior, Justiça e Instrução Publica.—3<sup>a</sup> secção.—N. 464.—Belém, 16 de Março de 1910.—Exm. sr. dr. Governador do Estado.

Cumprindo o disposto no art. 119 do regulamento que baixou com o decreto n. 1664 de 20 de Janeiro do corrente anno, venho apresentar a v. exc. os papeis referentes ao concurso que acaba de ter logar para o provimento effectivo da cadeira de *Latim* do Gymnasio Paes de Carvalho.

Como verá v. exc. do termo lançado no verso da prova escripta, a este junta, a commissão examinadora, por unanimidade de votos, julgou habilitado, com *optimas* notas de approvação, o unico candidato que se inscreveu ao concurso, João Pedro de Figueiredo, que ha perto de seis annos rege interinamente a mesma cadeira.

O processo do concurso respeitou as disposições legaes reguladoras da especie, como v. exc. poderá verificar das actas, que junto por copia, parecendo-me assim que a nomeação de professor cathedratico do concorrente João Pedro de Figueiredo, pode ter logar, salvo melhor juizo de v. exc.

Com os protestos de elevado apreço e alta consideração.

Saúdo a v. exc.

Augusto Olympio de A. e Souza.



Por decreto de 17 do mesmo mez de Marco, foi nomeado professor cathedratico da cadeira em concurso, attento o veredictum da commissão examinadôra, o professor João Pedro de Figueiredo.

#### Inglez

Ao concurso desta disciplina, o qual teve lugar no mez de Abril, se inscreveram dois candidatos,—o professor interino da cadeira Dr. Laudelino Baptista e D. Philomena de Amorim Jordan.

A commissão examinadôra ficou constituida com o Capitão de Mar e Guerra Miguel Ribeiro Lisbôa, professor Justus Nelson e Dr. Eduardo D'Utra Vaz, todos extranhos ao magisterio official.

Realisada a prova escripta, no correr das oraes abandonaram o concurso os dois candidatos inscriptos, não podendo assim ser elle ultimado.



#### Francez

Tambem a este concurso, realisado em Maio, se inscreveram dois candidatos—o Dr. Augusto Paulo de Carvalho, professor interino da cadeira, e D. Alice Fléxa Ribeiro.

Foram nomeados para compôrem a commissão examinadora os Drs. Augusto Octaviano Pinto e Bento Miranda e o Conego João M. Albert Crolet, este professor no mesmo gymnasio.

Ultimando o concurso, dei conta do seu resultado final no seguinte relatorio.

Secretaria d'Estado do Interior, Justica e Instrucção Publica

*Belem, 1.º de Janeiro de 1910*

*Excm. Snr. Dr. Governador*

Cumprindo o disposto no artigo 119 do regulamento do Gymnasio "Paes de Carvalho", apresento a V. Exc. os papeis do concurso que acaba de ser procedido para o provimento effectivo da cadeira de francez do mesmo estabelecimento. Elles constam: a) das provas escriptas produzidas pelos concorrentes; b) da acta dos trabalhos do concurso; c) dos julgamentos proferidos pela commissão examinadora a respeito do merito de cada um dos oppositores e sua classificação. Dois unicos concorrentes inscreveram-se para disputar o provimento no logar de professor cathedratico da referida cadeira: D. Alice Fléxa Ribeiro e o Dr. Augusto Paulo de Carvalho, aquella professora interina da mesma disciplina na Escola Normal, este tambem pro-



fessor interino da cadeira em concurso. Foi feito com perfeita regularidade todo o processo do concurso, cumpridas as disposições do regulamento que regem a materia. Como verá V. Exc. dos julgamentos lançados pela commissão examinadora nas provas escriptas, a concorrente D. Alice Fléxa Ribeiro, que obteve como nota final de habilitação a média de 8,58, apurada das notas dadas a cada uma das quatro provas produzidas, foi classificada em primeiro lugar, sendo-o em segundo lugar o seu competidor Dr. Augusto Paulo de Carvalho, que foi julgado habilitado com a nota 7.75. Com este resultado estou de pleno accordo, opinando pela nomeação do concorrente classificado em primeiro lugar, D. Alice Fléxa Ribeiro, que affirmou, pelas provas exhibidas, solido e vasto conhecimento da disciplina que se propõe a ensinar. Apresento a V. Exc. os meus protestos de elevada consideração e subido apreço.

Saúdo a V. Exc.

*Augusto Olympio de A. e Souza*

Por decreto de 7 do mesmo mez de Junho foi nomeada professora cathedratica da cadeira em concurso D. Alice Fléxa Ribeiro, clasificada em 1.º lugar pela commissão examinadora.



### Historia

Ao concurso desta materia, effectuado em Setembro, se inscreveu um unico candidato o Dr. Themistocles Augusto de Figueiredo, professor interino da cadeira.

A commissão examinadora foi constituida com os Desembargador Alfredo Barradas e Drs. Arthur Theodolo dos Santos Porto e Paulino de Almeida Brito, os dois ultimos, professores na Escola Normal e no mesmo Gymnasio.

O Dr. Director geral da Secretaria do Interior, que me substitua nas funcções de Secretario d'Estado, das quaes eu estava afastado por licença, e a quem coube por isso a presidencia do concurso, deu conta do seu resultado no seguinte officio:

### Secretaria d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica

Belem, 23 de Setembro de 1910

*Excm. Snr. Dr. Governador*

Cumprindo o disposto no artigo 119 do regulamento que baixou com o decreto n. 1664 de 20 de Janeiro do corrente anno, venho apresentar a V. Exc. os papeis referentes ao concurso que acaba de ter logar para o provimento effectivo da cadeira de Historia Universal e do Brasil, do Gymnasio "Paes de Carvalho". Como verá V. Exc. do termo lançado no final da prova escripta, a este junta, a commissão examinadora, por unanimidade de

votos, julgou habilitado, no gráo 7,66, o unico candidato que se inscreveu ao concurso, Dr. Themistocles Augusto de Figueiredo, que ha muito rege interinamente a mesma cadeira. O processo do concurso respeitou as disposições legais reguladoras da especie, como V. Exc. verificará das actas, juntas por copia, parecendo-me assim que a nomeação de professor cathedratico do concorrente Dr. Themistocles Augusto de Figueiredo, pode ter logar, salvo melhor juizo de V. Exc.

Saúdo á V. Exc.

JOSÉ FLÉXA PINTO RIBEIRO.



Por decreto de 23 do mesmo mez de Setembro foi nomeado professor cathedratico da cadeira em concurso o Dr. Themistocles Augusto de Figueiredo, attento o veredictum da commissão examinadora que o julgou habilitado.



A matricula geral nos diversos annos do curso gymnasial tem apresentado oscillações, ás vezes sensiveis, o que se explica pelas equiparações concedidas no correr de 1910 aos collegios do Carmo e Progresso Paraense, como observa o director do Gymnasio.

Os dados abaixo, colhidos do ultimo quatriennio, deixam ver o facto com inteira clareza:

	Homens	Mulheres	Total
1908	193	59	252
1909	232	62	294
1910	163	49	212
1911	177	50	227



No fim do anno lectivo de 1910 terminaram o curso, e receberam o grau de bacharel em sciencias e letras os nove seguintes alumnos do Gymnasio:

Arnaldo Valente Lobo.  
 Angela Elvira Soares.  
 Helvecia Rosa de Mello.  
 Antonio Firmo Cardoso Sobrinho.  
 Antonio Alves Sobral Bentes.  
 Carlos Arnobio Franco.  
 Renato Brasiliense Santa Rosa.  
 Francisco Hermano de Vasconcellos  
 Wladimir Silva Santos.



Approvando a adhesão votada pela congregação do Gymnasio ao Congresso de Instrucção Secundaria que na capital do Estado de S. Paulo se reuniu no dia 15 de Fevereiro deste anno, nomeou o Governo para representarem o referido Gymnasio naquella assembléa, o seu director, Dr. Firmo Dias Cardoso Junior, e o cathedratico de latim, professor João Pedro de Figueiredo.

Os representantes do nosso instituto de ensino secundario, que se desobrigaram satisfatoriamente da seria responsabilidade que o Governo lhes commetteu, receberam muitas provas de distincção, não sómente do congresso, onde occuparam, por escolha dos seus pares, posições salientes, mas tambem do Poder Publico do grande Estado brasileiro.

De regresso, me apresentaram elles circumstanciado relatorio, no qual deram contas minuciosas do desempenho da commissão que do Governo receberam. Este documento vae junto em annexo.



## Notícias literárias

Discursos e Conferências nos Estados Unidos—por JOAQUIM NABUCO, traducção do inglês de Arthur Bomilcar.

O sr. Arthur Bomilcar, no patriótico e intelligente esforço de vulgarizar a obra de Joaquim Nabuco, como já fizera com o trabalho colossal de Ruy Barbosa, em Haya,—traduziu elegantemente, em estylo simples e límpido, as allocuções proferidas na América do Norte pelo eminente embaixadôr, que foi Nabuco.

Abre-se o volume por um introito do traductor, escrito em linguagem escorreita, o que revela no sr. Bomilcar cuidado da forma, e zelo em bem servir a sua língua, o que não é muito vulgar nos tempos andantes.

Nesse prólogo o prefaciador procura destacar com justeza, e marcar o recorte da figura varonil e formosa de Joaquim Nabuco, como dum typo representativo da raça latina: já nas suas qualidades moraes, como nas tendências esthéticas de sua intellectualidade.

Além das outras primazias do livro, uma ha, que logo convem assignalar, como assás prestimosa, principalmente no tocante ao descaço em que os nossos homens de elevação política têm a alta função da intelligência, no meio social,—e assim, através destas páginas das conferências, se nota o carinho attencioso, o amor dovotado até o enlevo, do diplomata pelo cultivo e progredimento das bellas letras. Creio que sua enternecida diligência no esmero da língua portuguesa,—no zelo constante de servir com opulência de dedicações o gênio universal de nossa raça—CAMÕES—,foi a forma mais eloquente e efficaz de trabalhar pela grandeza e divulgação numerosa da pátria.

E, talvez por se harmonizarem numa doce affinidade as suas idéas com as minhas emoções, prefiro—desse livro deverás interessante, que é a affirmação de raras aptidões dum artista e uma bella lição de civismo,—as conferências sobre O LUGAR DE CAMÕES NA LITERATURA; CAMÕES, POETA LYRICO; e OS LUSÍADAS, COMO A EPOPÉA DO AMÔR.

Entre os dotes dessa edição póstuma do trabalho de Nabuco, em que ha elegância e cuidado, devo com justiça mencionar o esforço da traducção, que em tudo nos dá, constantemente, a illusão de que lemos as suas páginas como se fossem escritas originariamente em vernáculo.

Fernão d'Azurara.



Conferências—O LIVRO—THEÓ-  
PHILO BRAGA—POR MARTINS BÉSSA

E' um interessante volumezinho de 62 paginas, no qual o sr. Martins Béssa, joven e esforçado cultor das letras, reuniu duas conferências que realisou, em épocas diversas, no Theatro

da Paz e na séde da sociedade literária Machado de Assis. *O Livro e Theóphilo Braga*—fôram os assumptos escolhidos pelo conferencista para as suas palestras, que ora apparecem sob a fórma, incontestavelmente mais perduravel, de brochura, editadas pela conhecida *Livraria Bittencourt*, desta capital. O modesto trabalho do sr. Martins Bêssa vem intercalado de nitidas photographuras, nas quaes se vêm os retratos de um seu filhinho morto, de Theóphilo Braga e da esposa e uma filha deste.

Lendo-se as *Conferencias*, presente-se, atravez das suas páginas, um espirito ávido de saber, uma intelligencia que trabalha, debatendo-se no anseio de um sério cultivo, todo o esforço, emfim, de um estudioso. Estas qualidades bastam para justificar o acolhimento sympathico que dêmos ao livro de estréa do esperançoso joven; e as nossas palavras valem por um voto de animação e de estímulo.

Resta-nos agradecer os conceitos com que, em captivante missiva, nos penhorou, offertando-nos um exemplar do seu trabalho.

O. N.



## *Pelo Magisterio*

### DECRETOS

—Dezembro, 1911.

Dia 2—Obteve quatro mezes de licença, em prorogação, sem vencimentos, para tratar de seus interesses, o thezoureiro almoxarife do Instituto Lauro Sodré, Alfredo Valle.

Dia 4—A professora da 3.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do 5.<sup>o</sup> grupo escolar desta capital, normalista Placidia Alves Cardoso, foi nomeada para exercer, em commissão, o cargo de directora do 2.<sup>o</sup> grupo.

—Para a segunda escola elementar da secção feminina do grupo escolar da villa do Mosqueiro, vaga em virtude da disponibilidade concedida á professora Alphonsina de Mattos Leão, que a regia, foi removida, a seu pedido, a normalista Barbara Luiza de Brito Farias, da escola de igual categoria e secção do grupo de Vigia.

Dia 5—Attendendo ao que requereu Jacob Baptista Dalmacio, professor vitalicio da extincta escola elementar de Beja, municipio de Abaeté, regendo actualmente a 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo de Gu-

rupá, foi o mesmo nomeado, nos termos dos artigos 226 e 227, § 1.º, letra b, do Reg. geral do ensino primario, para reger effectivamente esta escola.

—De accordo com o art. 227, § 1.º, letra c, do Reg. geral do ensino primario, foi concedida á professora interina da 2.ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar de Maracanã, normalista Secundina da Conceição, conforme requereu, effectividade na referida cadeira.

Dia 12—Foi nomeado o dr. Fernando de Castro Paes Barreto, para exercer, interinamente, o cargo de director da Bibliotheca e Archivo Publico.

Dia 21—Foi exonerado, a seu pedido, Raul Paula Remigio de Bellido, do cargo de director da Bibliotheca e Archivo Publico.

Dia 26—Foi exonerado, a seu pedido, o pharmaceutico Francisco Xavier Dias Cardoso, do cargo de director do grupo escolar da villa de Santa Izaabel, para o qual foi removido por Dec. de 21 de novembro ultimo.

27—A professora effectiva da 2.ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar de S. Miguel do Guamá, normalista Josephina Joaquina Ribeiro, foi removida, a seu pedido, para a 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo do Mojú, que se acha vaga.

—Foi transferida a professora interina da 1.ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da cidade de Faro, normalista Elvira Ozelina Vianna, para a de igual natureza do grupo de S. Miguel do Guamá, que se acha vaga.

## PORTARIAS

—Dezembro, 1911.

Dia 4—Por conveniencia do ensino, fôram transferidos os seguintes professores:

Dona Virginia Faria Alves da Cunha, professora da escola complementar da secção feminina do 2.º grupo escolar, para igual escola no 4.º, e a professora deste, Barbara Leal Lienthier, para a complementar da secção masculina do 2.º grupo;

Dona Joanna Martins de Oliveira, professora da 3.ª escola elementar da secção feminina do 2.º grupo, para a escola complementar de igual secção do mesmo grupo;

O normalista João Pereira de Castro, professor da escola complementar da secção masculina do 2.º grupo, para a de igual natureza do 6.º;

Dona Sarah de Mattos, professora da escola complementar do Instituto Gentil Bittencourt, para a 3.ª escola elementar da secção feminina do 2.º grupo;

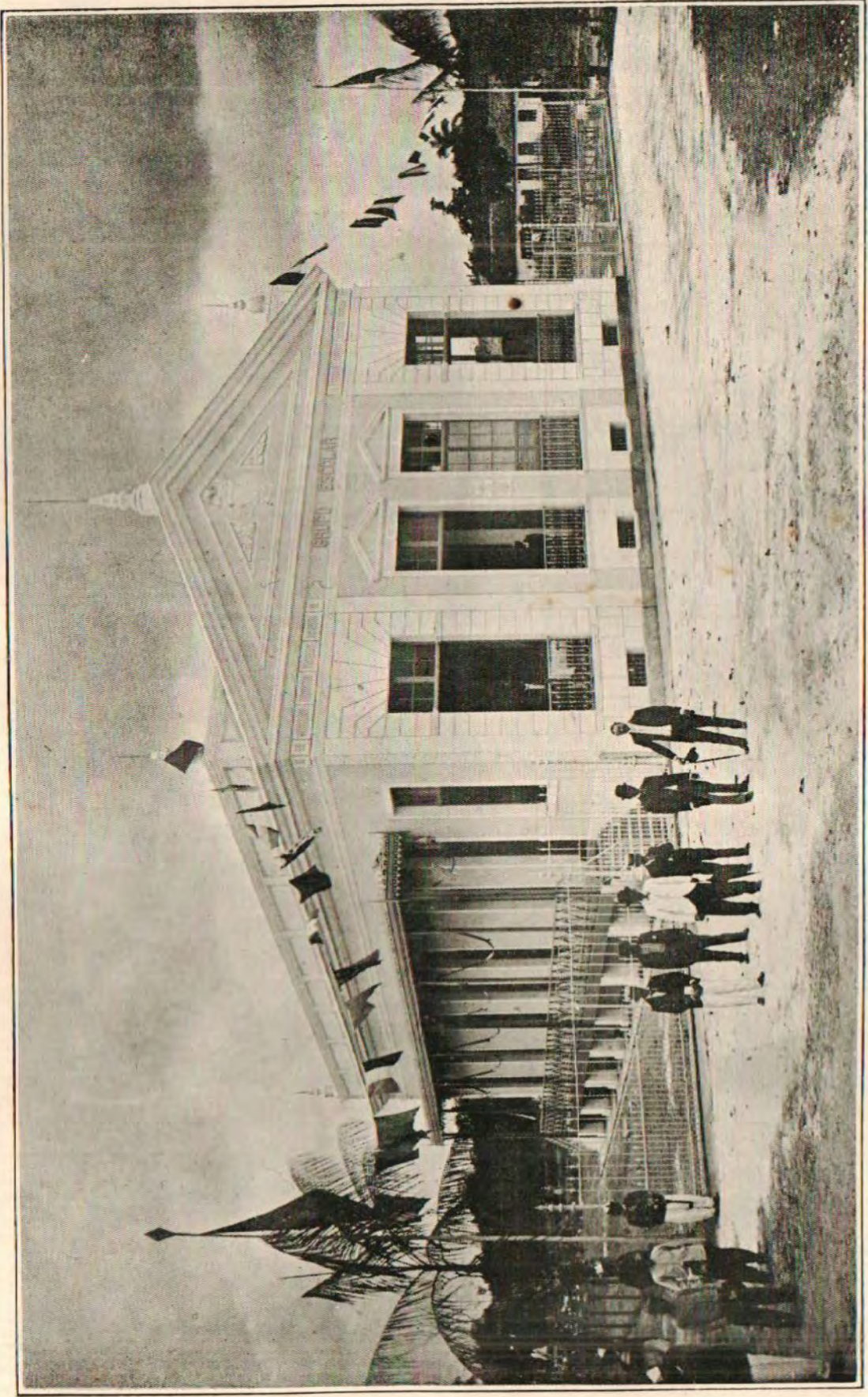
Dona Ernestina Braga Pereira, professora da escola complementar da secção feminina do 1.º grupo, para a complementar do Instituto Gentil Bittencourt;

Dona Maria Pinto Marques Rangel, professora da 3.ª escola elementar da secção feminina do 1.º grupo, para a complementar da mesma secção do referido grupo;

Dona Angelina Para-assú da Serra Freire, professora da 2.ª escola elementar da secção masculina do 1.º grupo, para a 2.ª elementar do Instituto Gentil Bittencourt;

Dona Aurelia de Seixas Franco, professora da 2.ª escola elementar do Instituto Gentil Bittencourt, para a 3.ª escola elementar da secção feminina do 1.º grupo; e

Dona Maria Magno de Araujo, professora da escola complementar da secção masculina do 6.º grupo, para a 2.ª elementar da secção masculina do 1.º



Grupo Escolar de Santa Isabel

—Fôram ainda transferidas, pelo mesmo motivo, as seguintes adjunctas :

Dona Serafina Crescencia de Brito, do Instituto Gentil Bittencourt, para o 6.º grupo escolar;

Dona Christina Rosa do Nascimento, do Instituto Gentil Bittencourt, para o 4.º grupo;

Dona Isaura Pires de Brito, do 6.º grupo, para o Instituto Gentil Bittencourt;

Dona Georgina de Carvalho Telles, do 5.º grupo, para o Instituto Gentil Bittencourt;

Dona Julieta Goes das Dôres, do 6.º grupo, para o 1.º;

Dona Carlota Justo Ribeiro, do 1.º grupo, para o 5.º; e

Dona Maria Juliano do Espirito-Santo, do 4.º grupo, para 6.º

Dia 5—Foi nomeada a normalista Odina Dorothea Cardoso para substituir a adjuncta que passar a reger a 3.ª escola elementar da secção masculina do 5.º grupo escolar desta capital, durante o impedimento da professora effectiva, normalista Placidia Alves Cardoso.

## VÁRIAS

—Dezembro, 1911

—Assumiu a direcção do grupo escolar da villa de Santa Izabel, que vagou com a exoneração do funcionario effectivo, a professora da escola complementa-mista, normalista Elysiaria Silva dos Reis, visto estar ausente a professora mais antiga, a quem cabia essa substituição.

—A todos os directores dos grupos escolares do Estado e chefes das repartições subordinadas á Secretaria do Interior, foi enviado o relatório do sr. desembargador Secretario, referente aos annos de 1910-1911.

—A secretaria de Estado da Fazenda teve communicação de que a professora da escola mista da villa de Barcarena, normalista Joanna Marques Carepa, nomeada para o logar de adjuncta effectiva no grupo escolar de Bragança, fo., pelo sr. dr. secretario do Interior, considerada em transitio de 10 a 30 de agosto ultimo, sem prejuizo de seus ordenados.

—Para os devidos fins, o sr. dr. Secretario da instrucção publica communicou á secretaria da Fazenda não fazer mais parte do magisterio publico do Estado o sr. José dos Santos Elleres, ex-professor da escola elementar masculina de Porto-Salvo, municipio da Vigia.

—Ao sr. dr. Arthur Theodulo dos Santos Porto, presidente da commissão eleita pelo Conselho Superior de Instrucção Publica para dar parecer sobre a valia da obra didactica *Sciencias physico naturaes*, de auctoría do sr. Francisco Xavier Dias Cardoso, pediu o sr. dr. Secretario do Interior que faça entrega dos respectivos originaes ao referido auctor, que os solicitou, allegando desejar fazer, naquelles inéditos, algumas alterações.

—O normalista Benicio de Sant'Anna Lopes, removido do grupo escolar de Castanhal para o de Igarapê-assú, foi considerado em transitio nos dias 22, 23 e 24 de agosto ultimo. A' secretaria da Fazenda foi feita, para os devidos fins, a necessaria communicação



—De accordo com o art. 111 do Reg. geral do ensino primario, foi a secretaria da Fazenda auctorizada a adiantar, por conta da verba consignada no tit. I, cap. XXI, § 1.º, do orçamento em vigor, ás normalistas Idalina Augusta de Novaes Farias e Senhorinha Pinto da Silva, removidas dos grupos escolares de 1ª entrancia de Marapanim e S. Miguel do Guamá para os de 2ª de Vigia e Obidos, respectivamente, a importancia equivalente a tres mezes de ordenado, para suas despesas de installação, devendo a mesma ser descontada, mensalmente, na razão da 5ª parte de seus vencimentos.



Fôram justificadas, em dezembro, as seguintes faltas:

**Faltas justificadas** —de 1º a 30 de setembro—á normalista Paulina de Oliveira Castro da Costa, professora da 2ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar de Mocajuba;  
 —de 26 a 31 de outubro—ao normalista Antonio Magno Paes Junior, professor da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo de Alemquer.  
 —Teve tambem tres faltas justificadas, e tres abonadas, de accordo com o art. 120, letra d, do Reg. do ensino, a professora do 1º grupo escolar desta capital, normalista Cecilia do Amparo de Araujo Bastos.



## A instrucção pública nos Estados

### Rio de Janeiro

No Estado do Rio, a população escolar provavel, segundo os dados que encontrámos na mensagem apresentada pelo Presidente á Assembléa Legislativa, em 1º de Agosto de 1911, é de 140:000 habitantes.

A despesa com a instrucção pública foi, em 1911, de 1:155:612:365, e dos municípios do Estado foi o de Nictheroy em que se notou maior a porcentagem da matrícula em relação á população escolar: 31 %; do mesmo modo a da frequencia em relação á matrícula:—75 %.

Funcionaram regularmente 411 escolas publicas estadoaes, das quaes 385 singulares e 26 complementares.

O movimento nas escolas do Estado foi no ultimo quinquennio:

Annos	Matricula	Frequencia
1907	19550	12591
1908	14938	9336
1909	20331	13552
1910	17385	10924
1911	19512	14009

Nas 26 escolas complementares a matrícula em 1911 subiu a 4124 alumnos e a frequencia média a 3465.

A reforma mandada executar pelo dec. n. 1200 de 7 de Fevereiro de 1911 creou, nas localidades onde houver creanças em idade escolar e não existam escolas públicas, o ensino subvencionado, á razão de 3\$000 por alumno, até o maximo de 30.

O ensino secundario e o normal soffriam reorganisação ao tempo da mensagem.

Com as seguintes palavras encerra o dr. Oliyeira Botelho a parte referente á instrucção publica em sua bem elaborada mensagem:

«Muito resta ainda a fazer. Ao vosso esclarecido critério suggiro, por exemplo: a installação de um apprendizado agrícola ao lado de cada escola complementar do interior, onde os meninos, terminadas as aulas, possam aprender a laborar a terra e familiarizar-se com o manejo dos instrumentos agrários, habilitando-se a abandonar a rotina que tanto tem entorpecido o nosso desenvolvimento economico; e para as meninas, ensino profissional tambem, que póde ser ministrado em dias determinados da semana, ou depois das aulas, e que não consista apenas em trabalhos de agulha e sim egualmente na pratica dos arranjos de uma casa, ensinando-ae-lhes a technica dos modernos apparatus quo permitem lavar e engommar com perfeição, a arte culinaria, a criação de aves domesticas e tudo mais que possa contribuir para formar mulheres laboriosas e honestas.»

L. L.



## *Notas e Noticias*

Desembargador Augusto Olympio

Fez annos, no dia 2 do corrente, o ex.<sup>mo</sup> sr. desembargador Augusto Olympio de Araujo e Souza, competente Secretário de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, e Director da Revista do Ensino.

Cavalheiro de fino trato, que é o reflexo de uma fidalga educação, o illustre funcionario tem conquistado, nas altas rodas sociaes de Belem, alargado circulo de estima affectuosa e da mais justa consideração.

Na sua actividade e illustração incontestaveis, postas incondicionalmente ao serviço da causa pública, com dedicação e lealdade, tem o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. João Coelho, digno governador do Estado, encontrado seguros e efficazes elementos de exito no periodo já transcorrido de sua fecunda administração.

Espirito de uma sólida cultura, affirmando sua útil e proveitosa operosidade no desdobramento de múltiplas occupa-ções, são inestimaveis e sem conta os serviços que, de longa data, o Estado vem merecendo de seu incançavel labor.

O ensino publico, especialmente, tem recebido, por vezes diversas, o salutar influxo da sua esclarecida direcção, sob a qual a instrucção popular tomou, entre nós, a feição moderna que ora apresenta, de accordo com as novas intuições pedagogicas.

A Revista do Ensino, por elle fundada, é mais uma attes-tação eloquente do amor, do carinho e dos especiaes cuidados com que elle superintende este ramo dos serviços públicos, ao qual consagra, sem duvida, a porção mais apreciavel das suas preocupações. Guiado pelo seu alto espirito, pela sua educada e experimentada orientação prática, o nosso mensário vai abrindo caminho atravez da indifferença pública, levando longe da-qui o testemunho do nosso adiantamento e do gráo de cultura do nosso meio.

Justo é, pois, que a Revista, relembrando a data nata-licia de seu preclaro Director e Amigo, ora ausente, junte seus cumprimentos aos innumerados que nesse dia lhe fôram dirigidos, fazendo sinceros e affectuosos votos pela sua felicidade.

#### Dr. J. Leite de Vasconcellos

Deste notavel homem de letras, director do Museu Ar-cheologico de Lisbôa e professor de lingua portuguesa na Bibliotheca Nacional, recebeu Fléxa Ribeiro um affectuoso bilhete, no qual o reputado polygrapho luso agradece o estudo critico que, a proposito das *Lições de Philologia Portuguesa*, inseriu o nosso redactor chefe no 3.º fasciculo da Revista do Ensino.

#### Encyclopédia Nacional de Ensino

No Rio de Janeiro, por iniciativa dos professores públicos, foi recentemente installada a Encyclopédia Nacional de Ensino.

O illustre presidente da útil e futura corporação, dr. Fábio Luz, conhecido publicista, communicou officialmente a sua funda-ção ao sr. dr. secretário da instrucção pública, neste Estado.

O sr. dr. Fléxa Ribeiro agradeceu essa gentileza, fazendo votos para que a Encyclopédia Nacional, creada sob os mais animadores auspícios, collimando o fim que tem em vista, alcance o gráo de prosperidade que commettimentos dessa natureza merecem.

Dr. Benjamin Lima

De regresso de sua viagem a Europa, passou por esta cidade, com destino a Manaus, o illustre paraense dr. Benjamin Araujo Lima, espirito culto, que já entre nós brilhantemente se affirmára, annos passados, numa conferência d'arte — A MULHER E A BELLEZA DA VIDA—, que ficou na memória de todos que tiveram o delicado prazer de applaudil-o. O Dr. Benjamin Lima, que entrou para o número dos nossos collaboradores, em breve iniciará uma série de críticas literárias, que maior valor darão a este mensário.

A physiotherapia em Belem

Inaugurou-se no 1º de Janeiro a secção electro-rádio-photo-thermotherápica do *Consultório Médico Cirúrgico* dos drs. Acylino de Leão, Oswaldo Barbosa, d'Utra Vaz e Carlos OrNSTEIN, sito ao Largo da Misericórdia, 14.

Excepto a água, que com o nome de medicina natural é explorada entre nós pelas mãos inhabeis dos charlatães, todos os agentes physicos são representados:—Raios X, dispostos em amplo compartimento, e comprehendendo empolas, mesas, cadeiras, gabinetes, e depositivos especiaes, para radioscopia, radiographia, e radiotherapia;—Electricidade, com tres pantostatos para galvanização, faradização, cautério, endoscopia, electrólise, ionização e banhos hydroeléctricos, um solenoide de alta-frequência, para fulguração e affluvação, e a gaiola de D'Arsonval;—a Luz, emanada da lâmpada Finsen e da lâmpada de mercúrio, de radiações ultraviolêtas (Uviol dos alemães);—o Méthodo de Bier, cuja base é a congestão sangüinea local, possuindo as faixas e ventosas para a hyperhemia passiva, e depositivos de ar quente, para a hyperhemia activa.

A installação foí feita por um especialista, o engenheiro Alfred Taschk, que veio contractado de Vienna para esse fim; os aparelhos, todos fabricados de encomenda, vieram de Hamburgo, e representam o que ha de mais aperfeiçoado no gênero.

O consultório possui tambem uma bella sala de cirurgia, com arsenal moderno e aparelhagem de esterelização, bem assim um laboratório de microscopia e química biológica.

Os nossos collaboradores

Dois novos collaboradores abrilhantam, neste fascículo, as páginas da Revista: os senhores Teodoro Rodrigues e Ferreira dos Santos. O primeiro, poeta e prosador de nome sobejamente conhecido nas letras nortistas, offerece aos nossos leitores a poesia —A Escola, na qual a suavidade do seu estro se affirma, mais

uma vez, na impecabilidade da fôrma e na harmonia serena do verso. O outro, educacionista que se tem imposto ao nosso meio pelo cultivo da intelligenza, insere um interessante estudo sobre «anomalias convencionaes da orthographia portuguesa», trabalho de investigação nos domínios da língua pátria.

E assim vae a Revista, de accordo com os seus alevantados intuitos, formando um sério núcleo de collaboradores, capazes de lhe darem, entre as publicações similares, o valor e a linha que ella pretende alcançar.

Accresce que o nosso mensário deixa aos seus cooperadores intellectuaes campo aberto ás mais francas manifestações do pensamento, dentro dos limites que o seu character de publicação pedagógica lhe ha naturalmente traçado.

Assim, cada qual assume a responsabilidade das idéas que esponder, esgrimindo por ellas, si assim o julgar conveniente, nos recontros provocados pelas controvérsias.

Esta redacção se reserva apenas o direito de fiscalização do molde literário em que o trabalho fôr enquadrado, da serenidade e compostura do contendor, nos casos controvertidos, e da utilidade da contenda.

Os outros intellectuaes que figuram neste fascículo, honrando-o com trabalhos de incontestavel valor, são nomes já conhecidos dos leitores da Revista.

### Agradecimentos

A todas as pessoas que a distinguiram com bilhetes de cumprimento pela entrada do Novo Anno, a Revista do Ensino apresenta, por este meio, os seus agradecimentos, retribuindo os votos de felicidades que lhe fôrão dirigidos.

### Escola Normal

Effectuou-se hontem, á noite, no salão nobre da Escola Normal, a entrega de diplomas aos normalistas que concluíram o curso no anno findo.

Da solennidade e brilho do sympathico festival diremos em nosso proximo numero, quando estamparemos, tambem, em magnifico *cliché*, o quadro em que figuram, photographados, os jovens professores.

Neste fasciculo damos apenas, a seguir, a lista dos diplomados:—Maria de Carvalho Telles, Abygail Junqueira, Florença Sampaio de Souza, Maria Gabriella dos Santos Antunes, Raymunda Ferreira, Julia Teixeira, Marcia de Araujo Costa, Zulmira Crespo de Castro, Maria Carmen Alves da Cunha, Rosina Quaglia, Aurora Schmidlin, Eulalia da Fonseca Figueiredo, Servita Duarte Bentes, Argemira Lameira Ramos, Adolphina Rodrigues de Souza, Maria Alves Sobral Bentes, Naza-

reth Pinheiro dos Santos, Ernestina Arnaud, Esmerina Nunes Ferreira, Thereza Fonseca da Cunha, Alice de Figueiredo Moura, Ignez Martins Lages, Ignez Teixeira Mendes, Margarida de Nazareth Tavares, Isabel Ferreira da Fonseca, Maria de Bellem Baião, Dolores Pires de Freitas, Adelaide Mauricia Saldanha, Apolonia Pinheiro dos Santos, Maria Fillippa Cardoso, Raymunda Pinto de Vasconcellos, Benedicta de Oliveira Tavares, Raymunda Maria da Silva, Dolores Teixeira Nunes, Adalgiza de Lima Maia, Maria José Leger, Alexandrina da Costa Rocha, Cypriano Tavares, Aristogiton Felix Motta de Carvalho.

### Instituto Lauro Sodré

No dia 20 do corrente, pela manhã, realisa-se, neste estabelecimento de ensino profissional, a festa com que costuma iniciar os seus trabalhos annuaes.

Por essa occasião serão entregues, a diversos educandos, diplomas de operarios de 1ª e 2ª classe, e bem assim os certificados de estudos primarios e elementares aos que concluíram os respectivos cursos.

Dessa festa nos occuparemos minuciosamente no proximo fasciulo da Revista

### Decreto

Na secção *Legislação do ensino*, deste numero, publicamos, na íntegra, o Decreto n. 1860, que dá regulamento aos institutos de ensino primário e secundario de que trata o art. 4º da lei n. 1220, de 6 de novembro de 1910.

### As nossas gravuras

A Revista insere, no presente numero, tres nitidas gravuras, representando os edificios em que funcçionam os grupos escolares das cidades de Maracanã e Cametá e da villa de Santa-Izabel, neste Estado.

### Gremio Escolar Luso-Brasileiro

Sob a competente direcção do professor Teixeira de Souza, muito conhecido nesta capital, acaba de ser fundado na cidade do Porto (Portugal), á rua de Serralves, 1314, um estabelecimento misto de educação e ensino, com a denominação de *Gremio Escolar Luso-Brasileiro*.

O ensino nelle ministrado comprehende os cursos primario, secundario e commercial.

Communica-nos o professor Teixeira de Souza que o seu collegio, modelado pela mais recente orientação pedago-

gica, vem preencher, pelas vantagens que offerece, uma grande lacuna que de ha muito se faz sentir naquellas lindas, encantadoras e salubres paragens da Europa. E que o local onde foi fundado o *Gremio* é o mais hygienico dos bellos suburbios da cidade, disfructando-se lindos panoramas como a risonha Villa Nova de Gaya e o magestoso rio Duro, que lhe corre a poucos metros de distancia.

Este *Gremio*, diz-nos ainda o seu director, ha-de, forçosamente, impôr-se por muitos predicados que o recommendam e caracterisam, como se deprehende do seu *programma*, entre os quaes, o haver um professor brasileiro que ensinará aos seus patricios, obrigatoriamente, para estes, e por livros brasileiros, a Historia Patria, Chorographia e Geographia do Brasil e o Civismo Nacional.

O professor Teixeira de Souza é encontrado, diariamente, no consulado portuguez, nesta capital, onde se promptifica a ministrar todos os esclarecimentos que, a respeito do seu estabelecimento, lhe sejam solicitados.

### Corrigenda

A' pagina 294 deste fasciculo, no texto em griphe, sobre o Padre Manoel Bernárdez, escaparam dois erros de revisão que nos apressamos em rectificar.

A' 6ª linha, em lugar de—*Só se lhe pode*—, deve ser—*Só se lhe podem*—; e á linha abaixo—*modernamente*—, envez de—*moderadamente*—, como está.



## *Legislação do ensino*

Pelo ex<sup>mo</sup>. sr. dr. João Coelho, governador do Estado, foi sancionado o decreto nº 1860, que dá regulamento aos institutos de ensino primario e secundario de que trata o artigo 4º da lei nº 1220, de 6 de novembro de 1910, decreto que damos a seguir:

Art. 1.º—Aos institutos de ensino primario e secundario que contarem tres annos, pelo menos, de funcionamento ininterrupto neste Estado, e tiverem sido fundados por associações ou particulares, poderá o governo extender as mesmas vantagens e privilegios assegurados aos estabelecimentos officiaes congêneres, quando satisfizerem as seguintes condições:

1) Constituir um patrimonio de trinta contos de réis, pelo menos, representado em apolices das dividas estadual e federal ou pelo proprio immovel em que funcionar o instituto;

2) Observar rigorosamente o regimen e os programmas de ensino adoptados nos estabelecimentos do Estado e todas as disposições dos seus regulamentos, relativas ao numeno e seriação das disciplinas, á sua distribuição pelos annos dos cursos e numero de horas semanaes consagradas ao estudo de cada materia;

3) Provar haver obtido, nas exposições escolares de desenho e pintura instituidas pelo governo do Estado, ao menos um dos premios officiaes indicados nos regulamentos das mesmas exposições, e continuar a concorrer a ellas;

4) Sujeitar-se á fiscalisação da secretaria de Estado do interior, justiça e instrucção publica, por intermedio de um delegado de nomeação do governo e sem prejuizo da que fôr exercida pelo Secretario de Estado do interior, e auctoridade do ensino a quem elle commetta tal incumbencia;

5) Manter um internato para vinte alumnos, no minimo, e a matricula de quarenta externos e semi-internos;

6) Ter direcção e corpo docente de reconhecida competencia moral e technica;

7) Possuir um gabinete de physica, chimica, e historia natural, sobre modelos apropriados para o ensino de desenho e area com capacidade e installações necessarias a exercicios de gymnastica escolar e militar, e tudo mais que fôr possivel crear consoante o progresso da pedagogia moderna.

Art. 2.º—O patrimonio de trinta contos, quando fôr constituido em apolices da divida publica federal ou estadual, deve ser depositado na secretaria de Estado da fazenda, em nome do instituto, e registado em livro especial com clausula de inalienabilidade.

§ unico.—No caso de ser constituido em bens de raiz é necessario que já pertençam ao instituto, tendo nelle sua séde ou pelo menos algumas das suas dependencias; e o patrimonio poderá comprehendel-o no todo ou em parte, segundo o seu valor estimado, nos termos de direito, devendo o immovel ser seguro em companhia abonada, livre de imposto e de demanda, desembaraçado de onus de qualquer especie, o que tudo constará de hypotheca legal, com que elle ficará gravado durante o tempo da equiparação.

Art. 3.º—Os institutos que quizerem obter a equiparação declararão, na petição em que o requererem, a sua denominação, séde e fins, o nome, estado e naturalidade da pessoa a cujo cargo estiver a sua direcção technica e do pessoal docente, e especificarão os cursos que desejarem manter a par dos officiaes para os effeitos de regalias e da fiscalisação, e instruirão o pedido com os seguintes documentos:



a) Um exemplar da folha official em que houver sido publicado, por extenso, o regulamento do instituto;

b) Certidão da secretaria de Estado da fazenda ou do registro geral das hypothecas, que prove a satisfação do exigido no n.º 1 do artigo 1.º;

c) Certidão da secretaria de Estado do interior para prova do requisito, constante do n.º 3 do mesmo artigo 1.º, paragrapho unico: A prova dos requisitos constantes dos n.ºs 4, 5 e 7 do referido artigo será feita por certidão mandada passar pela secretaria de Estado do interior, após verificação por si ou por auctoridade que designar, a qual lhe será pedida pelo director do instituto.

Art. 4.º—A' vista dos documentos apresentados, o governo poderá conceder a equiparação, nomeando um delegado fiscal de sua inteira confiança e conhecida competencia.

§ unico.—O delegado fiscal perceberá a gratificação annual de tres contos e seiscentos mil reis (3:600\$000), paga pelo instituto, que a recolherá em prestações trimestraes á secretaria de Estado da fazenda.

Art. 5.º—Ao delegado fiscal incumbe:

1) Expor em relatorios semestraes apresentados ao secretario de Estado do interior, quanto observar no instituto referente ao programma e merecimento do ensino, processo de exames, natureza das provas exhibidas, condições de admissões á matricula, idoneidade moral e technica do director e corpo docente, existencia de gabinetes necessarios ao ensino, matricula e frequencia do instituto e o mais que possa interessar;

2) Levar ao conhecimento do secretario de Estado do interior e instrucção publica qualquer modificação operada no corpo docente do instituto equiparado;

3) Rubricar o livro de matricula, verificar os documentos apresentados pelos candidados e encerrar-o no fim do anno lectivo;

4) Lançar o visto nos programmas organizados para o ensino das diversas cadeiras e para os exames;

5) Assistir aos exames, rubricar o papel para as provas e assignar as actas respectivas.

Art. 6.º—Os institutos equiparados terão o direito de conferir aos seus alumnos os titulos que concedem os estabelecimentos estaduaes, uma vez que tenham obtido nos exames as approvações exigidas pelos regulamentos destes para a obtenção dos mesmos titulos.

Paragrapho unico.—Estes exames, que serão feitos de conformidade com as instrucções que regularem os dos estabelecimentos estaduaes, deverão ser sujeitos á approvação do secretario de Estado do interior, e os titulos serão por este assignados, conjunctamente com o delegado fiscal e o director do instituto.

Art. 7º.—Em todo mais que não contradictar as disposições deste regulamento, é assegurado aos institutos particulares equiparados autonomia administrativa geral referente á sua economia interna.

Art. 8º.—E' licito aos institutos equiparados ensinar outras disciplinas não comprehendidas no plano de ensino dos estabelecimentos estaduaes, desde que disso não resulte, a juiso do governo, sobrecarga para os alumnos.

Art. 9º.—A infracção das disposições constantes do presente regulamento sujeitará o instituto equiparado, conforme a gravidade do caso, ás seguintes penas :

- a) Censura reservada ou publica;
- b) Multa de 200\$000 a 500\$000;
- c) Suspensão do privilegio [por tempo não excedente de dois annos;
- d) Cassação do dito privilegio.

Parapho unico.—As tres primeiras penas serão impostas pelo secretario de Estado do interior, justiça e instrucção publica, com recurso para o governo do Estado, e a ultima por esta auctoridade.

Art. 10º.—Tambem será cassado o privilegio quando a frequencia no estabelecimento baixar durante mais de um anno do minimo legal.

Art. 11º.—A suspensão ou cassação da equiparação serão determinadas por portaria do secretario ou decreto do governador, precedendo sempre audiencia do director do estabelecimento, que dirá a respeito no praso de quinze dias.

Art. 12º.—Se dentro do periodo da suspensão o instituto não preencher a condição que a ella tiver dado causa, será a equiparação cassada.

Art. 13º.—São prohibidas nos institutos equiparados aulas communs a alumnos de annos differentes.

Art. 14º.—Em todo e qualquer tempo poderá o instituto equiparado, segundo este regulamento, desistir das regalias obtidas por effeito da equiparação para voltar á plena autonomia, sem onus de especie alguma, tanto para elle como para o governo.

Art. 15º.—Os certificados de exames e diplomas, expedidos pelos institutos equiparados, têm assegurada inteira validade nos estabelecimentos officiaes do Estado e vice-versa.

Art. 16º.—Revogam-se as disposições em contrario.

O secretario do interior, justiça e instrucção publica, assim o faça executar.

Palacio do Governo do Pará, 6 de dezembro de 1911. (Assignados)

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO.  
*Augusto Olympio de A. e Souza.*

# *Livraria Moderna*

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

Completo sortimento de livros escolares;  
*litteratura, sciencias, poesias e jurisprudencia*

Grande deposito de livros em branco em todos os formatos

A casa que mais sortimento tem em papelaria, artigos para escriptorios  
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

**Vendas a dinheiro**

**SABINO SILVA**

Rua João Alfredo 86 Pará

Endereço Telegraphico Moderna. Caixa postal 216

# Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

# Pará-Chic

LIVRARIA

(DE)

**M. FREITAS & C.<sup>A</sup>**

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e  
Deposito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO  
PARAENSE", Variadissimo sortimento de  
livros sobre sciencias, artes, indus-  
tria, direito etc, dos mais re-  
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para'

# Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Com uma existencia de mais de 40 annos, e de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais rasoaveis. E' editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

## *Augusto Ramos Pinheiro*

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.

Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.

Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia

Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

## *Eponina de Oliveira Condurú*

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

## *Ten. te C. el Raymundo Alves da Cunha*

Paraenses Illustres

## *J. B. de Brito Bastos*

Geometria Pratica

## *Manoel João Alves*

Colleção de Traslados

## *Vilhena Alves*—(Fran.º F. de)

Compendio de Analyse Moderna

## *João Gualberto da Costa*

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

Quem uma vez comprar na Livraria Classica compra sempre

**Rua Conselheiro João Alfredo,—59**

Caixa Postal—253

Telegramma—JOTASANTOS.

**PARÁ—BELÉM**

# Bibliographia

REVISTA ESCOLAR—*Publicação do Instituto de Humanidades, da direcção do professor Joaquim da Costa Nogueira—Ceará*—Devemos á gentileza do sr Anacleto Pamplona, seu activo correspondente nesta capital, a offerta de alguns numeros desta útil e interessante publicação. A *Revista Escolar* é um mensário de feição pedagogica, inserindo em suas páginas trabalhos didácticos de valor, o que lhe dá saliente logar entre as publicações do genero. E' de sympathica feitura material, e está já no seu 8.º anno de existencia, resultado, sem duvida, do franco acolhimento que lhe tem sido dispensado.

No seu n.º 86, que temos sobre a banca, encontramos, a nosso respeito, na secção *Bôa Leitura*, as seguintes palavras, que agradecemos :

« **Revista do Ensino**, publicação official de sciencias e lettras e especialmente de pedagogia. Surgiu á luz da imprensa no dia 7 de Setembro ultimo na Cidade de Belem do Pará, sob a direcção do desembargador Augusto Olympio e redacção do Dr. Flexa Ribeiro.

O primeiro numero que temos sobre a banca é variado e bem collaborado.

Anguramos futura existencia á distincta collega, agradecendo a honra da remessa ao nosso amigo e presado correspondente Anacleto Pamplona. »

F. de S.

---

São depositarios da REVISTA, em Belem: LIVRARIA MODERNA, rua João Alfredo, 89; LIVRARIA CLASSICA, rua João Alfredo, 58; PARÁ-CHIC, João Alfredo, 83; LIVRARIA BITTENCOURT, 15 de Novembro, 15,

---

## SUMMÁRIO de 15 de Dezembro de 1911



Biologia (CONCEITO DA BIOLOGIA.—A VIDA.—A MORTE).....	<i>Acyllino de Leão.</i>
Decadencia do Darwinismo.....	<i>R. Moreira de Souza.</i>
História da Terra (SEGUNDA E TERCEIRA ÉPOCAS).....	<i>S. de Padilha.</i>
Contos (UM VEIO DE ÁGUA.—O PENÊDO AVÔ.—UMA ERVA.—O CAÇADOR.—UM RAIOS DE LUZ).....	<i>Affonso Lopes-Vieira.</i>
A Pátria.....	<i>Coelho Netto.</i>
Exposição de Pintura.....	<i>Joris Koris.</i>
História da Arte (ESCOLAS AMERICANAS.—ESTADOS UNIDOS).....	<i>Paes Barreto.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATORIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO)..	<i>Augusto Olympio.</i>
Uma carta.....	<i>Gonçalves Vianna.</i>
Festas escolares (ENCERRAMENTO DAS AULAS).....	<i>L. L.</i>
Pelo Magisterio (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>J. F.</i>
Notas e Noticias.....	<i>N.</i>
A Revista .....	
Bibliographia (RELATÓRIO DO SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR. — ALMA E CORAÇÃO, DE Hygino Amanajás).....	<i>O. N.</i>

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares. Toda a correspondencia que se lhe destine deve ser endereçada á CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

## SUMMÁRIO de 15 de Novembro de 1911



Noticia Crítica (SOBRE AS LIÇÕES DE PHILOLOGIA PORTUGUÊSA, PELO DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS.—ED. DA LIVRARIA CLÁSSICA DE A. M. TEIXEIRA, LISBÔA).....	<i>Fléxa Ribeiro.</i>
A cultura da memoria segundo a pedagogia scientifica.....	<i>João de Figueiredo.</i>
Questões de grammática e philologia (ERROS DE LINGUAGEM NO USO QUOTIDIANO.—EXCERPTO DAS LIÇÕES DE PHILOLOGIA PORTUGUÊSA).....	<i>J. Leite de Vasconcellos.</i>
História da Terra (ÉPOCA PRE-HISTÓRICA).....	<i>S. de Padilha.</i>
Relógios (POESIA).....	<i>Antonio Corrêa d'Oliveira.</i>
O Paraiso (A VIDA NO LAR).....	<i>Alves de Souza.</i>
Relatório sobre a Exposição Escolar de Desenho e Pintura.....	<i>Alfredo Souza.</i>
O Ensino do Desenho.....	<i>Theodoro Braga.</i>
A escola e o correio.....	<i>V. Cardoso d'Oliveira.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATORIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO) .....	<i>Augusto Olympio.</i>
Nólulas d'arte (O SALÃO DE PINTURA) .....	<i>Joris Koris.</i>
Festas escolares (ENCERRAMENTO DAS AULAS).....	<i>L. L.</i>
Pelo Magisterio (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS) .....	<i>J. F.</i>
Notas e Noticias.....	<i>N.</i>
Legislação do Ensino.....	
A Revista .....	
Bibliographia (FIALHO D'ALMEIDA.—VISÃO ESTHÉTICA DE SUA OBRA.—POR FLÉXA RIBEIRO)..	<i>O. N.</i>